



Maleta Democracia

Caderno de Textos









Fundação Roberto Marinho

Secretário-geral

Hugo Barreto

Canal Futura

Gerência Geral

Lucia Araújo

Gerência de Mobilização Comunitária

Marisa Vassimon

Coordenação Projeto Maleta Futura

Ana Paula Brandão

Debora Garcia

Desenvolvimento

João Alegria

Leonardo Machado

Marcio Vianna

Paulo Vicente Alves Cruz

Renata Couto





Sumário

Introdução	6
Lista e sinopses dos programas	10
Sugestão de atividades a partir dos programas	20
Fórum da Democracia	52
Contextualização da série Por que democracia?	64
Democracia e Liberdade: uma luta no tempo	144
Para saber mais	152





INTRODUÇÃO




Bem-vindo ao **Ano da Democracia no Futura!**

Embalados pelas comemorações dos 10 anos do Futura, elegemos 2008 como o ano da celebração da democracia. E não é por acaso: são muitos eventos a serem comemorados. Em 2008, completam-se 20 anos da Constituinte; 40 anos das manifestações por democracia no Brasil e pelos direitos civis nos EUA; os mesmos 40 anos da revolta estudantil na Europa e da Primavera de Praga. Há 50 anos, nascia a bossa nova e José Celso Martinez Corrêa criava o Teatro Oficina. Quer saber mais? Um pouco à frente, ainda neste Caderno, as grandes efemérides que marcaram os movimentos pela Democracia e a Liberdade, comemorados em 2008, são tema do texto produzido pelo historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, do Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Você poderá acompanhar um pouco mais sobre os grandes temas contemporâneos em artigo elaborado pelo mesmo autor e sua equipe, a partir da série **Por que democracia?**, composta por 10 documentários, e exibida pelo Futura. Os programas são resultado de uma ação internacional, envolvendo 45 emissoras de TV do mundo, lideradas pela BBC inglesa. Tanto a análise produzida pelo Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da UFRJ, como a série têm como objetivo instigar a discussão sobre o que se entende e se pratica, no mundo, em nome da democracia.

A **Maleta Futura – Democracia** conta, ainda, com mais 22 programas voltados para esse tema. E, sendo a Democracia demasiado ampla, optou-se por uma coletânea que fosse igualmente plural, da qual fazem parte: **Ética**, apresentado pelo filósofo Renato Janine Ribeiro; **Passagem para...** que mostra as viagens do jornalista Luis Nachbin pela América; **Ao ponto**, programa direcionado aos jovens e apresentado pelo psicanalista Jairo Bauer; **Não é o que parece**, feito em parceria com o Conselho Federal de Psicologia; **Comércio justo**, parceria com o Sebrae; **Sala de notícias – Entrevista**, com o filósofo francês Jacques Rancière; **Afinando a língua**, apresentado pelo músico Tony Belloto; a série **Que trabalho é esse**, animação de bonecos sobre trabalho escravo; e a série **Diz aí** que mostra a participação política da juventude brasileira na discussão de temas como sexualidade, educação, drogas. Também integram a coletânea a série **Terra paulista: histórias, arte e cos-**





tumes, produzida pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), que acompanha o livro *Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na Terra Paulista*, e os DVDs da série **Marco Universal – A exceção e a regra**, com nove documentários produzidos por diferentes diretores sobre complexas situações do cotidiano.

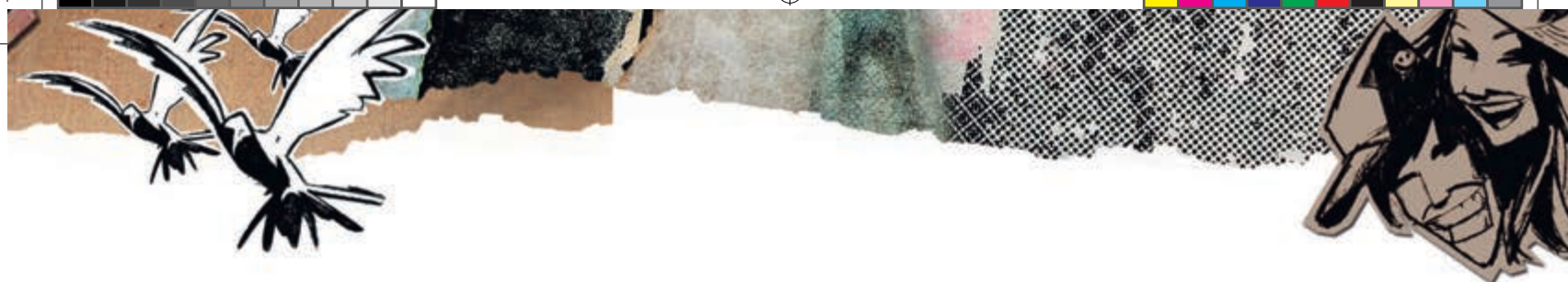
Junto com os programas, apresentamos sugestões sobre como usá-los em ações de formação e mobilização, em atividades lúdicas, educativas e culturais. Há também dicas de leitura e filmes que enriquecem os temas abordados.

Malas, maletas nos sugerem viagem. Levamos numa viagem aquilo que é mais importante naquele momento. A **maleta Futura** não é diferente, carrega exemplos do melhor produzido no país sobre o tema Democracia, e os transporta até você. Viajam na **Maleta Futura – Democracia** o exemplar de fevereiro de 2008 do **Le Monde Diplomatique**, editado pelo Instituto Polis, totalmente dedicado ao tema; o **Manual da mídia legal**, feito por jovens e para jovens, que discute de forma bem simples e direta questões atuais sob o ponto de vista dos meios de comunicação; a **Cartilha do trabalhador** que usa a linguagem dos quadrinhos para tratar dos direitos do trabalhador; o **Guia de atitude** que discute temas como políticas públicas, orçamento, participação e comunicação, produzido pela equipe da Rede Sou de Atitude; os cadernos bilíngües **Democracia viva**, de março de 2008, e **Democracia, desenvolvimento e direitos**, editados pelo Instituto brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

Trazemos, ainda, um exemplar da **Constituição Federal**, atualizada até a emenda 56; o livro **Cidadania no Brasil: o longo caminho**, de José Murilo de Carvalho; e o jogo **Ágora Futura**, em que todos são convidados a montar uma cidade e, depois, determinar as regras de convivência social para seus habitantes.

Dentro das ações do **Ano da Democracia**, o Futura reuniu especialistas, pesquisadores e lideranças de diversos setores e áreas de conhecimento no **Fórum Democracia** que teve como objetivo trazer as discussões para o âmbito da realidade brasileira: o que a democracia significa para cada um de nós? Quais os seus significados objetivos e subjetivos? Que riscos ela corre numa sociedade marcada por grandes desigualdades? Quanto vale a democracia para os cidadãos que sequer podem falar sobre ela? Qual o significado e a importância do voto? Estas e muitas outras questões foram





levantadas, de modo a construir as bases de uma reflexão ampla, que chegue às escolas, universidades e locais de trabalho, formando uma consciência crítica para uma tomada de posição diante dos problemas brasileiros.

Os resultados desse debate orientam as ações do Canal Futura, seja em relação à grade de programação, seja nas atividades presenciais.

A seguir, neste **Caderno**, um breve resumo de algumas das questões debatidas.





LISTA E SINOPSES DOS PROGRAMAS

Cinema discute a democracia no cenário mundial



Terra paulista – *Nada nos deterá*

Terra paulista – *Na beira do Ribeira*

Terra paulista – *Longe do mar, fora dos parques*

Terra paulista – *No fio do Podão*



Nada nos deterá!

Durante as primeiras décadas do século XX, as ferrovias expandiram as fronteiras cafeeiras do oeste paulista, criando novos caminhos, cidades e muitas histórias. Representando o progresso, serviam para justificar numerosas formas de devastação como, por exemplo, o extermínio quase completo dos grupos indígenas residentes na área. Passados cem anos, as ferrovias tornaram-se as vítimas do novo modelo de expansão e integração capitalista. As muitas ruínas das estações de trem e memórias ferroviárias são um ponto de partida para reflexões sobre as seduições e contramarchas do “progresso” na terra paulista.

Na beira do Ribeira

O Vale do Ribeira, devido à sua localização geográfica, apresenta boas condições de preservação das suas práticas culturais locais. Nessa região, ainda são encontrados grupos que sofreram poucas transformações, como as numerosas comunidades autodenominadas quilombolas, que até pouco tempo mal se reconheciam como afrodescendentes. Agora, esses grupos estão formulando sua identidade coletiva e recuperando sua auto-estima como comunidades negras.

Longe do mar, fora dos parques

Os caiçaras paulistas enfrentam uma situação de dupla expropriação de suas terras. A voraz especulação imobiliária decorrente do turismo expulsou-os de seus locais de origem e afastou-os de sua fonte de sustento e de suas práticas culturais. Outra situação agravante é derivada das limitações impostas pelas ações de preservação ambiental realizadas pelo governo do Estado de São Paulo, como a que transforma muitas terras caiçaras em reservas e estações ecológicas. Os caiçaras encontram-se, assim, cada vez mais impossibilitados de continuar subsistindo da terra e também de seus vínculos com o mar.



No fio do podão

A paisagem de grandes parcelas do interior paulista está em processo de transformação: impulsionadas pelo interesse internacional no etanol, as plantações de cana-de-açúcar proliferam por toda parte. Cada nova safra tem sido responsável pelo deslocamento, para canaviais paulistas, de grandes contingentes de trabalhadores provenientes das regiões mais pobres do Brasil. Em meio às plantações, distante de sua terra e de suas referências culturais, esse trabalhador volante subsiste em condições extremamente difíceis.



Ética

Ética – *Liberdade de expressão*

Passagem Para – *Os haitianos entram – República Dominicana*

Passagem Para – *Comunidade da paz*



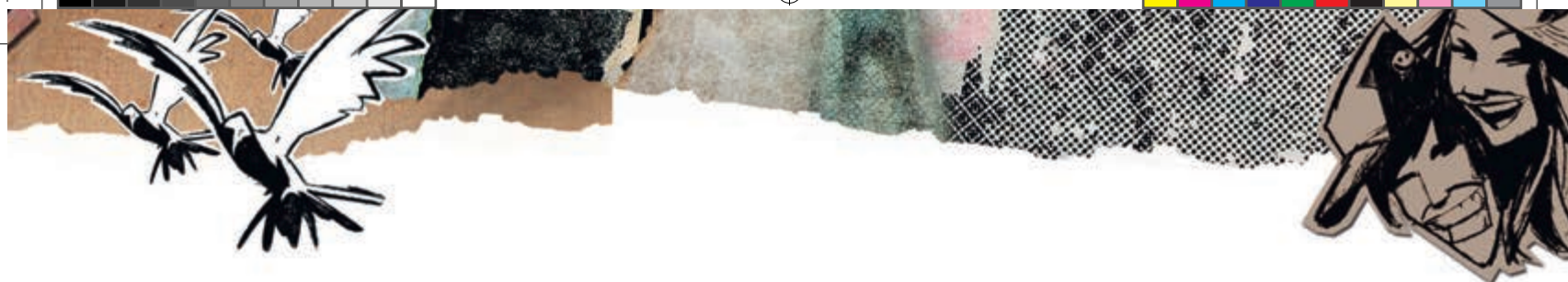
Ética

Se você encontrasse uma mala de dinheiro, devolveria? Dilemas éticos como esse surgem em várias situações do dia-a-dia. Renato Janine Ribeiro conversa com um padre, um travesti, taxistas e outras pessoas para discutir como eles resolvem situações que envolvem a ética. O ponto de partida dessa conversa é o drama do taxista Carlão na novela **Pecado capital**, que acha uma mala com dinheiro roubado.

Ética – Liberdade de expressão

A série Ética fala da liberdade em seus diversos aspectos e um dos temas é liberdade de expressão: liberdade de falar, de usar a linguagem para encontrar amigos, o amor, aliados – e para criticar, reclamar, protestar. Renato Janine investiga as relações entre grupos de estudantes para entender como essa liberdade é administrada nos conflitos coletivos e conversa com casais apaixonados para entender os limites e as negociações necessárias para uma relação onde haja liberdade. Tem destaque no programa a questão da liberdade de imprensa, fato relativamente novo no mundo, mas que já sofreu e ainda sofre sérias restrições. O jornalista Alberto Dines e o cartunista Jaguar são entrevistados sobre o tema. A liberdade de expressão leva à liberdade de ação? Qual é o preço da liberdade?





Passagem para Os haitianos entram – República Dominicana

Hospedado em um mosteiro na República Dominicana, Luís Nachbin vê de perto a pressão migratória que chega do Haiti. Guiado pelos freis Kelvin e Sidimar, ele busca as raízes de um antagonismo histórico e seus reflexos no presente. Para isso, conhece desde a capital, Santo Domingo, até uma comunidade de imigrantes haitianos, a 80 quilômetros dali, onde a expectativa de vida não passa dos 36 anos.



Passagem para – Comunidade da paz

Com pouco mais de mil habitantes, a Comunidade da Paz San José de Apartado se uniu para defender a paz. No noroeste da Colômbia, o grupo é um exemplo de resistência ao conflito armado entre as Farc, o governo e os paramilitares. E exatamente por isso, não está longe de sofrer com as ameaças e a violência. A comunidade concorreu ao Prêmio Nobel da Paz de 2007.



Ao ponto – *Total Flex*

Ao ponto – *Por que parou?*

Não é o que parece – *Viva a diferença*

Ao ponto – Total flex

Caetano Veloso anima o **Ao ponto** com sua música e fala sobre meninas e meninos que ficam com meninas e meninos. Bissexualidade é o tema. O programa debate se as pessoas estão mais livres para viverem seus desejos ou se esse comportamento está apenas na moda.

A galera conta suas experiências “total flex” e ainda ouve a história da compositora Lucina que viveu um casamento bem diferente.



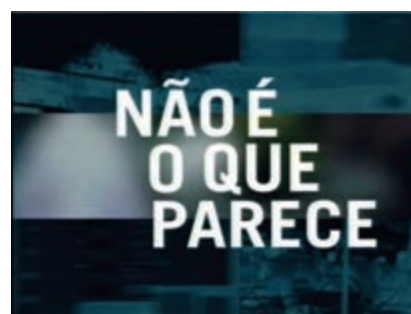


Ao ponto – Por que parou?

Em todas as épocas os jovens sempre participaram ativamente da vida política, mas atualmente parece que estão mais tranqüilos. Isso é mesmo verdade, ou apenas mudaram as formas de participação? O que é ser político? O que você quer para o mundo? Você se sente representado? Lenine leva um som e participa da discussão, junto com convidados que falam das várias formas de fazer política, como o ator Frank Borges.

Não é o que parece – Viva a diferença

O mundo não é só o que vemos. As coisas não são apenas o que parecem ser. A série, produzida em parceria com o Conselho Federal de Psicologia, fala da importância da dimensão subjetiva em nossas vidas. O programa aposta na subjetividade como importante instrumento para promover o desenvolvimento individual e coletivo. A intenção é provocar reflexões sobre sentimentos, preconceitos e identificações relacionadas aos telespectadores e seu comportamento.



Sala de notícias entrevista – Jacques Rancière
Comércio justo – Mato Grosso
Afinando a língua – Política

Sala de notícias entrevista – Jacques Rancière

O filósofo e professor da Universidade de Sorbonne, Jacques Rancière é o convidado do **Sala de notícias entrevista**, gravado em Paris. Polêmico e contundente, ele questiona o modelo tradicional de ensino e diz que é preciso inverter a lógica que parte da incapacidade do aluno. Para Rancière, cada pessoa sempre sabe alguma coisa e a escola deve ser um lugar de experimentação que permita que o aluno se aproprie das suas capacidades. Ele diz também que não podemos ter métodos específicos de ensino para ricos e outros para pobres, pois todos têm a mesma possibilidade de usar a inteligência. O francês, que trabalhou com Louis Althusser e Michel Foucault, defende o que chama de sociedade da emancipação e diz que é preciso criar dissenso, ou seja, ver o mundo de outra maneira num momento em que todos enxergam a mesma coisa.





Comércio justo – Mato Grosso

O programa mostra iniciativas de comunidades em Mato Grosso, um dos mais importantes biomas do planeta, que procuram acessar mercados em busca de melhores condições de vida. E fazem isso valorizando o que é delas: a riqueza da fauna e flora do Pantanal e da cultura regional mato-grossense. O engajamento, a organização, a união e o trabalho consistente são as bases para essas comunidades pavimentarem o caminho que leva ao comércio justo e solidário – uma grande rede que se mantém e cresce a partir de uma nova lógica de consumo.



Afinando a língua – Política

O programa analisa como a história política do Brasil tem sido revista por artistas e escritores. Através das músicas e dos textos, o telespectador tem um painel de cada tempo. Para isso, são apresentadas **Vossa excelência**, com Titãs; **Alagados**, com Paralamas do Sucesso e, ao final, Tony Bellotto recebe o músico Lucas Santtana. No quadro sobre línguas, é abordado o valor expressivo da exclamação.



Por que democracia? – Por favor, vote em mim

Em uma escola fundamental na cidade de Wuhan, na China central, crianças de oito anos de idade competem pelo cargo de monitor de classe. Os pais, dedicados a seus filhos únicos, participam e começam a influenciar os resultados. *Por favor, vote em mim* é um filme sobre uma experiência de chineses com a democracia.





Por que democracia? – Táxi para a escuridão

O governo dos EUA é acusado de praticar regularmente a tortura em ações militares, ao mesmo tempo em que procura espalhar sua mensagem de democracia em todo o mundo. O documentário levanta questões sobre qual será o estilo norte-americano de democracia no futuro. *Táxi para a escuridão* ganhou o Oscar de melhor documentário em 2008.



Por que democracia? – Campanha

Um candidato relutante, em sua primeira campanha, tem que encarar tudo o que for necessário para vencer uma eleição para o Partido Liberal Democrático, do primeiro-ministro japonês. O documentário do cineasta Kazuhiro Soda acompanha de perto uma acalorada campanha eleitoral em Kawasaki, no Japão, revelando a verdadeira natureza da democracia.

Por que democracia? – Charges sangrentas

A liberdade de expressão é um princípio democrático. Será que isso significa liberdade ilimitada? A que preço para os outros direitos democráticos? Alguns valores democráticos são mais importantes do que outros? As charges publicadas em um jornal provinciano da Dinamarca trouxeram essas questões para a linha de frente da política mundial.



Por que democracia? – Damas de ferro da Libéria

Ellen Johnson Sirleaf é a primeira mulher a ser livremente eleita chefe de Estado na África. Ela lidera a Libéria, uma nação pronta para mudanças. *Damas de ferro da Libéria* mostra seu primeiro ano de governo democrático, após quase duas décadas de guerra civil.

Por que democracia? – À procura de Gandhi

Que tipo de democracia a Índia tem hoje em dia? Usando como ponto de partida a famosa Marcha do Sal para Dandi, através de Gujarat, o documentário em estilo *road movie* lança um olhar sobre a





Índia contemporânea, a maior democracia do mundo, e explora o significado do legado de paz e não-violência deixado por Gandhi para os movimentos democráticos no século 21.



Por que democracia? – Egito: estamos vigiando você

Após 24 anos de liderança do Partido Democrático Nacional, do presidente Hosni Mubarak, o Egito é uma nação à beira de profundas mudanças. Porém, a violência e amplas alegações de fraude acompanham as primeiras eleições democráticas e multipartidárias realizadas em 2005. O filme acompanha três mulheres ativistas que tentam mostrar a verdade sobre a nova democracia do Egito.

Por que democracia? – Patriotas

Dezesseis anos após o colapso da União Soviética, a expressão “democracia administrada” descreve o atual estado da política russa. O filme *Patriotas* busca revelar como está se saindo a Rússia pós-comunismo.



Por que democracia? – Jantar com o presidente

Os cineastas Sabiha Sumar e Sachithanandam Sathananthan perguntam o que significa democracia no Paquistão, onde seu principal promotor é o chefe do Exército, que assumiu o poder por meio de um golpe militar. No país, a sociedade ainda costuma funcionar segundo as antigas regras tribais da vida política e social.

Por que democracia? – Procurando pela revolução

Che Guevara morreu na Bolívia, tentando trazer a revolução para a América do Sul. Quarenta anos depois, seu admirador, Evo Morales, se torna o primeiro presidente indígena eleito no continente, com a promessa de continuar a revolução inacabada de Che. Será que ele conseguirá?





Série que trabalho é esse

A série aborda a questão do trabalho escravo no Brasil, por meio de depoimentos e de uma dramatização, na qual contracenam atores e marionetes. Na ficção, Sr. Farias é o dono de uma fazenda e Toninho um trabalhador escravo. Justino é o amigo que tenta conscientizá-lo de sua situação. A série foi realizada pela Casa de Cinema de Porto Alegre em parceria com a Fundação Vale do Rio Doce e tem consultoria da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

- A dignidade no trabalho.
- O respeito com que o trabalhador deve ser tratado.
- Todo trabalhador é livre para ir e vir.
- A existência do trabalho escravo e o resgate desses trabalhadores.
- O direito à saúde e ao bem-estar do trabalhador e de sua família.
- O direito à remuneração pelo trabalho.
- O direito a férias remuneradas, ao descanso e à limitação de horas de trabalho.
- Onde denunciar o trabalho escravo.





Série Diz aí

A série **Diz aí** mostra a participação política da juventude brasileira. Inspirados pela primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, que aconteceu entre os dias 27 e 30 de abril de 2008, os programas trazem a opinião de meninos e meninas entre 15 e 29 anos sobre os mais diversos assuntos. A série foi gravada em cinco localidades diferentes: Natal, Conceição das Crioulas, no sertão de Pernambuco, São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro.

- Apresentação
- Educação
- Mídia
- Meio Ambiente
- Sexualidade
- Drogas
- Participação

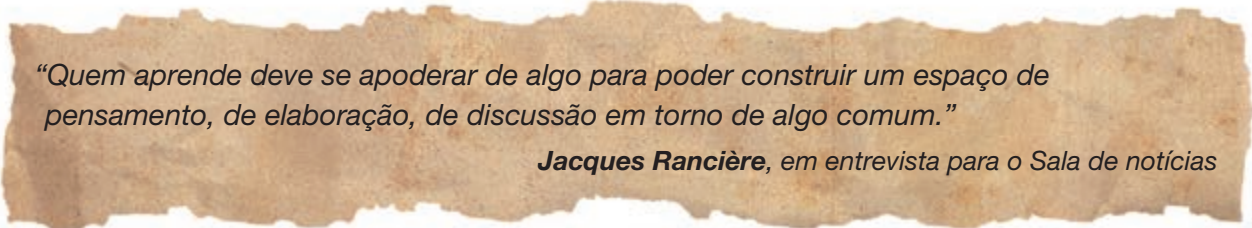





SUGESTÃO DE ATIVIDADES

VANESSA CASTRO

Comunicadora e educadora, especialista em mobilização social



“Quem aprende deve se apoderar de algo para poder construir um espaço de pensamento, de elaboração, de discussão em torno de algo comum.”

Jacques Rancière, em entrevista para o Sala de notícias

O objetivo destas sugestões é abrir caminhos para ampliar o diálogo sobre o tema democracia, a partir do uso dos programas do Canal Futura que compõem esta maleta.

As atividades sugeridas combinam o conteúdo de vídeos com jogos educativos que propiciam reflexões, trocas e a construção coletiva de conhecimentos. Vale lembrar que, como qualquer orientação metodológica, esta é apenas uma dentre muitas possibilidades.

O que vai definir como aplicar ou adaptar as sugestões aqui propostas ou, ainda, indicar a necessidade de inventar outras alternativas, é o objetivo estabelecido para o processo que será desenvolvido.

Depois de definir o tema que vai abordar e o objetivo das atividades planejadas você pode, ainda, aproveitar nossas sugestões de filmes, livros e sites como fontes de pesquisa para ampliar conhecimentos sobre o assunto, tendo em vista o foco que quer dar.

A seguir, algumas temáticas relacionadas a cada um dos programas e atividades sugeridas para ampliar os assuntos abordados:

POLÍTICA E CIDADANIA

1. **Série:** Afinando a língua – DVD 4
Episódio: Política (24:20 minutos)

Sugestão de temas para debate:

- » A palavra política vem do grego *politheia* e se refere a tudo que é relativo a *polis* (cidade-Estado, sociedade, comunidade, coletividade). Mas o significado de cada palavra varia conforme o tempo, o discurso e a prática que a envolve.

Em seu sentido original, o termo remete à relação entre os seres, à forma de lidar com o mundo e com os outros, à ética, aos princípios morais que regem a convivência em sociedade.



Exemplos frequentes de corrupção na política, além da impunidade e da retórica vazia, associam um sentido pejorativo ao termo “fazer política”. A música que os Titãs apresentam no vídeo, **Vossa excelência**, é um bom começo para falar sobre a distorção da política no Brasil e pensar em como isso se reflete em nosso conceito de cidadania.



Para refletir

Para você, o que é ser cidadão brasileiro?

Uma boa fonte de consulta para esta questão é o capítulo 5 da **Constituição Brasileira** que fala de garantias fundamentais – direitos e deveres – de todo cidadão brasileiro.

Proposta de atividade:

Cada integrante sugere os **princípios que deveriam reger a vida em sociedade**. Formam-se grupos para debater as propostas individuais e elaborar uma proposta coletiva sobre direitos e deveres universais que deveriam orientar as ações de todo cidadão, em qualquer lugar do mundo.

Depois que os grupos tiverem chegado a um acordo, e registrado por escrito aquilo que consideram essencial, faz-se a socialização das propostas e leva-se ao grande grupo a discussão sobre princípios que norteiam uma noção de direito universal. A partir desse trabalho, pode-se construir um “**código de convivência**”: relação de princípios básicos, construídos e aceitos coletivamente, que irão orientar as ações dos membros daquele grupo para uma convivência harmônica.



Sugestão de leitura

A leitura e discussão da **Declaração dos Direitos Humanos** é uma boa idéia para encerrar a atividade. Você pode encontrá-la em: http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php

Possibilidades de produção de comunicação:

- No final do programa, o apresentador, Tony Belloto, afirma que fazer política é fazer escolhas: escolher em quem se vota, o que se compra, o que se lê e o que não se lê. Nossas opiniões marcam nosso posicionamento político diante do mundo.





- Você já ouviu falar em *scrap book*? É um caderninho no qual você anota como foi o seu dia, que conta um pouco quem você é e como gosta de levar a vida. Por meio de imagens e textos, ele traduz um pouco da sua visão de mundo. Hoje, podemos dispor de diversos meios para expressar nossas idéias e impressões. O uso do computador ampliou as possibilidades de produção de imagens e sons e a internet expandiu a difusão e troca de informações. **Que cara teria o seu *scrap book*?** Crie um, em meio impresso ou eletrônico, e apresente-o ao grupo.

A ÉTICA EM NOSSO DIA-A-DIA

2. **Série:** ética – Dois episódios, divididos em três blocos de 7 minutos.

Episódio 1: Ética – DVD 2

Sugestão de temas para debate:

- » Ser ético não é só fazer o que é certo. É, também, agir de forma positiva. Ao fazer escolhas, não só definimos nossa maneira de agir como, também, escolhemos quem desejamos ser, construímos nossa identidade.

O apresentador do programa, Renato Janine Ribeiro, diz que uma grande questão ética é assumir as conseqüências dos próprios atos: “O maior problema ético é as pessoas quererem se isentar da responsabilidade pelas suas escolhas”.



Para refletir

A sociedade de consumo gera um grande volume de lixo e não sabe ainda muito bem o que fazer para evitar impactos negativos deste modo de vida no ambiente. Você se julga um consumidor consciente? Que ações positivas você desenvolve para a prática do consumo consciente e para lidar com o lixo que produz ou deixa de produzir?



Sugestão de leitura

Livro: **Abusado, o dono do Morro Dona Marta**, de Caco Barcellos – reportagem em forma de romance sobre o tráfico de drogas nos morros cariocas.





A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO

Episódio 2: Liberdade de expressão – DVD 2

Sugestão de temas para debate:

- » Usamos a linguagem para compreender o mundo, negociar com os outros e, também, para trocar afeto. Uma sociedade democrática incentiva relacionamentos baseados no diálogo, sejam pessoais, de caráter social ou profissional. É um exercício de argumentação: enquanto um fala, o outro escuta. Esse revezamento entre falar e escutar nos dá a chance de compreender a questão que está sendo discutida de forma mais abrangente. Mesmo dialogando, no entanto, nem sempre conseguimos chegar a um acordo. No vídeo, o apresentador diz que a nossa liberdade de expressão começa quando podemos dizer não ao outro, mesmo que ele fique descontente com isso, ou discorde de nós.



Para refletir

E você, exercita sua liberdade de expressão? Diz tudo o que pensa? Diz “não” com facilidade, seja para as pessoas com quem você convive, e de quem gosta, ou para quem você não conhece?

- » A relação familiar mudou muito no século passado. Em poucas décadas, a convivência dos filhos com seus pais, de absoluto respeito e obediência cega a limites rigidamente estabelecidos, abriu-se para o diálogo, permitindo negociar e aprender em via de mão-dupla.



Para refletir

Você tem idéia de como era a relação dos seus pais com os seus avós? Tente descobrir e refletir: era muito diferente da que você tem com eles, ou com a pessoa que desempenha(ou) esse papel em sua vida? **O que foi mantido e o que mudou de uma geração para outra nas relações entre os membros da sua família?**





Proposta de atividade:

Divida os participantes em quatro grupos para um jogo de **mesa-redonda**. Traga para cada grupo matérias de jornal ou revista sobre temas polêmicos, e que apresentem visões conflitantes como, por exemplo: alimentos transgênicos (visão de produtores e de consumidores); pesquisas científicas com células-tronco de embriões (posição de cientistas e da Igreja Católica); mudanças de comportamento, como casamento entre homossexuais (olhar de psicólogos e de grupos religiosos); conflitos sociais, como a demarcação de territórios indígenas (interesses e argumentos de cada segmento envolvido: índios, grandes proprietários, pequenos agricultores, garimpeiros).

Após ler o material, todos se sentam numa roda. Um a um, apresentam seu ponto-de-vista sobre o assunto abordado na reportagem anteriormente discutida com o grupo. Depois que todos tiverem se manifestado, abre-se espaço para perguntas e comentários dos participantes. É preciso nomear um mediador a cada rodada, apenas para equilibrar o tempo das falas dos membros da mesa-redonda e gerenciar a ordem das intervenções dos outros participantes. O mediador pode integrar um dos grupos.

Essa atividade promove o exercício da escuta do outro e da argumentação. A discussão no grupo favorece a troca de idéias e a cooperação. A apresentação diante de todos fortalece a auto-estima pela coragem de se posicionar diante de questões polêmicas. Essas habilidades são essenciais ao exercício da cidadania numa sociedade democrática e complexa como a nossa. Mas é preciso levar em consideração as vocações e limitações de cada indivíduo. Pode ser que um participante não se sinta à vontade para falar em público. Neste caso, como o objetivo é exercitar os princípios da democracia, é preciso negociar, oferecendo a essa pessoa a possibilidade de criar uma representação gráfica – imagem, símbolo ou frase de impacto – para expressar sua posição. Os demais integrantes podem fazer perguntas ou comentários, e ela fica à vontade para responder, ou não.

Possibilidades de produção de comunicação:

- **Palanque livre:** monte um palanque para que cada um possa dizer **o que é ética**. Para ampliar a visão do assunto, proponha que cada participante entreviste duas pessoas sobre esta questão. Ao se apresentar, cada um deve expor a visão dos entrevistados e a dele mesmo, comparando-as. Esta atividade também pode ser feita em grupos: cada integrante apresenta a sua visão e a de seus entrevistados sobre o tema. Discute-se no grupo para, depois, elaborar um discurso coletivo que será feito do palanque.
- **Cartaz de opostos:** divida os participantes em duplas. Cada um vai entrevistar o outro e procurar identificar algumas diferenças marcantes em suas visões de mundo. Depois, devem criar um





cartaz sobre o assunto em questão, mostrando as duas posições diversas. Os cartazes são expostos para o grupo. Aqueles que despertarem o interesse dos participantes podem ser discutidos na roda. O principal objetivo desta atividade é destacar a liberdade de expor idéias contrárias e a possibilidade de compreender uma mesma questão a partir de pontos de vista diversos, até mesmo divergentes.

A DIVERSIDADE É RICA

3. **Série:** Não é o que parece

Episódio: Viva a diferença – DVD 3

Sugestão de temas para debate:

- » O vídeo mostra um homem que borda e uma mulher que dirige ônibus. E também um músico japonês, um piloto de avião negro, um ator indígena e um gari branco.



Para refletir

Você acredita que, no Brasil de hoje, os diferentes grupos étnicos têm oportunidades profissionais equivalentes? E quanto às perspectivas de trabalho: são as mesmas para homens e mulheres?



Sugestão de leitura

Livro: **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**, do Ipea.

Vídeo: *Nem gravata, nem honra*, de Marcelo Masagão, sobre diferenças de gênero.

- » Muitos artistas foram classificados como loucos. O escritor brasileiro Lima Barreto, que nasceu em 1881, foi internado duas vezes num hospício da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1919 e 1920, devido a delírios provocados pela dependência alcoólica. Nesses períodos, manteve um diário, no qual escreveu: “O que todos nós desejamos, o que todos nós queremos é tirar da nossa vocação aquilo com que viver.”.





Para refletir

O que é **preciso hoje para viver de arte**? A arte é um meio de organizar símbolos no inconsciente e, por isso, é reconhecida como atividade que preserva a saúde mental. E as **obras produzidas em atividades de terapia, podem obter valor no mercado da arte**?



Sugestão de leitura

Livros: **Diário do hospício**, de Lima Barreto e **Poemas de corpo santo**, de Denise Espírito Santo. Ambos versam sobre loucura e arte. Livro e vídeo: *Imagens do inconsciente*, de Leon Hirszman, sobre o trabalho de arteterapia da psiquiatra brasileira Nise da Silveira.

Propostas de atividade

Para trabalhar a **desconstrução de conceitos estabelecidos**, antes de assistir ao vídeo:

- **Mímica do objeto:** escolher um objeto qualquer e deixá-lo no centro da roda. Um voluntário de cada vez apanha esse objeto e, por meio de gestos, transforma-o em outros, que o grupo procura adivinhar. Exemplo: uma caixa de óculos pode, com a ajuda da mímica, virar um telefone, uma máquina fotográfica, um sabonete ou pente, uma peteca ou até uma bola.



Para refletir

Dando seqüência ao processo de desconstrução de conceitos, pode-se **apresentar o vídeo sem som e deixar que o grupo imagine o que está sendo dito**. Depois de trocar idéias sobre o que foi visto, todos devem **assisti-lo novamente, agora com o áudio**. **A compreensão do conteúdo mudou?**

- **Para depois do vídeo:** a divisão dos participantes em grupos pode ser feita pelo **leilão de objetos**. Solicite que alguns voluntários se retirem do local por alguns minutos. O número de voluntários equivale ao número de grupos que se quer formar. Cada um dos que permaneceram escolhe um pertence seu (pode ser um adereço, uma caneta, moeda, chave, etc.) para “oferecer” aos voluntários que se retiraram. Todos colocam suas “ofertas” no centro da roda, sobre um papel par- do ou uma cartolina.





Quando os que saíram retornam, começa o “leilão”: cada um escolhe um item, até que todos os elementos tenham sido escolhidos.

Os novos “donos” dos objetos tentam identificar a quem eles pertencem, relacionando suas características ao modo de ser ou à personalidade de seus prováveis donos. Depois, devem explicar ao grupo suas justificativas. Neste exercício, alguns vão acertar e outros vão errar. O importante é destacar que todos nos apoiamos nas aparências para construir uma idéia ou imagem sobre as pessoas com quem temos contato. Finalizadas as adivinhações e reflexões, cada participante deve se apresentar à pessoa que está com o seu objeto para recuperá-lo.

Propor aos grupos que componham **uma música sobre revisão ou oposição de conceitos. Que tal um rap? Ou um repente?**

Sugestão de música

Metamorfose ambulante, de Raul Seixas, pode servir como motivação para essa criação musical.

Possibilidades de produção de comunicação:

- **Análise da presença étnica em anúncios de revistas:** recortar anúncios de diferentes publicações que tenham imagens de algum grupo étnico – branco, negro, indígena, oriental, outros.



Para refletir

Todas as imagens são reunidas no chão para que sejam analisadas em conjunto: alguma(s) etnia(s) aparece(m) mais do que outras? Há temas recorrentes ou padrões que se repetem nos anúncios de algum desses grupos? As ilustrações recortadas podem ser aproveitadas, podendo-se acrescentar outras, para fazer uma grande colagem, formando um painel representativo de diferentes etnias e povos.

- **Contação de história:** o painel com imagens de pessoas pode servir de base para uma história criada em conjunto. Um a um, os participantes escolhem uma delas, dizendo ao grupo o que os levou a preferir aquele personagem. Na roda, um dos participantes começa a contar uma história na qual esse personagem, em algum momento, aparece. Depois de contar um pouquinho, ele interrompe o relato no meio de uma situação qualquer, passando a fala ao próximo, que continua





desse ponto, e também inclui o seu personagem na ação. E assim vai: cada um contribui com uma parte do relato, sempre incluindo o seu personagem, até que o último participante procura uma maneira de encerrar a narrativa coletiva. A atividade pode ser gravada, de modo que, depois, seja possível ouvir novamente a história e fazer sua representação gráfica na forma de quadrinhos.

SEXUALIDADE E PRECONCEITO

4. Série: Ao ponto

Episódio: Total flex – DVD 3

Sugestões de temas para debate:

- » No vídeo, ao ser convidado a falar sobre a forma de lidar com a sexualidade, um jovem declara: “Mais importante do que agradar o outro é ser a gente mesmo”. Os participantes do programa falam de sexualidade ao longo da história, comentam a revolução sexual nos anos 60, e dão sua opinião sobre preconceito e pressão social.



Para refletir

Dizem, também, que para enfrentar preconceitos é preciso superar valores sociais que estão dentro de nós mesmos. **Você concorda? Como podemos transformar nossos pré-conceitos?**

- » Também no programa, Caetano Veloso diz que, ao mesmo tempo em que o ambiente geral está mais aberto para se pensar e falar de sexualidade, alguns valores tradicionais retomaram força, como a monogamia nos relacionamentos, o comportamento regado por normas religiosas, o culto à virgindade feminina e atitudes “neomachistas”.



Para refletir

No seu círculo de convivência, que valores tradicionais continuam válidos em assuntos ligados a relacionamentos e sexualidade? E que novos valores foram incorporados?





Proposta de atividade:

- **Mapa e ação de afirmação de direitos:** no primeiro episódio da série **Ética**, o filósofo e apresentador do programa, Renato Janine, diz que, no século XX, os modos de viver muito diversos, os costumes, crenças e convicções tão diferentes já não permitem que se fale em **ética da unanimidade**, mas nos levam a uma **ética da busca**, da dúvida, da diferença. A palavra-chave para valores éticos aplicáveis ao mundo contemporâneo seria, então, reciprocidade: pleitear, também, para todos os nossos semelhantes, os direitos que reivindicamos para nós mesmos.

Um dos participantes deste **Ao ponto – Total flex** se posiciona como heterossexual mas, falando sobre liberdade de opção sexual, declara: “Não precisa ser negro para lutar pelos direitos dos negros, não precisa ser cego para ter essa sensibilidade, não precisa ser mulher para saber que não é legal ela apanhar.” Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que a afirmação de direitos numa sociedade democrática, seja de opção sexual, de grupo étnico ou de gênero é uma forma de reafirmar a proposta de igualdade geral.



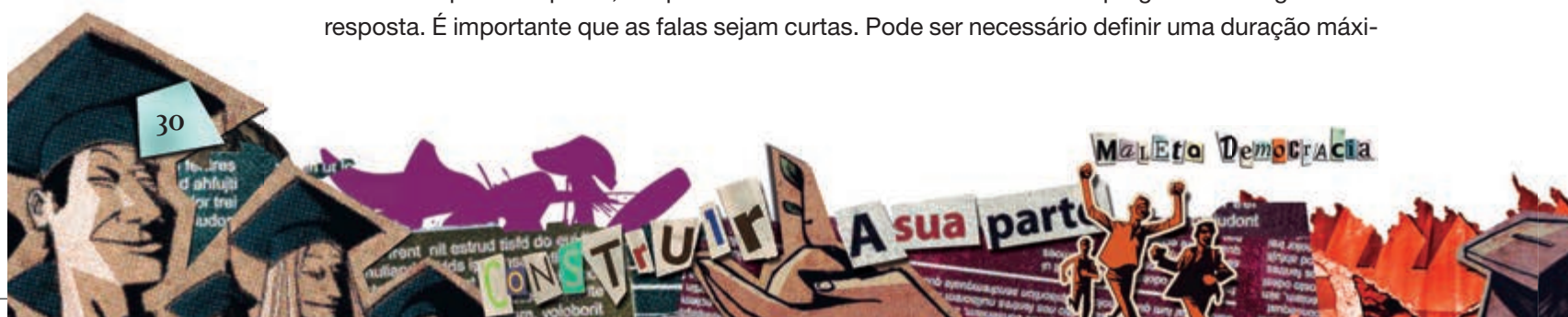
Para refletir

E você, participa de algum grupo ou movimento de afirmação de direitos? Qual ou quais? Conhece as instituições que atuam nessa área, perto de você? Faça um mapa, uma planta baixa, do seu bairro e situe nele essas instituições. De olho no mapa, planeje pelo menos uma ação que você gostaria de desenvolver em conjunto com alguma(s) delas.

- **Cena: a nova família.** A estrutura familiar mudou muito nas últimas décadas. O vídeo apresenta o depoimento de uma cantora, que vem de uma família pouco convencional, sobre sua experiência de vida. A partir deste exemplo, proponha que os participantes se dividam em grupos e elaborem **cenários de convivência em família que mostrem como essa nova estrutura familiar se organiza no cotidiano**.

Possibilidades de produção de comunicação:

- Em grupos: elaborar uma **pergunta-chave sobre sexualidade** para lançar em **entrevistas televisivas**. Cada grupo elabora uma questão. Cada um deles vai se revezar no papel de “equipe de reportagem”, enquanto seus integrantes se alternam na função de “repórteres”. Eles devem escolher alguém que não seja do seu grupo para entrevistar. A entrevista se inicia sempre pela pergunta-chave. Após a resposta, o repórter tem o direito de fazer uma última pergunta e de aguardar a resposta. É importante que as falas sejam curtas. Pode ser necessário definir uma duração máxi-





ma por entrevista, ou reduzir o número de entrevistas feitas por cada grupo, para que a atividade não se alongue demais. O jogo de perguntas e respostas vai abrir um conjunto variado de olhares sobre o tema e propiciar uma ampla roda de conversa sobre o assunto.

DIREITOS DE TODOS

5. **Série:** Terra paulista

Episódio 1: Nada nos deterá! – DVD 1

Sugestão de temas para debate:

- » Neste episódio, um dos pesquisadores afirma que os índios, pelo seu modo de vida, não trazem lucro à sociedade capitalista. Pelo contrário, do ponto de vista do capital, trazem prejuízo, porque “imobilizam” a terra, importante meio de produção.

Na época da expansão cafeeira e ferroviária, a “solução” para levar o progresso aos territórios ocupados pelos indígenas foi remover este “problema”, mesmo que fosse preciso exterminar estes grupos. A manchete do jornal que dá nome a este episódio, *Nada nos deterá!*, faz parte de uma reportagem que mostra a chegada do progresso à região e as soluções encontradas para superar os obstáculos. Um ex-funcionário da ferrovia, em seu depoimento, reafirma esta posição: “A estrada de ferro foi boa para o progresso, trouxe desenvolvimento para a região, os índios perderam e nós ganhamos”.

Como as populações indígenas são apresentadas na mídia, atualmente? O que está sendo divulgado na mídia impressa, no rádio, na TV e na internet sobre os territórios ocupados por esses diferentes grupos étnicos e sobre a demarcação de reservas indígenas?



Para refletir

Você tem idéia de quais são os direitos assegurados às populações indígenas do Brasil? Investigue desde quando há leis voltadas para este segmento da nossa população e do que elas tratam.





Para refletir

No final do vídeo, fala-se do descaso com que é tratado nosso patrimônio ferroviário. Você percebe semelhanças ou contrastes, identifica padrões de comportamento na forma como a sociedade capitalista lidou com as populações indígenas da região, naquela época, e a maneira como lida com a questão das ferrovias e dos ferroviários hoje?

- » A chegada e expansão da ferrovia no Oeste de São Paulo gerou conflitos com os povos que ali habitavam – os kaingang e os guaranis – e também deu início a um processo intensivo de desmatamento que provocou alterações no clima local. A construção da estrada de ferro, que ligou o estado de São Paulo ao Mato Grosso, começou em 1905. Um ano depois, em 1906, já havia avançado 100 quilômetros por dentro da Mata Atlântica. O terceiro episódio desta série, *Longe do mar, fora dos parques*, que trata dos caiçaras, comunidade de pescadores, mostra que a situação da Mata Atlântica é grave: hoje, restam 7% da cobertura original. Pela variação de altitude (do nível do mar a até quase 3 mil metros, em Itatiaia) e de diversidade de clima (vai do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte), ela é uma das maiores reservas de biodiversidade do mundo. Atualmente, é a mais ameaçada das florestas tropicais.



Para refletir

O mundo se vê, hoje, diante de um modelo de desenvolvimento econômico em grave conflito com questões ambientais. Na sua comunidade, há problemas ambientais relacionados ao modelo de desenvolvimento e aos modos de produção adotados? Pesquise se existe algum projeto com proposta de desenvolvimento sustentável na sua região e apresente-o para o grupo.

O segundo episódio, *Na beira da ribeira*, sobre os quilombolas, apresenta uma comunidade que vive na Mata Atlântica e que ganhou um prêmio internacional por suas práticas sustentáveis.



Para refletir

O que é, afinal, desenvolvimento sustentável? Que modelos de desenvolvimento podem ser considerados como sustentáveis?





A FORÇA DA UNIÃO

Episódio 2: Na beira da ribeira – DVD 1

Sugestão de temas para debate:

- » Embora apenas Palmares e Zumbi tenham ficado mais conhecidos, o Brasil já teve muitos quilombos e lideranças negras que lutaram pela conquista de direitos e pela posse da terra. Um líder quilombola declara no vídeo: “Não foi assim, ir lá e fazer uma lei, não é assim, não. Houve muita pressão e muita luta”. Podemos dizer que uma das conquistas para o reconhecimento do valor de nossa herança africana foi a Lei 10.639 que instituiu a inclusão de conteúdos da história e cultura afro-brasileiras em nossa educação.



Para refletir

Você conhece a Lei 10.639? Que elementos do seu cotidiano podem ser relacionados à nossa identidade afro-brasileira?

No quarto episódio, *No fio do podão*, que aborda o exemplo dos cortadores de cana para falar de mobilização social, diz-se que os imigrantes só se juntam àqueles que são naturais do seu estado de origem. Essa atitude interessa aos usineiros, que a incentivam, porque, segregados por estado, os trabalhadores se desarticulam e não têm força para reivindicar seus direitos: “Nós mesmos não pode fazer nada, se fosse por nós já tinha mudado”, diz um dos entrevistados. Mas, um outro complementa: “Os maiores empurram pra fora da competição, se brigar, pode demorar, mas melhora. Se não brigar, vai ficar ruim”.

- » Os negros africanos escravizados, trazidos para o Brasil, muitas vezes não falavam a mesma língua, o que fez com que a música e a expressão corporal se tornassem muito importantes para sua comunicação. A necessidade de comunicação não-verbal entre os diferentes povos deu origem ao jogo de corpo da capoeira e a ritos religiosos que até hoje marcam a nossa identidade afro-brasileira. Os grupos, articulados em quilombos e irmandades religiosas de afro-descendentes, intensificaram a luta pela libertação dos escravos. Até alforrias foram compradas com esforço coletivo dos membros das irmandades dos Pretos.





Os quilombolas da Ribeira, que formaram uma organização há 12 anos, fazem um resgate histórico-cultural dessas comunidades. A intensa participação popular é motivo de orgulho e contentamento entre os mais velhos. Hoje, o grupo atua em conjunto com povos indígenas. Um de seus membros afirma: “Negro que bota a cara na frente, temos direitos! Lutamos para o país chegar até aqui e ‘tamos’ lutando”.



Para refletir

Você já participou de alguma ação de mobilização social? Qual? Que causa coletiva este grupo escolheria se fosse articular uma proposta de mobilização comunitária?

DESENVOLVIMENTO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Episódio 3: Longe do mar, fora dos parques – DVD 1

Sugestão de temas para debate:

- » Mas o que é ser caixara? Responde um deles: “Caixara é pessoa livre: trabalha, come, diver-te. É livre, não é vagabundo, não”. Em outro depoimento, um pesquisador declara que um dos grandes males da nossa civilização é a aceleração do tempo.



Para refletir

Compare a relação que as pessoas têm com o tempo e com o trabalho, numa sociedade de modo de vida tradicional, e em nossa sociedade. Que semelhanças e diferenças você percebe?



Sugestão de leitura

O Papalagi – Discursos sobre os homens brancos, de autoria de Tuiavii, chefe da tribo Tia-véa, nas ilhas Samoa, recolhidos pelo alemão Eric Scheurmann. Edição original de 1920.





- » O primeiro grande impacto na vida dos caiçaras do litoral paulista foi a abertura de estradas, nas décadas de 30 e 40. Com a chegada dos turistas, a especulação imobiliária explodiu. Nos anos 60, aconteceu o primeiro movimento de expropriação de terras dos caiçaras. Um deles conta: “Pai e mãe analfabetos, não entendia o valor do dinheiro, 10 merréis achava que era muito”. Os latifundiários se apropriaram legalmente de uma parte das terras e acabaram tomando conta de tudo. A opção, para o caiçara, era vender a terra e se tornar seu empregado. Do contrário, a casa seria demolida e ele, expulso. Grande parte dos caiçaras foi morar longe do mar, nas encostas da floresta, levando a um crescimento urbano rápido e desordenado nas cidades litorâneas.
- » A segunda expropriação de terras dos poucos caiçaras que resistiram a essa primeira investida foi feita pelo Estado, com a criação de estações, parques e reservas naturais. Um dos moradores que permaneceu na área da Estação Ecológica da Juréia declara, no vídeo: “Ficou tudo aprisionado, a parte da sobrevivência... o homem pode viver sem dinheiro, mas ele tem que ter liberdade”. Outro jovem remanescente caiçara que vive ali com seu pai, sobrevivendo da pesca, conta que sua avó, de 93 anos, também mora com eles: “Se sair, pode matar a pessoa”. O episódio apresenta um grupo de cultura tradicional, que rege sua vida pela relação com a natureza, em conflito com políticas públicas ambientais.

Entre os ambientalistas, há uma corrente de estudiosos que julga ser possível a ocupação harmônica de florestas, aproveitando os conhecimentos de comunidades tradicionais para a sua preservação. Outros julgam que isso é inviável, e que a presença humana é sempre destrutiva: os territórios naturais que restam devem ser mantidos intactos, inabitados, com visitas restritas.



Para refletir

Qual a sua opinião sobre isso? Traga um exemplo ou elabore uma idéia de ocupação harmônica de áreas naturais na sua região. Que comunidades tradicionais existem na sua localidade? Quais são seus principais saberes?



Sugestão de leitura

Livros: **Nosso lugar virou parque**, Paulo Nogara e Antonio Carlos Diegues – Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas (Nupaub/USP); **Extensão ou comunicação**, Paulo Freire, sobre a relação entre engenheiros agrônomos e agricultores.





O DIREITO À TERRA

Episódio 4: No fio do podão – DVD 1

Sugestão de temas para debate:

- » Este episódio aborda dois instrumentos legais que regem o direito à terra: o Estatuto do Trabalhador Rural (1963) e o Estatuto da Terra (1964/65) que, dentre outros assuntos, tratam da transferência de técnicas e do uso de equipamentos e produtos, como agrotóxicos e fertilizantes, pelos camponeses.

No vídeo, uma pesquisadora observa que esses instrumentos jurídicos nem sempre favorecem o trabalhador, pois já serviram de justificativa para a dispensa de muitos empregados e para um novo modelo de contrato de trabalho temporário. Uma representante do sindicato diz que, ao estudar as leis, teve sua atenção despertada para a questão da “função social da terra, de gerar emprego e renda”. Segundo a legislação, se a terra não cumpre sua função social deve servir à reforma agrária. Na opinião dela, o uso de equipamentos diminui os postos de trabalho e os grandes latifúndios geram renda para uma só pessoa.



Para refletir

Você conhece o Estatuto da Terra? Acredita que políticas públicas de emprego e renda deveriam promover a apropriação ou a manutenção de terras pelos pequenos agricultores?

- » Ao fim do episódio, os entrevistados são convidados a falar sobre seus sonhos. As respostas variam, mas, entre os cortadores de cana e suas famílias, a propriedade da terra é o mais frequente. Eles citam, ainda, a segurança trazida pelo salário certo no final do mês, a alegria de poder equipar a casa com móveis e eletrodomésticos e outros, como ter uma casa maior ou um carro. Falam, também, da importância da “barriga cheia” e da saúde, de ser uma pessoa de bem, da amizade com Deus. “Sonha um bocado de coisa”, mas “ninguém sonha com serviço pesado”, dizem eles. E realizam os sonhos? “É difícil, mas realiza”.



Para refletir

Quais são os seus sonhos de realização pessoal?





- » A seguir, alguns **conceitos matemáticos** introduzidos pelo episódio, a partir de dados como a quantidade de cana que um homem corta por dia: os usineiros dizem que um campeão de podão tira de 15 a 17 toneladas, mas os trabalhadores afirmam que fica entre 20 e 30. Também se diz que cada homem corta o equivalente a uma área de 180 a 220 m², diariamente. **Qual é a média de metros quadrados de terra que é preciso cortar para colher uma tonelada de cana?**

No vídeo, o procurador da Justiça do Trabalho declara que fiscalizou 140 empresas (usineiras e terceirizadas) em 2006, e que lavrou 600 autos de infração.



Para refletir

Qual é a proporção de infrações por empresa? Que outros conceitos matemáticos podem ser identificados neste vídeo?

Proposta de atividade com os programas da série Terra paulista:

- **Pintura rupestre:** o que se sabe hoje sobre as culturas nativas que habitavam nosso território? Como este conhecimento chegou até nós? Uma idéia é fazer uma pintura com os elementos que caracterizam a cultura local para que, a partir dessas imagens, os futuros habitantes do lugar possam entender um pouco do nosso modo de viver hoje. Usando folhas de papel pardo e a técnica de pintura a dedo com guache, o grupo pode ser convidado a fazer um mural com imagens que representem a **identidade local**. Cada participante escolhe uma delas para comentar, exceto a que ele mesmo fez, e diz que significado ela tem. Em seguida, o autor se apresenta, revela o que quis representar com aquela imagem e escolhe uma outra para comentar. O exercício de interpretação continua, até que todos os trabalhos do painel tenham sido comentados.



Para refletir

Que características da cultura local se destacam nessas pinturas?





Possibilidades de produção de comunicação

- **Pesquisa com membros da comunidade e produção de livros artesanais sobre a história local:** Os programas da série **Terra paulista** utilizam documentos antigos, como fotos e jornais, associados a depoimentos de integrantes das comunidades e a imagens atuais para reconstruir a história de São Paulo.

Proponha a cada participante que entreviste uma ou mais pessoas sobre a história do lugar onde vive. Com base nesses depoimentos, ele deve construir um livrinho de oito páginas, incluindo capa e contracapa. Dessa maneira, será possível obter ângulos diferentes da história local. Os autores podem usar imagens e/ou palavras. Para confeccionar o livro, são necessárias duas folhas de papel A4 dobradas ao meio. É muito importante incluir os créditos sobre o autor e seus entrevistados.

Reunidos em duplas, os autores devem ler os livros uns dos outros, fazer perguntas e comentários sobre as histórias e sua forma de apresentação e, até mesmo, sugerir alterações, que serão feitas, se os autores assim o desejarem. Caso o livro tenha sido confeccionado a lápis, será mais fácil. Se os autores preferirem, podem criar uma segunda versão.

Após a conclusão da arte final, os livros são exibidos num varal para que todos possam ver e/ou ler as histórias. O “dia do varal” é também uma oportunidade para aqueles que desejam contar a sua história para o grupo. Por fim, recomenda-se encadernar o conjunto de livros e doá-los a uma biblioteca local, que pode ser a biblioteca municipal, ou alguma outra, onde os autores e, também, pesquisadores possam ter acesso ao material produzido.

- **(Im)parcialidade no jornalismo?** No primeiro episódio, *Nada nos deterá!*, imagens de jornais antigos e uma entrevista com um pesquisador deixam claro que as matérias publicadas na imprensa, nas primeiras décadas do século XX, traziam apenas o ponto-de-vista do branco colonizador que chegava impondo um modelo de progresso. O próprio título do episódio se refere a uma reportagem sobre o progresso e as dificuldades que precisavam ser superadas, sendo uma delas a presença dos povos indígenas que viviam no local.

Os índios eram apresentados como selvagens e cruéis assassinos. Mas nada era publicado sobre o extermínio de populações de aldeias inteiras, incluindo mulheres, crianças e velhos, não só pelo uso de armas de fogo, mas também por envenenamento ou contágio proposital com roupas contaminadas de varíola.

Formando leitores. Divida os participantes em grupos e deixe à disposição de cada um desses grupos um exemplar de jornal do dia (se possível, traga diferentes jornais locais/regionais). Cada grupo deve observar o conjunto de notícias de seu exemplar e procurar identificar se algum assunto está sendo tratado a partir de um ponto de vista unilateral. Pede-se que recorte as matérias





que identificar como parciais. E que redija textos que abordem outro(s) lado(s) de cada questão. Num papel pardo, cria-se um grande **jornal mural** com recortes de matérias e seus respectivos textos complementares, redigidos pelos grupos. Depois que o mural for finalizado, converse com o grupo sobre quais daqueles assuntos despertam maior interesse e por quê.

Dica

Esta é uma boa ocasião para incluir um estudo sobre o que chamamos de “diagramação”, ou sobre a estrutura visual de jornais impressos. A linguagem não-verbal também transmite mensagens: o formato do papel; o tamanho e o tipo de letra utilizado; os títulos em destaque e os subtítulos de apresentação para cada matéria; as informações ressaltadas e os gráficos explicativos; as matérias selecionadas para a primeira página e as que ocupam páginas e cantos menos visíveis; o espaço reservado às fotografias; a importância dos espaços vazios entre os assuntos, que predispõe a uma determinada dinâmica de leitura.

Discuta no grupo se um jornalista pode ter uma postura neutra diante dos assuntos de que trata. A **imparcialidade do jornalismo**, que se propõe apenas a apresentar os fatos, é **verdade ou mito?**

- **Documentar a realidade?** O cinema ou videodocumentário é, muitas vezes, pensado como um gênero oposto ao da ficção, porque nasceu com a proposta de documentar a vida das pessoas em seu cotidiano. Por essa razão, o documentário foi associado a uma espécie de “discurso neutro” do audiovisual, um pouco como o jornalístico no meio impresso: uma forma de apresentar a realidade e de retratar a história. Os programas da série **Terra paulista** seguem essa linha documental, trazendo depoimentos de pessoas e imagens que mostram a realidade em que vivem.



Para refletir

Você acredita que um documentário pode ser um retrato da realidade vivida?

Assim como estudamos a diagramação de jornais impressos, podemos observar o **processo de edição** de um vídeo, neste caso específico, de um videodocumentário: como é sua abertura, ou como introduz o assunto que irá abordar?

Se analisarmos cada um dos quatro episódios da série **Terra paulista**, veremos que, para chegar aos 30 minutos de conteúdo do programa, é preciso analisar todas as imagens e depoimentos coletados em muitas horas de trabalho, e selecionar os trechos que vão ser utilizados na montagem. Só depois dessa seleção é possível ordenar as imagens e definir um roteiro.





A essa estruturação dá-se o nome de montagem. O processo de edição também inclui pensar a relação entre o que está sendo dito e as imagens que são mostradas, a música que compõe a trilha sonora, para criar um determinado clima, os sentimentos que se quer despertar. Será que podemos afirmar que o documentário é realmente imparcial?

O quarto episódio, *No fio do podão*, fala da vida dos cortadores de cana no interior de São Paulo. Para mostrar essa realidade, a diretora convidou cortadores de cana, suas mulheres, um usineiro e um tomeiro, uma representante sindical, uma pesquisadora, um procurador da Justiça do Trabalho e membros da Pastoral do Trabalho para dar depoimentos. Observe como é feita a ligação entre as falas dos diversos entrevistados. Se você pudesse selecionar outras pessoas ou grupos para abordar essa temática da agricultura canavieira, quem mais chamaria?



Para refletir

Pense no local onde você vive. Se fosse elaborar um videodocumentário, falando da sua realidade, ou de algum aspecto dela, qual seria a sua idéia?

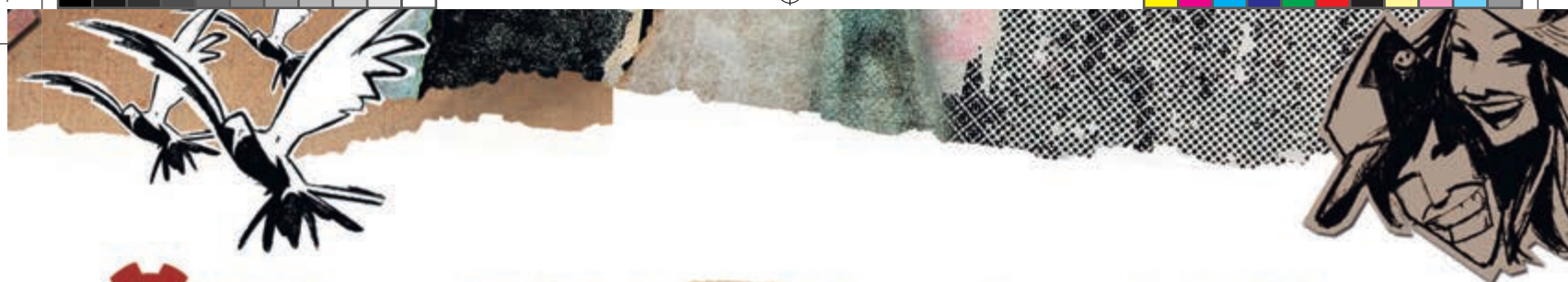
Num vídeo, a idéia central é chamada argumento. Faça uma dupla com um dos integrantes do grupo, conte o seu argumento e ouça o dele. Elaborem perguntas e comentários, para deixar as duas idéias o mais simples e fácil de entender possível. Como poderíamos definir o argumento do episódio *No fio do podão*?

Dica

Saneamento básico, de Jorge Furtado, é uma boa oportunidade para discutir como se realiza a produção de um vídeo/filme, tendo como pano de fundo as idiosincrasias orçamentárias de destinação de verbas do Estado. O filme conta a história de uma comunidade que luta para a construção de uma fossa para tratamento de esgoto, mas que, por razões inesperadas, acaba produzindo um filme.

Outra possibilidade de discussão interessante vem da idéia central do filme *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, que aborda a importância da memória na luta política de uma comunidade no sertão. Mais que isso, mostra que a memória é viva, é dinâmica. A história gira em torno da luta pela salvação de Javé ameaçada de ser inundada por conta da construção de uma hidrelétrica. Para salvar a cidade da destruição seria preciso preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heróicos de sua história.





Para refletir

Discuta com seus pares a importância de documentar o lugar em que vivem. Procurem refletir sobre como a memória, por meio da escrita ou de um filme, pode se tornar uma ferramenta de preservação da história da sua comunidade.

TRABALHO ESCRAVO

6. **Que trabalho é esse?** – Série com 8 episódios – DVD 10

Sugestão de temas para debate:

- » O tema da série é o **trabalho escravo**. Já no primeiro episódio, uma questão faz pensar: o que é um trabalho justo, digno? Outro episódio, *No fio do podão*, que integra a série **Terra paulista**, mostra o trabalho dos cortadores de cana e levanta aspectos históricos das relações trabalhistas. **Lembra** que a sociedade capitalista foi construída com base na exploração da mão-de-obra e que o cultivo de cana e de café no Brasil se fez com o trabalho escravo. Um cortador de cana entrevistado declara: “Escravidão nunca se acabou”.



Para refletir

Como você vê a relação entre trabalhador e mercado de trabalho no mundo, hoje? Que princípios regem as relações entre patrões e empregados no Brasil atual? O que é, para você, um trabalho digno?

Muita gente hoje não tem emprego, mas tem trabalho: quais são as diferenças entre trabalho e emprego? Que vantagens e desvantagens cada um deles proporciona?

Seja trabalho ou emprego, a sensação de sobrecarga, de tempo excessivo dedicado à atividade profissional é comum na vida e na conversa das pessoas. Muitas vezes, a profissão escolhida não leva em consideração o prazer pessoal.





Para refletir

Você acredita que o trabalho pode ou deve estar associado ao prazer? Que percentual do seu tempo você dedica hoje ao trabalho ou ao estudo? E entre que outras atividades você divide o seu tempo?



Sugestão de leitura

Livros: **O futuro do trabalho – Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial** e **O ócio criativo**, ambos de Domenico De Masi; e **A corrosão do caráter**, de Richard Sennet.

Proposta de atividade:

Júri simulado: Divisão dos participantes em três grupos: trabalhadores escravizados, senhores de escravos e jurados. Cada um deles recebe informações referentes ao papel que irá desempenhar.

Por exemplo: sabemos, pelo primeiro episódio da série, que o perfil dos **trabalhadores escravos**, no Brasil, é de homens, com idade entre 20 e 40 anos, e baixo nível de escolaridade. Muitos vivem de agricultura na região nordeste do país. Pela dificuldade de manterem suas famílias, caem nas falsas promessas do “gato”, aliciador de mão-de-obra a serviço dos grandes fazendeiros, e saem em busca de uma oportunidade para ganhar dinheiro e investir em terra. Deixam para trás a família e acabam perdendo o contato com ela. Muitos fogem, mas voltam por não encontrarem apoio em suas casas, ou por duvidarem da sua capacidade de encontrar uma oportunidade de trabalho digno.

O primeiro episódio da série traz uma estimativa da Organização Internacional do Trabalho (OIT), segundo a qual existem 12 milhões e 300 mil trabalhadores escravizados no mundo. O sexto episódio apresenta dados impressionantes: de cada cinco trabalhadores escravos, dois estão envolvidos com criação de gado. Na agricultura, um em cada quatro trabalhadores trabalha em regime de escravidão.



Para refletir

No Brasil, estima-se que, de um total de 25 mil pessoas escravizadas, 15 mil estejam concentradas nos estados do Maranhão e Pará. Outros estados onde o trabalho escravo é recorrente são Mato Grosso e Tocantins. **O que leva esses senhores de escravos, no Brasil, a agirem dessa forma? Que argumentos eles usam como justificativa para escravizar pessoas, ainda hoje?**





A Constituição Brasileira traz um capítulo sobre direitos e deveres fundamentais que trata, dentre outros assuntos, de condições básicas de trabalho. O Estatuto da Criança e do Adolescente também inclui tópicos sobre este assunto. Existem também as leis trabalhistas, feitas para assegurar condições dignas de trabalho aos cidadãos brasileiros. A Declaração Universal dos Direitos Humanos aborda essa questão, dentro da conjuntura global.

Tendo como base esses textos de referência, o **júri** deverá argumentar com o grupo dos senhores de terra e com seus escravos. O **juiz** faz a mediação do jogo, dando igual direito de voz a cada um dos três grupos, até o momento do julgamento, a cargo apenas dos membros do júri. Os participantes também podem votar por escrito, depositando o voto, que é secreto, numa urna, para depois ser contabilizado num quadro geral.

Tanto o grupo dos trabalhadores, quanto o dos senhores de escravos, devem ser encorajados a usar a imaginação para criar personagens verossímeis, ao interpretar o papel de testemunhas e advogados, elaborando também possíveis provas para o caso, que dêem maior vivacidade ao jogo e acrescentem dados “reais” para embasar os argumentos apresentados. Dessa forma, os dois grupos serão obrigados a trabalhar, também, com o improviso, pois um não sabe o que o outro vai apresentar diante do juiz e do júri. O grupo de representantes da lei terá que utilizar a legislação real como suporte para seus argumentos e respostas.

É importante ressaltar que, neste jogo, o exercício da argumentação é mais importante que o veredicto final. Depois, é interessante que todos tenham acesso às leis e à Declaração dos Direitos Humanos, disponibilizadas para o júri. Esse jogo permite abrir a discussão sobre os princípios que regem o trabalho numa sociedade democrática e dar destaque a alguns conceitos básicos do direito universal.

Possibilidades de produção de comunicação:

- No quinto episódio da série, o tema é o **papel da imprensa no combate ao trabalho escravo**, visando à sensibilização da população e ao fortalecimento dos órgãos que atuam nessa área. O episódio registra que, de 2002 para 2003, o número de reportagens de jornal e TV sobre o tema, no Brasil, aumentou seis vezes.

Proponha uma **pesquisa em jornais locais para buscar notícias sobre o assunto**. Promova um **debate** com o grupo a partir das matérias trazidas.

- Os episódios da série **Que trabalho é esse?** mostram como o “gato” chega com falsas promessas para os “ratos” que, em busca de melhores oportunidades, caem na armadilha do trabalho escravo. Quando chegam ao local, já estão devendo o transporte. A cada dia, a dívida aumenta com o custo da hospedagem e da alimentação. Embora ilegal, ela não pára de crescer e o tra-





balhador nunca vê a cor do dinheiro, ficando aprisionado. Proponha a **criação de peças publicitárias com o objetivo de alertar a população e incentivar denúncias**, informando sobre os procedimentos indicados para isso. As peças elaboradas devem ser apresentadas para o grupo já com uma idéia de onde serão divulgadas, ou quais os **possíveis veículos de comunicação**.

O VALOR DO TRABALHO

7. Comércio justo e solidário – Artesanato Mato-grossense – DVD 4

Sugestão de temas para debate:

- » Antes da era industrial, a oficina de produção artesanal era um dos modelos mais comuns de organização do trabalho. A indústria trouxe a produção em série, rígidos padrões de qualidade e uma obsessão com o tempo – eficiência é produzir cada vez mais em menos tempo. O contraste com a produção artesanal fica evidente: no artesanato, o tempo de produção precisa levar em conta os ciclos da natureza para obtenção da matéria-prima. O homem utiliza tecnologias rudimentares para elaborar objetos únicos que trazem a marca da criatividade e da imperfeição humanas.



Para refletir

Como a nossa sociedade estabelece valores para produtos artesanais e industrializados? Os critérios são os mesmos para esses dois tipos de produtos?

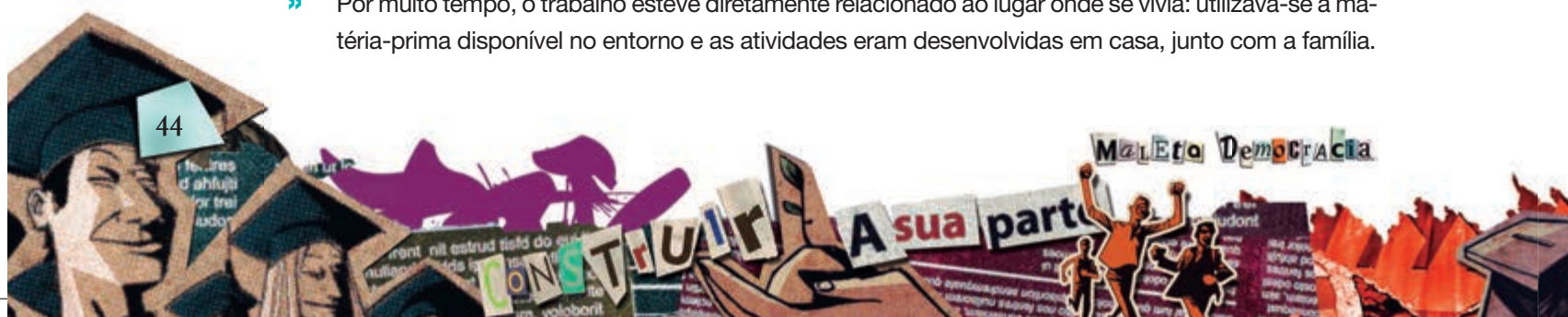
- » O programa mostra diversos exemplos de associação e busca de parcerias como alternativas para se chegar a um modelo de gestão sustentável da produção artesanal.



Para refletir

Você já pensou em criar um grupo para juntar forças e gerar oportunidades conjuntas de trabalho e renda? Investigue como é a gestão de associações e cooperativas – quais são as diferenças, vantagens e desvantagens desses dois modelos?

- » Por muito tempo, o trabalho esteve diretamente relacionado ao lugar onde se vivia: utilizava-se a matéria-prima disponível no entorno e as atividades eram desenvolvidas em casa, junto com a família.





Para refletir

Na sua região, ainda existem comunidades que preservam um modo tradicional de viver e têm a produção artesanal como uma de suas principais fontes de renda? Quais são os produtos que caracterizam o artesanato local? Entreviste alguns artesãos e investigue que aspectos do ambiente ao seu redor, da sua herança familiar, da sua história e identidade influenciaram sua escolha profissional.

O programa enfoca o artesanato do estado de Mato Grosso e, por conseguinte, **biomas do centro-oeste** brasileiro, como o **pantanal**, a **chapada** e o **cerrado**.



Para refletir

Quais são as características desses ecossistemas?

Proposta de atividade:

- **Feira de escambo:** cada um produz um objeto artesanalmente. Pode ser um desenho ou poema, um objeto ou escultura em papel, tecido, argila ou material reciclado, depois levado para trocar no grupo. Todos os objetos são dispostos num círculo. Cada um escolhe uma das pessoas da roda para presentear com a sua obra. Peça que procurem fazer alguma associação entre o objeto presenteado e a pessoa escolhida. Cada participante ganha apenas um presente. No final, quem quiser pode falar algo sobre o objeto que ganhou.

Possibilidades de produção de comunicação:

- A partir de entrevistas com artesãos locais, fazer um **inventário de sua produção:** cada um desenha ou fotografa um produto artesanal típico da região e redige um texto contando a história desse objeto e do artesão que o fabricou. Com o conjunto de imagens e textos produzidos, monta-se **uma exposição e/ou um livreto** sobre a produção artesanal local.





O VENENO DA DISCRIMINAÇÃO

8. **Série:** Passagem para...

Episódio: Os haitianos entram – República Dominicana – DVD 2

Sugestão de temas para debate:

- » O programa mostra a discriminação sofrida pela população do Haiti na República Dominicana. Os dois países dividem a mesma ilha. Muitos haitianos, fugindo da miséria e da guerrilha, fogem para a vizinha República Dominicana, muito mais estável e desenvolvida. Lá, sofrem todo tipo de preconceito.



Para refletir

Onde você mora existe algum grupo que seja discriminado? Por quê? Você já foi discriminado, se sentiu excluído alguma vez? Como foi? Alguma vez excluiu alguém, ou participou de um grupo que tenha feito isso?

- » Na República Dominicana, um local onde só vivem haitianos é chamado de *batey*, que quer dizer esperança. O vídeo informa que num desses *batey* o índice de jovens contaminados com o vírus HIV chega a 60%.



Para refletir

Que fatores você acha que levam um jovem a contrair Aids? Será falta de informação? Falta de acesso a preservativos? Se você fosse fazer uma campanha de prevenção contra a Aids, por onde começaria?





A BUSCA DA CONCILIAÇÃO

Episódio: Comunidades da paz – Colômbia – DVD 2

Sugestão de temas para debate:

- » O episódio mostra camponeses colombianos que buscam convencer comunidades a sair da linha de conflito entre guerrilheiros, exército e paramilitares. Um dos entrevistados diz que a guerrilha tem relação direta com o desajuste social: a fome, a pobreza, a falta de garantias de saúde, educação e vida para todos os cidadãos colombianos. Diz-se que as práticas de morte vistas na Colômbia são repetidas em outros locais como Iraque, África, Israel, Palestina e América do Sul.



Para refletir

Em muitas cidades do Brasil, os moradores de diversas comunidades também se vêem no meio do fogo cruzado entre traficantes, polícia e milícia. É possível trabalhar pela construção da paz nesses territórios? Como? Procure exemplos de instituições que atuam pela paz na sua cidade ou região. Que ações elas desenvolvem?

Sugestão de filme

Filme: *Abril despedaçado*, do diretor Walter Salles, aborda a violência entre famílias rivais no Nordeste brasileiro.

Proposta de atividade com os programas da série:

- **Foto-retinas:** convide todos para um passeio pelos arredores. O grupo deve ser dividido em duplas, cujos integrantes vão se alternar na função de fotógrafo e de câmera fotográfica do parceiro. Durante um trecho do passeio, o fotógrafo conduz a “câmera” (sua dupla) de olhos fechados. Quando quiser fotografar alguma imagem, posiciona seu companheiro de tal maneira que, ao abrir os olhos, ele terá diante de si a imagem a ser fotografada. Ele pode permanecer ali, registrando a imagem, pelo tempo que quiser (sem exageros, claro!). Cada fotógrafo tem direito a fazer até cinco fotografias com a sua dupla-câmera. Depois, eles trocam de função. Terminado o passeio, todos recebem papel, lápis para desenhar e para colorir e são incumbidos de representar uma





das imagens que gravaram na retina quando atuaram como “câmeras”. Os trabalhos são reunidos em uma “exposição fotográfica”. A partir das imagens expostas, o grupo conversa sobre os aspectos do entorno destacados pelos fotógrafos.

Dica

É um bom gancho para uma **oficina prática de fotografia**. Outra opção é, a partir de um conjunto de imagens selecionadas, explorar as possibilidades de **enquadramento**. Que sensação nos transmite uma imagem vista de baixo para cima? E de cima para baixo?

Sugestão de filme

Filme: *Nascidos em bordéis*, dirigido por Zana Briski e Ross Kauffman. Crianças de um bairro pobre de Calcutá são iniciadas na arte da fotografia e revelam trabalhos emocionantes.

Possibilidades de produção de comunicação:

- Como mostra o programa sobre as *Comunidades da paz*, em épocas de grave conflito social a liberdade de expressão é restringida.

No episódio *Liberdade de expressão*, da série **Ética**, fala-se da época da ditadura militar, da perseguição aos cidadãos que lutavam pela democracia e da restrição à liberdade de imprensa no Brasil. A censura controlava o que podia e o que não podia ser divulgado para a população, fazendo com que os brasileiros buscassem meios alternativos para se expressar e lutar pela democracia. Nessa época, as rádios livres explodiram no interior de São Paulo.

A primeira rádio comunitária da América Latina a ir ao ar, em 1947, na Colômbia, tinha o propósito de alfabetizar comunidades camponesas. No Brasil, foi na década de 90 que esse tipo de rádio ganhou força, baseado nos mesmos princípios que orientam a radiodifusão comunitária no mundo: devem ser veículos de informação da e para a comunidade, precisam estar vinculados a entidades ou associações comunitárias e preservar sua autonomia para que possam representar todos os seus integrantes e sua diversidade de opiniões. Uma rádio comunitária é um bem coletivo e deve ter como função atender aos interesses e demandas da comunidade. Vale lembrar que uma comunidade pode se expandir além de seus limites geográficos, estabelecendo-se a partir da identificação entre pessoas, e de reivindicações de interesse comum, como nas comunidades da internet.





Para refletir

Pesquise a história das rádios comunitárias no Brasil e na América Latina. Investigue quais são as que atuam na sua localidade e escolha uma para fazer uma análise da programação: **Há espaço para anúncios? Quem anuncia? Que tipo(s) de música ela veicula? A programação varia de acordo com os horários? Há matérias jornalísticas e entrevistas? Quais os assuntos mais abordados pelo jornalismo da rádio? Que outro tipo de programas veicula, além de jornalísticos e musicais? A partir da análise da programação, tente descobrir o perfil dos ouvintes da rádio: Onde moram? Qual é a sua faixa de idade? Qual ou quais são seus estilos preferidos de música? Pelas matérias e anúncios dessa rádio, você poderia imaginar alguns dos assuntos de maior interesse desse público ouvinte? O que eles consomem?**

O QUE É DEMOCRACIA

9. Sala de notícias – Entrevista com Jacques Rancière – DVD 4

Sugestão de temas para debate:

- » Na entrevista, Jacques Rancière diz que democracia não é só forma de governo, nem um modo social caracterizado pelo consumismo, mas passa pelo princípio da política, está nas relações entre pais e filhos, professor e aluno, patrão e trabalhador. Democracia vai além das formas institucionais, acontece nas ações que põem em jogo o princípio da comunidade, da igualdade, numa relação de negociação entre seus pares.

Para ele, numa sociedade democrática, ninguém tem competência particular para exercer o poder e ninguém está destinado a se sujeitar a ele. Todos compartilham competências: “Todos são capazes de governar e de ser governados”, resume.

No âmbito da educação, o modelo que separa os que “sabem” e são capazes de transmitir o saber aos outros, vistos como “os que não sabem”, reproduz um modelo de sociedade hierárquica. Uma marca do método tradicional de ensino é a posição do mestre como detentor do saber. Para alterar essa lógica tradicional, que parte da premissa da incapacidade daqueles que não sabem, é preciso tirar o foco das carências e valorizar as potências, estabelecendo uma relação de igualdade de inteligências. Uma pedagogia emancipatória deve partir do pressuposto de que todos têm igual capacidade intelectual. A emancipação é sempre conquistada, não pode ser dada.





Para refletir

Sabemos que a educação é parte importante de um sistema social. Como criar um sistema educacional em que todos sejam igualmente capazes de construir o conhecimento, e de participar das decisões comunitárias? Você já vivenciou alguma situação como essa? Onde isso aconteceu e como foi?

- » Os povos que vivem em condições sociais menos favoráveis são, por isso, menos capazes? Segundo o entrevistado, condições diferentes de acesso à cultura e ao ensino não devem justificar métodos especiais de educação que partem do pressuposto de que essas pessoas são menos capazes do ponto de vista intelectual. É preciso quebrar com o conceito de pessoas e lugares-vítimas oficializado no mundo. Os povos de países mais pobres devem se ver e ser vistos como autores, capazes de construir e transformar sua realidade, e não como vítimas. Com o pretexto de dar ajuda, muitas vezes, se estabelece uma relação assistencialista, de dependência hierárquica – aquele que sabe ajuda àquele que não sabe –, perpetuando a lógica dominante de inteligências desiguais. **Busque exemplos de propostas pedagógicas e sistemas educacionais emancipatórios desenvolvidos em lugares considerados como socialmente menos favorecidos.**
- » Jacques Rancière diz que os métodos de dominação cultural se constroem a partir da idéia de que o mundo é como é: basta olhar, e todos verão uma mesma coisa. Sendo assim, as pessoas se convencem de que não há outro meio possível de enxergar a realidade e, por consequência, acreditam que o modo de agir diante de cada situação será sempre o mesmo, que as soluções se mostram de forma automática para quem sabe olhar. Diante desses métodos de dominação cultural, uma das principais funções da arte seria produzir o dissenso, ou seja, apresentar formas diferentes de ver o mundo. **E qual seria o papel do público diante de uma obra?**

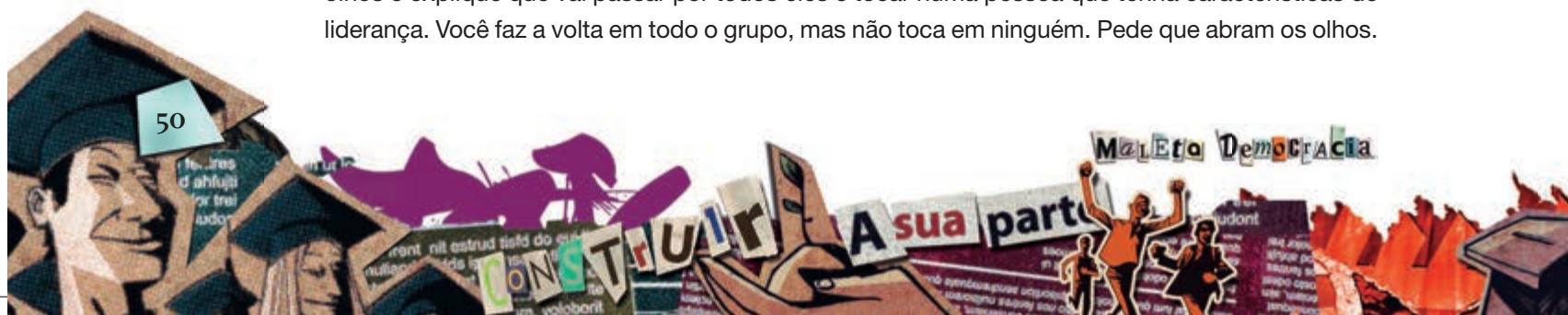


Sugestão de leitura

História das idéias pedagógicas, de Moacir Gadotti. **Televisión, audiencias y educación**, de Guillermo Orozco Gómez; **Pedagogía do oprimido**, de Paulo Freire.

Propostas de atividade:

- **Ninguém é, todo mundo é:** reúna os participantes num círculo. Peça para que todos fechem os olhos e explique que vai passar por todos eles e tocar numa pessoa que tenha características de liderança. Você faz a volta em todo o grupo, mas não toca em ninguém. Pede que abram os olhos.





Cada um deve apontar quem acha que você poderia ter tocado. Peça a alguns deles para dizerem o porquê da sua escolha. Depois que todos tiverem se manifestado, repita a dinâmica mas, desta vez, toque cada um dos integrantes do grupo. Mais uma vez, peça que abram os olhos e apontem quem acham que você tocou, ressaltando que podem manter ou mudar a escolha anterior. Ouça mais algumas pessoas sobre o que as levou a fazer uma determinada escolha e estimule uma reflexão sobre as características que marcam o perfil de um líder. Por fim, peça a quem foi tocado na primeira rodada do jogo para levantar a mão – ninguém vai levantar. Depois, peça o mesmo para quem foi tocado na segunda rodada – todos vão levantar a mão. Que reflexões podemos tirar desse exercício?

- **Criação plástica:** escolha uma imagem (desenho, gravura ou foto). Pense numa forma de recortá-la para, depois, reunir esses recortes numa **colagem que proporcione um novo olhar sobre essa imagem**. Todos observam e comentam as colagens produzidas. Depois, o grupo faz uma visita a um museu ou biblioteca para ver e comentar obras ou livros de arte.


Possibilidades de produção de comunicação:

- **O que é arte para você?** Disponibilize material para que cada pessoa do grupo faça uma **obra de arte**. Depois, monte uma **exposição** com essa produção. Cada um deve escolher um dos objetos, exceto o que ele mesmo produziu, para fazer uma **performance**, uma encenação qualquer, utilizando a obra do outro. Ao final das apresentações, faz-se uma **roda de conversa** sobre o que foi vivido, procurando **elaborar um conceito ou sentido de arte compartilhado entre os membros daquele grupo**. Se houver interesse, monte um **grupo de estudos sobre arte**.





FÓRUM DA DEMOCRACIA



“Opção à desigualdade brasileira é o tema principal que à democracia cabe enfrentar.”

Chico Oliveira

Apresentação

Em fevereiro de 2008, o Futura reuniu seus funcionários e um grupo de pensadores, pesquisadores, artistas e cientistas no **Fórum Democracia** realizado no Pólo de Pensamento Contemporâneo (POP). De cunho cultural e educacional, a iniciativa teve como principal objetivo amadurecer a discussão sobre o tema para, depois, levá-la adiante na programação e nas ações de mobilização do canal.

Que contribuição o Futura, um canal de educação privado e sem fins lucrativos, poderia dar à questão da participação política, de sua qualificação e do envolvimento do jovem com ela?

Ainda sem saber como abordar a questão, conhecemos, em junho, num evento internacional de documentaristas, um projeto multimídia mundial, Por que democracia? (Why democracy?) que propunha uma discussão global sobre o tema, sob coordenação da BBC, das TVs públicas da Finlândia e da Dinamarca e da ONG Steps International, da África do Sul.

Percebemos que era o material de que precisávamos para trabalhar a democracia com um olhar mais abrangente, e saber qual a percepção que outras sociedades têm sobre o tema.

Dez documentários, rodados por cineastas locais, foram produzidos em dez diferentes países para serem veiculados em 45 emissoras de TV do mundo inteiro e também na internet, por meio do My Space. O desdobramento da discussão ficou sob a responsabilidade de cada emissora. A expectativa era de que seria possível alcançar um público potencial de 300 milhões de pessoas.

Todos os programas são de altíssima qualidade – um deles, *Táxi para a escuridão*, ganhou o Oscar de melhor documentário em 2008. O material é tão bom no seu conjunto, que acreditamos que apenas exibí-lo seria pouco. O Futura é um canal que vai muito além da TV, com atuação em escolas e universidades, ONGs e outras instituições do Terceiro Setor, e cuja programação é utilizada em diferentes situações de aprendizagem e capacitação profissional. Pareceu-nos importante aprofundar o debate sobre a democracia, especialmente em 2008, ano de eleição. O Fórum foi gerado dentro dessa perspectiva.

Neste caderno, apresentamos os principais temas debatidos no evento pelo economista Francisco de Oliveira, o deputado federal Fernando Gabeira, a especialista em políticas sociais Lena Lavinas e o filósofo Renato Janine Ribeiro. Mediado por Moema Miranda, antropóloga do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e consultora do Canal Futura, o encontro teve, ainda, entre os palestrantes, Jurandir Freire Costa, Patrícia Lanes, Itamar Silva, Ronaldo Lemos, José Murilo de Carvalho e Sergio Haddad.

Lucia Araújo
Gerente Geral do Canal Futura



A Democracia no Brasil

Francisco de Oliveira

Peçamos ajuda a Tocqueville¹ e seu clássico **A democracia na América**. Quais são as bases e as perspectivas da democracia no Brasil?

Os mais otimistas apontarão que estamos no sexto mandato presidencial, cinco deles obtidos em eleições diretas, que o regime resistiu galhardamente ao *impeachment* do bufão de Alagoas, que seu vice tomou posse e governou sem problemas e *suma cum laudae*² para nossa democracia, os dois últimos presidentes, o segundo ainda no segundo ano de seu segundo mandato, foram personalidades marcantes da “invenção democrática” forjada ainda sob a ditadura militar. Um luxo só: um cientista social de primeira plana internacional, ao qual se seguiu a liderança operária mais importante da história brasileira. Parece que Deus é mesmo brasileiro.

Mas, pode haver mais de Alice no País das Maravilhas que de contos das mil e uma noites na trajetória recente da democracia no Brasil. FHC acreditou no Plano Real, graças ao qual elegeu-se, acreditou na lenda do mercado livre e da moeda forte, fez o Estado perder músculos, não sem uma carga grande de corrupção. Lula seguiu seus passos, contribuindo para aprimorar a já não muito limpa história patrimonialista brasileira, e indo pelos caminhos da manipulação das massas. Argamassou um montão de programas focados no hoje até internacionalmente festejado Bolsa Família. Programas de controle sociopolítico, diria Michel Foucault; programas de funcionalização da pobreza, digo eu. Cento e sessenta bilhões de pagamento de juros e principal do serviço da dívida pública interna, contra 8 bilhões do Bolsa Família. O coelho de Alice conhece bem essa fuga pelo espelho.

Antes que me acusem de fazer coro com a implicância schmittiana³ com a democracia, este regime não agônico, onde nada se decide, convém esclarecer (mesmo assim a má-fé continuará a dizer que esta é uma crítica de direita): não é a democracia de massas que torna inócua a democracia, mas o capitalismo globalitário que coloniza a política, tornando-a um divertimento de pobres, enquanto as grandes decisões se passam na economia.

Todo o conjunto das políticas sociais (incluindo-se aí a Seguridade Social, que sozinha vale mais que qualquer Bolsa Família) somou cerca de 21 bilhões em 2007. A massa de lucros dos quatro maiores bancos brasileiros foi de 20 bilhões no mesmo ano. Quem governa quem? O coelho de Alice pode responder.

Francisco de Oliveira é sociólogo, professor aposentado de Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).





Democracia é o regime em que o poder é do povo

Renato Janine Ribeiro

Democracia é o regime em que o poder é do povo. O poder, não o governo: os assuntos correntes são despachados por alguém eleito, mas não pelo povo inteiro. O povo decide em matéria de leis e escolhe os governantes. Existe sempre uma tensão entre os eleitos, que cada vez estão mais emancipados dos seus eleitores, e o povo. A democracia, portanto, não é um regime tranqüilo.

Não é tampouco o melhor regime. A questão do “bom governo”, tão comentada na Idade Média, celebrava um rei justo e bom. E a palavra “aristocracia” significa o poder dos melhores, dos que têm aretê⁴, que é a qualidade dos que se destacam. Assim, se queremos o governo dos melhores, deveríamos procurar o governo de quem tem qualidade. Ora, o povo é justamente sem qualidades. Ele não decide porque é melhor que os outros. Decide porque, num mundo em que a igualdade é um valor importante, a opinião de um não vale mais que a dos outros. Ninguém pode pretender mandar porque se considera melhor. Este é o significado do voto: que ninguém é superior aos outros, seus iguais. Churchill acertou quando disse que a democracia é “o pior regime, depois de todos os outros”. Não é um bom regime; é o menos ruim. E isso porque os “bons” regimes fracassaram.

A grande potencialidade da democracia está em não apenas organizar o Estado (visão instrumental, procedimental, da democracia), mas em mudar a sociedade como um todo. O autoritarismo está disseminado pelas relações sociais e políticas. As relações políticas expressam as sociais, o Estado provém da sociedade. Esta relação de mão dupla entre o poder e a sociedade faz que o poder autoritário se difunda pela sociedade, e que uma sociedade autoritária repila tentativas de democratizar o Estado. Portanto, para mudar o mundo, é preciso investir na democratização tanto da política – e do Estado – quanto das relações sociais, inclusive nas esferas privadas, como as do trabalho, do amor e da amizade.

Em outras palavras, o que mais agrega valor à vida das pessoas, numa sociedade moderna em que a vida privada cresceu muito, são o seu trabalho e suas relações de afeto. Se a democracia não arejar essas relações, sua mensagem para as pessoas em geral será muito pobre. Uma democracia sem apoio no povo, no *demos*, torna-se algo sem vida.

Vivemos hoje numa sociedade mais demótica do que democrática. Democrático é o poder do povo; demótico é quando o povo assume uma presença muito forte, mas sem com isso se tornar o detentor do poder. O povo assim é hoje um grande destinatário dos discursos. É também cada vez mais quem define gostos e estilos. Ele não procurou tomar o poder no sentido tradicional, mas assumiu uma espécie de hegemonia cultural. Para a política tradicional, essa cultura demótica é uma decepção. Representa a renúncia ao aspecto libertador da democracia.





Que consequências podemos retirar desses dois pontos quase opostos – isto é, a democratização da vida pessoal e privada (que é um desafio, mas não está garantida) e o surgimento de uma cultura popular que não veio pela mão convencional da emancipação revolucionária, mas por uma alteração significativa no interior da cultura capitalista? Nossa proposta seria de ampliar os espaços de liberdade no plano das relações sociais, inclusive e especialmente as mais pessoais (porque são aquelas que mais agregam valor às pessoas), mas sem desdenhar das formas pelas quais os grupos historicamente dominados estão redefinindo seus estilos de vida e ganhando protagonismo na sociedade. Estes são os pontos de referência para os usos de documentários, programas e da própria televisão, como canais privilegiados de comunicação e transformação das relações humanas.

*Renato Janine Ribeiro é professor titular de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo (USP), diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e apresentador do programa **Ética**, do Canal Futura.*

Qual a relação de desigualdade e democracia?

Lena Lavinas

Qual a relação de desigualdade e democracia? O Brasil pode se considerar democrático mesmo em face de tantas desigualdades sociais? Que grupos sociais (étnicos/religiosos/gênero/orientação sexual) ainda precisam lutar por um espaço igualitário no país? Por quê? Em geral as políticas sociais no Brasil são eficazes? Chegam a todos? Por quê? O que pode ser feito para melhorar esse quadro? Os movimentos sociais de hoje são representativos da maioria da população brasileira ou falam em nome de guetos? Qual a relação entre educação e democracia? Que usos pedagógicos e políticos as redes de juventude, ONGs e escolas poderiam ter dos documentários e programas enviados para sua análise?

A desigualdade está associada a uma repartição não-uniforme de determinados recursos (renda, serviços) dentro de uma sociedade. As desigualdades são essencialmente sociais e econômicas e dizem respeito a formas de estratificação econômica, política ou de status... A desigualdade é medida como a distância. Há mecanismos de mensuração específicos que priorizam a renda monetária declarada e não a renda total para estimar o grau de desigualdade de uma sociedade – dever-se-ia medir a igualdade de oportunidades, mas na prática, isso não acontece. Teoricamente, indivíduos são iguais se enfrentam idênticos conjuntos de oportunidades. É difícil proceder a uma estimativa robusta como essa.

(...)





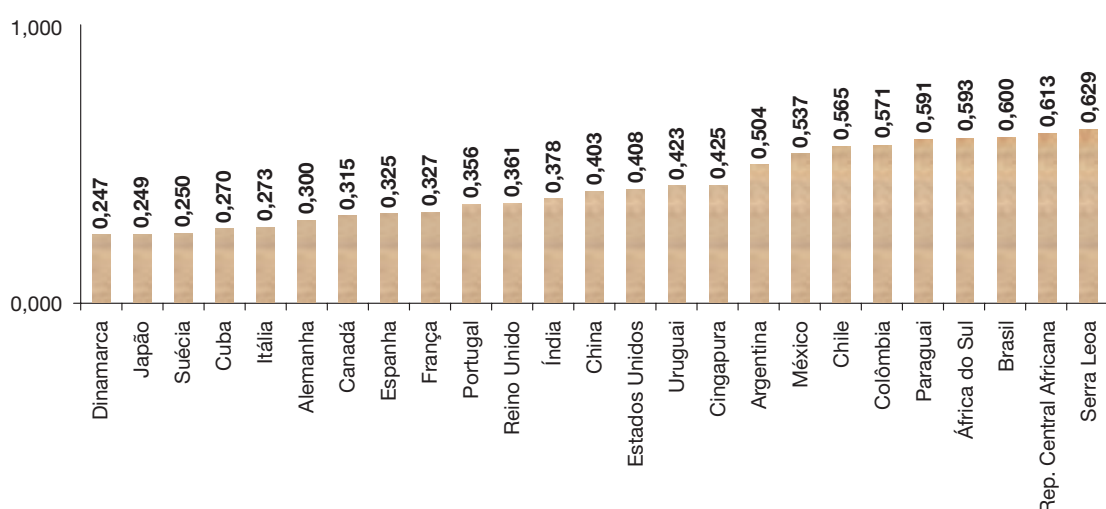
Por isso mesmo, autores como Le Grand⁵ apontam ser necessário estabelecer a que tipo de igualdade se faz referência quando se fala no tema. **Igualdade de que? E entre quem?** Ele identifica cinco tipos distintos de igualdades:

1. Igualdade no gasto público – entre ensino básico e universitário, entre hospitais, entre escolas, etc...
2. Igualdade na renda final
3. Igualdade de uso de bens e serviços – bens públicos, tratamento igual para necessidade igual.
4. Igualdade de custos (relativos aos usos) – custos privados por unidade de serviço utilizado devem ser iguais – medida de acesso
5. Igualdade de resultados (estado de saúde das pessoas, o conjunto de conhecimentos adquiridos por um indivíduo no sistema escolar).

(...)

Portanto, não basta olhar a renda individual/per capita das famílias para inferir o grau de desigualdade de um país ou determinado grupo, mas ver como é alocado, distribuído o gasto social. O gráfico abaixo indica como nos países com elevado gasto social em relação ao PIB, o nível de desigualdade é menor. Mas não é regra geral (caso do Japão). Tampouco basta olhar a proporção do gasto, mas deve-se considerar a forma de rateio. Da mesma maneira, o gráfico indica que países com regimes políticos radicalmente distintos têm índices muito próximos, como Cuba e Dinamarca ou China e Estados Unidos. Pela hipótese do ex-presidente de Cingapura, Lee Kuan Yew, os sistemas não-democráticos permitiriam alcançar desempenho econômico (crescimento) mais alto e por mais tempo. Mas essa hipótese não se confirma de forma robusta.

Gráfico 1 - Índice de Gini por países selecionados – World Bank – 2000





No Brasil o gasto social é fortemente concentrado em transferências diretas de renda às famílias (75%) e pouco vai para a equalização de acesso através da provisão de bens e serviços públicos. Uma comparação entre o quadro referente ao modelo inglês de proteção social e ao brasileiro indica claramente que além da proporção do gasto como percentagem do PIB, há que analisar a sua distribuição alocativa. No Brasil, a primazia das transferências monetárias de renda sobre o gasto social através da provisão de bens e serviços públicos indica que o mais importante é resolver as chamadas “falhas de mercado” - elevar a renda individual para evitar ineficiências no funcionamento do mercado - do que propriamente equalizar oportunidades. Isso mantém e tende mesmo a agravar o quadro de desigualdades prevalente. Cerca de 78% do gasto no Brasil se faz com transferências monetárias diretas, notadamente as de cunho contributivo.

Finalmente, cabe lembrar que a ligeira melhora na distribuição de renda no Brasil se deve a adoção de alguns benefícios pelo piso do salário mínimo que vem aumentando, mas que essa melhora é ainda tênue e que nosso nível de desigualdade mantém-se elevadíssimo, como de resto, na maioria dos países da América Latina.

A desigualdade econômica persiste. E as desigualdades de status também. Olha-se a ponta visível do iceberg – renda individual e política social – sem se considerar o alcance e impacto da política fiscal – fortemente regressiva no Brasil – e da política de emprego.

A democracia de mercado não é incompatível com as desigualdades, pelo contrário. Cabe à ação política erradicar a miséria e domar as desigualdades.

Lena Lavinas é professora do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutora em Economia pela Universidade de Paris, especialista nos temas Desigualdades, Políticas Públicas e Gênero e consultora de diversas organizações sociais.





A SEGUIR, ALGUNS TRECHOS DAS PALESTRAS DO FÓRUM DEMOCRACIA

“Betinho dizia que a democracia tem cinco princípios que são a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a diversidade e a participação. Esses cinco princípios são fundamentais. Quando penso na diversidade, procuro-a em todo espaço aonde vou. Quando se olha para cá, faltam ainda algumas caras, falta cor, falta uma série de outros sujeitos dessa sociedade brasileira, que deviam estar aqui na platéia para discutir conosco, para poder pensar nisso. Porque quando se fala em democracia, não se pode deixar de trazer a questão das favelas como elemento importante. Qual é a experiência de democracia que está vivendo hoje ao menos um terço dos moradores dessa cidade, nesse exato momento, na sua relação com a política de segurança, com a polícia, na relação com o tráfico de drogas? Qual é a experiência democrática que esse povo está vivendo? Qual é a possibilidade de ele carregar algum sentimento positivo e acreditar que a democracia vale a pena, que ela também existe para ele, na medida em que ele está cerceado em seu deslocamento, que tem desrespeitado o seu direito de ir e vir e está ameaçado constantemente?”

Itamar Silva, jornalista e coordenador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), responsável pela execução do projeto *Cidade de Deus*.

“Vamos falar dos *crackers*⁶ da democracia. O primeiro *cracker* da democracia é o sistema econômico. Ele não é sempre *cracker*, às vezes ele é *hacker*⁷ também. Há alguns momentos em que é preciso dar independência de ação ao sistema econômico, porque isso faz parte dos objetivos e do interesse público. Mas, muitas vezes, o sistema econômico acaba funcionando como um *cracker* da democracia, ou seja, ele desvirtua o sistema democrático e faz com que funcione de uma forma para a qual não foi feito para funcionar. As decisões que acaba produzindo são contrárias, por exemplo, ao interesse público. E a última forma em que a democracia é *crackeada* é a corrupção. Acho que esse é, talvez, o problema mais grave com que temos que lidar, porque esse *crackeamento* do sistema democrático é o que talvez gere o dano mais grave e difícil de ser visto, porque nem sempre é aparente. Ele não tem transparência, logo, é o mais complicado.”

Ronaldo Lemos, coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV Direito-RJ e do projeto *Creative Commons no Brasil*.





“Para mim, a reflexão maior, e o que eu vejo dentro dos movimentos juvenis, em algumas pesquisas, é que é muito complicado, para o jovem, nesse processo de aprendizagem, dissociar o discurso da prática. O que isso significa? Muito se fala em democracia, igualdade, liberdade e diversidade, quando se pensa no respeito e na valorização das diferenças ou, pelo menos, na compreensão do que está por trás da diferença, do outro, da alteridade. No entanto, ao mesmo tempo, nossas práticas estão reves- tidas de contradições. Isso é natural, é normal que seja assim. Mas, de que maneira isso está sendo problematizado e apreendido pelos jovens? Em relação aos movimentos de juventude, minha seara, acho que a questão da participação – em todos esses lugares, não só a participação social ou políti- ca, por meio do voto, mas dentro da família e da escola – é, a meu ver, a possibilidade da aprendiza- gem da democracia na prática, porque esses valores, e o que a democracia significa, não podem ser compreendidos apenas pela reflexão e pelo discurso. Eles são superimportantes, mas se não colo- camos isso na prática cotidiana, nas relações, na esfera pública e na esfera privada, fica muito com- plicado criar novas gerações ou construir um processo em que novas gerações estejam realmente engajadas e preocupadas em defender a democracia daqui para frente.”

Patricia Lanes, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

“O meu receio, em relação à democracia, é que ela não consiga mais fornecer aos sujeitos comuns um ideal de vida, que eles não encontrem, nela, sua justificativa. Ou seja, a palavra está desgasta- da, está usada e surrada, mas vou voltar a ela: interessa na democracia menos, digamos, o aspecto instrumental da forma de governo, do que sua dimensão ética; essa dimensão me interessa. E me interessa muito, porque, mesmo correndo risco de talvez avançar numa seara na qual sou semi-alfa- betizado, mas que é indispensável para mim, eu relembriaria que a democracia moderna veio subs- tituída, nada mais, nada menos, do dossel simbólico da Igreja, ou seja, veio instalar no mundo da imanência, no mundo leigo, algo que deveria substituir promessas de redenção, de salvação, do que quer que existisse, e que era mantido pelo dossel católico medieval. Conseqüentemente, o regime se propõe a essa tarefa de dizer que a racionalidade vai fazer com que possamos entender o que é o bem. Pela racionalidade, pela razão, pelo exercício da liberdade, poderemos chegar lá, pouco im- portando se um discorda daqui, outro dali. O que vai valer é a vontade geral. Se é produto das vir- tudes ou dos vícios privados, pouco importa. Se é produto do fato de que os homens são violentos entre eles, resolvem fazer um pacto para impedir seus próprios desejos de destruição, pouco impor- ta também. O que acho fundamental na existência do regime democrático é que ele arcou, ou quis arcar, com uma tarefa gigantesca que, até então, nenhuma outra cultura do mundo tinha tentado, ou seja, dizer: posso me ocupar daquilo que até então estava sendo delegado a Deus.





(...) Democracia, ou esse aspecto ético de respeito à democracia, é algo absolutamente fundamental. Acredito que, sem essa dimensão, dificilmente podemos chegar junto de alguém: quero descobrir um meio de mediar a enorme dificuldade que existe na balança entre liberdade e igualdade. Para existir a possibilidade de conciliação é preciso que as pessoas invistam, ou na idéia de felicidade, que cada um pode imaginar privada ou pública, ou na idéia de fraternidade que é uma coisa que remete a um valor maior, que é o bem comum.”

Jurandir Freire Costa, *psicanalista e professor livre-docente do Instituto de Medicina Social da Uerj.*

“Foi-nos pedido para, eventualmente, fazer algum tipo de sugestão para a programação do Canal Futura. Eu diria que um ponto fundamental, obviamente, é melhorar o sistema representativo, fazer com que realmente as demandas populares, de alguma maneira, não sejam bloqueadas nesse filtro que foi introduzido – que é o sistema de representação. Infelizmente, numa sociedade moderna, a democracia direta só pode ser usada em casos muito específicos. (...) Eu diria que, para que esse sistema comece a funcionar melhor, é preciso melhorar a capacidade do cidadão de controlar, fiscalizar, informar-se sobre o que acontece, etc., ou seja, uma palavra que eu não queria usar, porque é em inglês, mas não tem outra, é *empowerment*, dar poder ao cidadão. Dar poder ao cidadão em termos de mídia, sobretudo televisão, significa o quê? Significa, inclusive, programas que mostrem às pessoas quais são os direitos que a Constituição lhes assegura. Nas pesquisas que fizemos, 60% dos entrevistados não sabiam do que se trata. É preciso dizer: ‘este é seu direito, este é seu dever, e estes são os mecanismos que você pode utilizar para fazê-los valer’. Acho que isso é importante. Não desprezo o mundo dos valores, até porque há valores envolvidos nisso. Mas eu recomendaria essa parte um pouco instrumental, dizer às pessoas: ‘seu direito é esse, brigue, vá lá’. ‘Onde você pode brigar é aqui’.”

José Murilo de Carvalho, *historiador, professor titular de História do Brasil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).*





“Eu diria que, para nós, ‘ongueiros’, e para grande parte dos movimentos sociais e das organizações populares, são três as temáticas centrais daquilo que nós vimos chamando de democratizar a democracia, ou seja, tornar essa democracia mais substantiva: criação de mecanismos de representação que possam ir além da democracia representativa; reimplementação dos direitos humanos sob o ponto de vista dessa visão mais ampla – porque é impossível construir democracia com desigualdade social –; e, terceiro, a idéia de formação e fortalecimento da sociedade civil no sentido da cultura, no sentido de que o processo democrático só se constrói a partir de espaços da sociedade que têm uma perspectiva democrática e, portanto, apóiam mecanismos de mudança.

Todos os mecanismos de democracia participativa – os conselhos, as conferências, as consultas –, todo esse instrumental que tem sido utilizado, no qual as ONGs, os movimentos sociais e os movimentos populares têm investido, se quisermos avançar sob o ponto de vista da democracia, ele mereceria ser pensado no que realmente implica sob o ponto de vista da efetiva mudança, daquilo que está colocado sob o ponto de vista da construção democrática, que é a construção de um país mais justo, mais igualitário, etc. Será que, efetivamente, esses processos têm produzido um efetivo impacto sob o ponto de vista da política, da construção de uma política representativa? Não há dúvida de que nunca houve tantos conselhos e tanta participação. Porém, vale a pena pensar qual o impacto disso e se, efetivamente, sob o ponto de vista da democracia, pensada como um processo de melhoria da qualidade da maioria da população, se efetivamente trouxe resultados substantivos.”

Sergio Haddad, educador e economista, coordenador geral da Ação Educativa.





Notas

- ¹ Alexis de Tocqueville, pensador político francês, do século XIX.
- ² Com louvor, em latim.
- ³ Carl Schmitt, pensador alemão que escreve sobre política e democracia.
- ⁴ Expressão grega que significa virtude; *areté* não é algo que seja dado, mas sim conquistado, e conscientemente procurado.
- ⁵ Le Grand J. (1982). **The Strategy of Equality. Redistribution and Social Services**, Londres: Georg Allen & Unwin.
- ⁶ Termo utilizado na área tecnológica para quem quebra um sistema de segurança de forma ilegal ou aética.
- ⁷ Termo utilizado para os indivíduos que elaboram e modificam *software* e *hardware* de computadores.



POR FAVOR, VOTE EM MIM – DVD 5

Os povos do mundo são diferentes. Culturas, hábitos, línguas, cor de pele, rostos, sexualidade etc. No entanto, a busca por expressar e fazer valer a nossa vontade é uma constante universalmente valorizada. Nos vários cantos do mundo, a democracia ainda é um tema que vai precisar de muito debate, por vezes de caráter pedagógico, envolvendo mulheres, idosos, grupos étnicos e, especialmente, as crianças. Reside aí a sua maior riqueza.

Alguns teóricos e pesquisadores das ciências sociais atribuem ao atual momento uma disparidade entre as civilizações de modo quase dicotômico, expondo seres viventes em realidades bastante diferenciadas. Dessa forma, passaríamos por um “choque”, expresso no fenômeno do terrorismo, por exemplo. É claro que nós brasileiros temos menos traços característicos identificados com cultura tailandesa, ou ainda com a gastronomia do Zimbábue, do que com Portugal ou com países vizinhos. Mas é preciso comentar que alguns valores humanos têm caráter universal, e a perda da noção desta totalidade pode ser um fatal erro para a compreensão do mundo e do tempo em que vivemos.

Podemos dizer, com senso flexível, que algumas questões são inerentes ao ser humano. A dor, o sorriso, a fome e a vontade são alguns dos vários mensuráveis. Evidentemente a valoração e a conotação destes elementos gozam de grande diversidade. É impossível imaginar que, por todo o planeta, somos “exatamente” iguais. Porém não é exagero imaginar que desde as fábricas do sul da Itália até os guetos de El Salvador, passando pelas salas de aula da China, todos temos vontade de se expressar, o que é uma prerrogativa que não pode ser ignorada, mesmo que concedida ou coagida.

A universalidade da vontade derivando em uma discussão democrática está exposta no caso-base da eleição de representantes de turma de uma escola primária chinesa. O exemplo infantil não é despropositado; a discussão de fundo aborda justamente a possível característica do ser humano como animal político intrínseco, na concepção fundante e dilatada do *zoon politikon* (ser vivo político). Seríamos políticos desde a nossa existência mais remota, vinculando desejo de ser com desejo de poder, ou a nossa percepção e ação política estariam totalmente condicionadas à nossa experiência de vida, construída a partir do tempo vivido?

As hipóteses são as mais diversas, no entanto o que não se pode desprezar é a veracidade do fato: as crianças daquela turma agiam no campo da política de forma mais ou menos agradável aos nossos olhos. Vamos tentar explanar e elucidar alguns pontos específicos, buscando conceitos e chaves de compreensão sobre o que ocorreu naquele microcosmo.



Lideranças e liderados na democracia da escola

Na campanha do sufrágio desses representantes, o voto foi tido como a forma adequada para introduzir as crianças na vida democrática, da qual muitas não sabiam sequer o significado. É necessário ter em mente, em um primeiro momento, que a China passou por uma ruptura na sua ordem política, para depois transformar a constituição do processo político de modo a entender a democracia de outra forma.

As percepções e as lógicas do processo histórico de cada localidade podem ser definidoras para a construção da democracia em cada uma delas. Além disso, é notadamente conhecida a importância da terra, do emprego, da saúde, da educação, entre outras questões expressas para além do presencial ato do voto, não menos importante. Ter no horizonte que a democracia se complementa nestes aspectos pode ser enriquecedor, concebendo uma visão ampliada do processo político, para além das vias regulares delimitadas por um modelo mundialmente difundido.

Ou seja, é preciso ter também ponderação ao conceber outras formas de democracia, outros entendimentos da vida e outras formas de agir no mundo da política.

O exercício da democracia representativa consiste basicamente na delegação dos interesses públicos aos representantes eleitos por voto, que é a expressão mais decisiva da participação política cidadã. Estes representantes, por sua vez, trabalham nas câmaras (senado, congresso ou de vereadores) para elaborar leis e tomar decisões pelo bem-estar dos cidadãos do povo.

Nas últimas décadas, contudo, esse sistema sofreu francas contestações na medida em que a corrupção, a falta de consecutividade, convergência e compromisso com um projeto político nacional se afirmaram no meio público. A própria incapacidade gestora do poder público em administrar o seu território fez com que as massas e as novas lideranças repensassem os perímetros da vida política.

Novas formas, novos limites

As conseqüências não foram totalmente negativas, apesar dos conflitos urbanos e rurais, que colocaram frente a frente forças pertencentes à mesma pátria (e por vezes oriundas da mesma camada social), como movimentos sociais e forças armadas. Nasceram formas de organização da sociedade civil para além dos clássicos partidos políticos e das instituições duras da república, como associações comunitárias, redes associativas e colaborativas, que, embora não estejam acomodadas no seio da vida pública, tendem a madurar nas próximas décadas e ainda a achar o seu melhor espaço na colaboração com a redução das assimetrias políticas da sociedade. Será de importância singular a transparência total, a descentralização inteligente e o coletivismo integrado, entre outros atributos, como doutrinas para esta articulação não agir em sentido perpendicular ao poder público, despedaçando a institucionalidade democrática ao esquecer a unidade e a coletividade.





Mas voltemos ao colégio na cidade chinesa. Mesmo sem saber o que é o voto ou o que é a democracia, como já dissemos, as crianças da escola batalham arduamente pela popularidade, pelo protagonismo e pelo poder político que a eleição pode conceder. Elementos como o “carisma” ou as contestáveis “redes” colaboracionistas (“você vota em mim, eu te dou um cargo”) são elementos inatos para a definição da liderança, do comportamento político geral e da transição em vista, independentemente da sua legitimidade aos nossos olhos. Não é um processo mecânico, muito menos monolítico, fechado, cerrado, uniforme. É cheio de diferenças e de vazios profundos.

Algumas crianças querem ser líderes para bater; outras para dar ordens; ou por que crêem no processo de amadurecimento de si a partir do todo. Também é possível ver a busca por influência e destaque no grupo. No documentário, os nossos três candidatos (a pragmática Xianfei – mais uma vez, mulheres como minoria –, o atento Luo Lei e o ganancioso Cheng Cheng) polarizam em grande medida alguns dos problemas e questões mais comuns da vida pública, e o processo de aprendizado é tido como bastante válido, especialmente em uma sociedade que aspira maiores liberdades e se construiu sobre pilares de utilidade, função e atividade ritmada. A aula de educação física das crianças é sintética nessa direção; todos juntos, se possível sem errar, em uníssono ritmo constante.

Ainda assim, é detectável a concorrência entre os participantes, seja pela imagem, prestígio ou interesse fidedigno. A “coisa pública” deve estar sempre em jogo, jogo saudável, tutelado e acolhido pela sociedade. Render autonomia e participação a todos, de forma regrada e gradativa, desde crianças até idosos, é parte fundamental da vida democrática. A pedagogia deve fornecer manancial e espaço vital para que tal elemento seja bem fixado na educação infantil, que como já fomos informados é base do futuro, sem esquecer outras faixas etárias.

Como essa, pequenas histórias podem fornecer boas lições sobre a natureza e a maturidade do jogo democrático. Pequenos cidadãos como Cheng Cheng, Xianfei e Luo Lei são os aprendizes mais importantes das lições e também os construtores do futuro da democracia – que invariavelmente, depende do exercício pleno, ampliado e livre para a sobrevivência.

Cronologia da China

- 1949** Mao Tsé-Tung funda a República Popular da China, após mais de vinte anos de Guerra Civil contra os nacionalistas do Kuomintang, que por sua vez seguem para fundar seu governo em Taiwan (Formosa). São criados importantes centros universitários em Nanjing e Pequim. Negociação de tratado de amizade com a URSS de Stálin.
- 1950** Socialização do sistema educacional, em um modelo pró-soviético. China intervém na Guerra da Coreia para defender a Coreia do Norte com o Exército Popular de Libertação, um corpo militar voluntário. O Tibete é absorvido pela República Popular da China.





É lançada a lei de reforma agrária para impulsionar a justiça social e o desenvolvimento no campo.

- 1951** Ruptura de relações com o Vaticano. País sofre embargo pela intervenção na Coreia.
- 1956** Primeira mobilização por controle de natalidade por parte do Estado. Campanha anti-direitista do governo resulta em perseguição a alguns intelectuais. Acordo sino-soviético na área de cooperação tecnológica.
- 1958** É trazido por Mao um plano de desenvolvimento chamado Grande Salto, cuja inspiração no Plano Quinquenal da URSS é notória. A coletivização do campo e a industrialização dos centros urbanos são introduzidas na planificação da economia. Grandes transformações no modo de vida chinês, com a romanização da língua por intermédio do sistema fonético Pinyin.
- 1959** Conversações estreitas de Nikita Kruschov com os EUA e outros fatores deterioram relações com a URSS.
- 1962** Desentendimento com a Índia por conta da fronteira no Himalaia.
- 1964** Primeiro teste nuclear na China.
- 1965** O Tibete se torna uma região autônoma.
- 1966 a 1976** A Revolução Cultural, uma enorme campanha ideológica com o objetivo de revigorar o ímpeto revolucionário das massas, potencializa novos valores e elimina velhos “inimigos”, como a religião ou o liberalismo político, por exemplo. O Estado usa abertamente seus recursos coercitivos.
- 1970** Primeiro satélite é lançado.
- 1972** Richard Nixon, presidente dos EUA, visita a China ano depois de Henry Kissinger tê-lo feito secretamente. Os países manifestam o desejo de normalizar relações.
- 1976** Morre Mao Tsé-Tung. Emerge Deng Xiaoping, um político mais pragmático e reformista econômico.
- 1979** Restabelecidas as relações diplomáticas com os EUA. Visita do presidente dos EUA Jimmy Carter à China. Primeira legislação ambiental moderna na China. Fim da tortura





e punição física de suspeitos políticos. Início das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), culminando na abertura de 14 cidades em 1984.

1982 População chinesa supera 1 bilhão de pessoas.

MAPA POLÍTICO COM PRINCIPAIS CIDADES.



Fonte: www.chinatour360.com/images/map/map-china.gif

- 1986 a 1990** Política de abertura econômica do governo Xiaoping encoraja economia de mercado e investimentos estrangeiros. Introdução de lanchonetes de *fast-food* ocidentais na China, como a rede KFC.
- 1988** Sutil reação conservadora tira do poder o secretário-geral do Partido Comunista, Hu Yaobang. Ascensão de Jiang Zemin no Partido.
- 1989** Protestos pró-democracia na Praça da Paz Celestial ficam célebres pelo uso das forças do Exército Popular contra civis. Estatísticas das mortes variam de setecentos (governo) a 7 mil (manifestantes). Inicia-se o período de modernização do Exército chinês. É lançada a obra **A guerra sem limites**, pelos coronéis Qiao Liang e Wang Xiangsui, cujo resultado é uma revolução nos termos da estratégia de combate não-militar.
- 1992** Rússia e China restabelecem relações.





- 1993** Construção da represa das Três Gargantas, que criaria um lago de mais de 600 quilômetros e submergiria dezenas de áreas culturais históricas.
- 1995** Projeto massivo de reconstrução de templos e estátuas budistas. Redução da educação escolar compulsória para um período de nove anos.
- 1997** Morre Deng Xiaoping. Recuperação da soberania de Hong Kong. Desaceleração do crescimento econômico chinês por conta da crise asiática. Início do projeto Yangtze de incentivo à pesquisa de ciência e tecnologia.
- 1999** Macau volta para domínio chinês.
- 2000** Período de repressão à corrupção no poder público. Governo consolida cerceamento ao uso da internet no país.
- 2001** China entra, após anos de negociação, na Organização Mundial do Comércio (OMC). Simulações militares de invasão de Taiwan. Crescem tensões e surgem as primeiras acusações formais de espionagem norte-americana, que irão render problemas por toda a primeira década do século XXI.
- 2002** George W. Bush visita a China na comemoração pelos trinta anos da visita de Nixon.
- 2003** Hu Jintao é eleito presidente pelo congresso. Vírus SARS causa mortes e quarentenas em Guangdong.
- 2004** A China assina um tratado de livre comércio com dez países do Sudeste Asiático. O acordo poderia unir 25% da população mundial.
- 2005** Deterioradas as relações com o Japão, em crise pela memória da Segunda Guerra Mundial. Primeira visita oficial de líder do Partido Nacionalista à China desde 1949.
- 2006** Fim das obras de infra-estrutura da represa das Três Gargantas. Aproximação entre a China e países do sul da África. Níveis de poluição assumem estado crítico para a estabilidade social e a saúde.
- 2007** Nova lei de emprego após descoberta de trabalho infantil nas fábricas. Sutil reaproximação com o Vaticano.
- 2008** Polêmicos protestos no Tibete promovem escalada de violência às vésperas dos Jogos Olímpicos, acionando a mídia, a opinião pública e grupos de interesse por todo o planeta.





MAPA DOS GRUPOS ÉTNICOS MINORITÁRIOS NO PAÍS.



SINO-TIBETANO	INDO-EUROPEUS	ALTAICAS
chineses Han	Tadjiques	Turcos
Tibetanos		Mongóis
Tailandeses	AUSTRO-ASIÁTICOS	Turcomenos
Miaos - Laos	Mons-Khmer	Coreanos

Fonte: www.maps-of-china.net/chinamaps/chethnic.gif

Sugestão de temas para debate:

- Até que ponto a influência e o interesse devem constar como um elemento válido no jogo político da democracia?
- O que é a política? Voto, vitória, prática ou carisma?
- O homem é um “animal político”? E a criança também? Política é uma vocação que vem de berço?
- Qual é a importância do sistema de representação política? Como isso interfere em nosso cotidiano e como nós podemos estar mais próximos de nossos representantes?
- Pátria, povo e democracia andam sempre juntos? Como fazê-lo?
- A democracia é um valor universal?



Para refletir

Pouco sabemos sobre a história do Oriente. Nossa formação educacional é eurocêntrica, ou seja, baseada nos valores e na história européia. Procure saber mais sobre a política e a democracia no Oriente. Pesquise!





Possibilidades de produção de comunicação

Você já visitou o site do Wikipédia ([HTTP://pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org))? Lá você vai encontrar uma enciclopédia livre, escrita em colaboração pelos seus leitores. Depois de navegar pelo site, exercite seus conhecimentos, crie um verbete novo, registrando a cidade ou o bairro onde você vive.

Sugestões de filmes, sites e textos

FILMES:

O casamento de Tuya (Tuya de hun shi). Direção: Wang Quan'na. China, 2006. Drama.

Natureza morta (Sanxia haoren). Direção: Zhang Ke Jia. China, 2006. Drama/Romance.

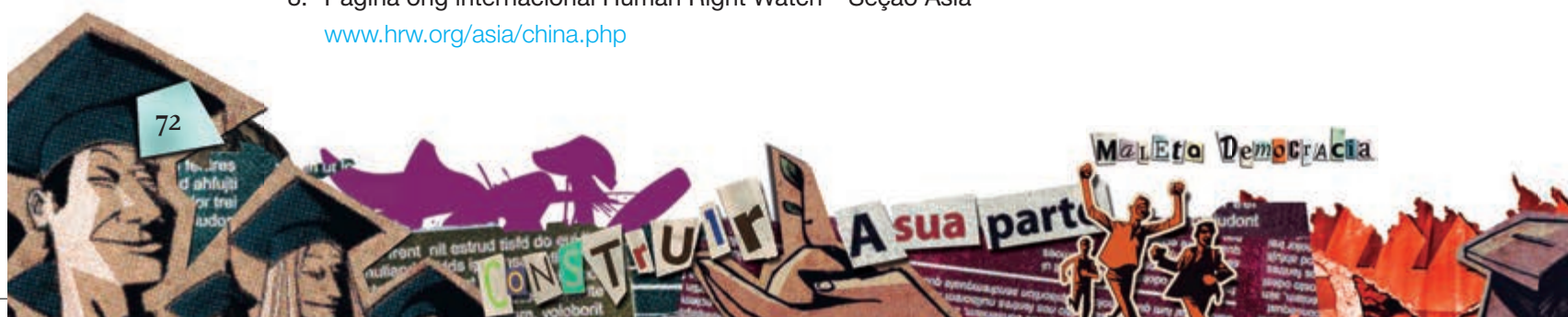
Spring in a Small Town (Xiaochéng zhi chun). Direção: Fei Mu. China, 1948. Drama.

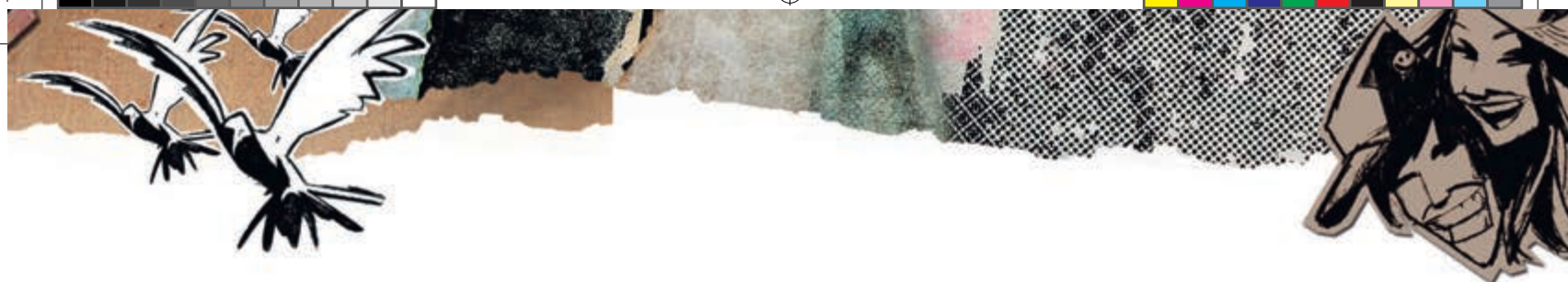
O tigre e o dragão (Wo hu cang long). Direção: Ang Lee. China, 2000. Drama/Ação.

Herói (Ying xiong / hero). Direção: Yimou Zhang. Hong Kong/China, 2002. Ação.

SITES:

1. Página sobre a cultura chinesa
www.chinaonline.com.br/
2. Portal noticioso China Daily
www.chinadaily.com.cn/
3. Página da embaixada da República Popular da China
www.embchina.org.br/por/
4. Página com notícias e dados sobre a China
www.china.org.cn/
5. Página em espanhol com informações sobre a China
www.todachina.com/
6. Câmara de Comércio e Indústria Brasil – China
www.ccibc.com.br/
7. Câmara Brasil – China de Desenvolvimento Econômico
www.cbcde.org.br/
8. Página ong internacional Human Right Watch – Seção Ásia
www.hrw.org/asia/china.php





MAPAS COMPLEMENTARES:

Mapa político

Fonte: www.asia-turismo.com/mapas/mapa/china.jpg

Mapa dos grandes grupos etnolingüísticos.

Fonte: www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/china_ethnolinguistic_83.jpg

Mapa de densidade demográfica.

Fonte: <http://academic.brooklyn.cuny.edu/core9/phalsall/images/chin-pop.jpg>

Mapa da renda per capita.

Fonte: www.shanghaienglishteachers.com/images/maps_china/map_of_china_prov_gdp1.gif

LIVROS:

BECARD, D. **O Brasil e a República Popular da China**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores/FUNAG, 2008.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. 10. ed. Vols. I e II. Brasília: Ed. UnB, 1997.

CARLETTI, A. **Diplomacia e religião: Encontros e desencontros nas relações entre a Santa Sé e a República Popular da China de 1949 a 2005**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores/FUNAG, 2008.

COHN, G. (org.), FERNANDES, F. (coord.) **Weber – Coleção Grandes Cientistas Sociais**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.





TÁXI PARA A ESCURIDÃO – DVD 5

Possivelmente a democracia não pode se manter ativa em contextos e períodos em que a preservação e manutenção dos direitos humanos constituem uma premissa descartável. Ter direito a ter direito é um princípio inarredável. Entretanto, vetores alheios à realidade da maioria da população corroem a credibilidade e a esperança na democracia, confundindo e conflitando a busca por segurança com o desejo de liberdade. Liberdade: palavra distante para os presos de Abu Ghraib, Guantánamo e Bagram.

Num esboço sombrio e quebrantado da Nova Ordem Mundial, as guerras contra o Afeganistão e contra o Iraque demonstraram-se péssimas introduções à contemporaneidade dos conflitos internacionais. Envoltas na grande (e equívoca) guerra contra o terrorismo, cuja simples existência e liderança estadunidense de George W. Bush são duas faces notoriamente equivocadas, tais guerras representaram um total fracasso na sua prerrogativa inicial: a libertação desses países, que seriam supostos colaboradores do terrorismo islâmico, o novo opressor oriental.

As organizações terroristas em rede, sendo a Al-Qaeda a mais famosa delas, teriam se articulado na *Umma* (comunidade) islâmica internacional; e se apoderando desta, propagariam uma grande jihad anti-americana a partir destes países, com a colaboração dos talibãs e de Saddam Hussein. Para solucionar o problema, os EUA traziam uma equação simples: guerra + democracia = paz e prosperidade.

As questões mais problemáticas, contudo, não demoraram a se revelar. Tanto a guerra quanto a democracia, extremamente duvidosas no seu uso tido como irrestrito, rapidamente apresentaram deficiências e impossibilidades de aplicação. Primeiramente, quanto à guerra, temos um grave problema teórico e prático: a guerra travada pelo Exército estadunidense e por sua coalizão é fulminante, destruidora e eficiente. Mas não necessariamente a guerra traria a paz, na medida em que a ocupação, a estratégia e a disposição das tropas na manutenção da paz nos períodos após a queda dos supostos tiranos estariam caracterizadas por graves déficits na formulação e concepção do que podem ser as novas ameaças e formas de conflito possíveis em pleno século XXI.

Ainda, documentário *Táxi para a Escuridão* reconhece a inoperância da tortura como método de adquirir informação. A idéia de cooperação, respeito e confiança sugerem formas flexíveis e ao mesmo tempo mais efetivas de chegar a resultados sólidos e seguros.

Busca nossa

Garantir segurança e liberdade também é um pesadelo para as despreparadas tropas dos EUA, em uma realidade da qual não se tem o menor conhecimento sobre hábitos, costumes, valores morais





e, ainda, onde não existe um reconhecimento primordial sobre a condição humana do outro. O atoleiro dos conflitos é um dínamo, um gerador de insatisfações e opressões, que por sua vez são elementos fundamentais para o estímulo à violência.

Nesse sentido, a tortura, a violência sem limites e outras formas de desconhecimento dos direitos humanos são francamente criticadas no episódio da série **Por que democracia?**, que sem dúvida é um exercício razoável e louvável de autocritica da sociedade americana. **Quem sabe toda sociedade, deveria refletir constantemente sobre a efetividade geral dos seus valores democráticos, das instituições e das idéias que transitam no seu seio. É importante que os lares saibam que democracia e legalidade não combinam com tortura.**

O sumiço de Dilawar, um rapaz afegão como tantos outros, assume rapidamente uma posição fundamental dentro do debate sobre as formas de interrogatório e ações de inteligência americana, tocando invariavelmente no tema da estratégia americana para lidar com as novas ameaças.

A premissa de que a partir da lógica penal baseada na exceção, em que a impensável tortura é feita em prol da verdade e da informação (que por muitas vezes está direcionada ao interesse do inquiridor) revela-se uma saída simples e prática, decidida nos gabinetes e cumprida nos corredores. Na verdade pode ser também um excelente bode expiatório para negar as ações do “eu”. Afinal, não fomos nós, nem nossos filhos, muito menos nossos irmãos que mataram afegãos, mas as “ordens superiores”. O que podemos fazer diante delas? Nada?

Longe de demover a responsabilidade inerente às cabeças pensantes da máquina de guerra norte-americana, nos deparamos com o problema da responsabilidade e da ética para com o outro, em uma condição socioeconômica um tanto debilitada por problemas políticos internos, que ainda por cima derivam em um conflito internacional.

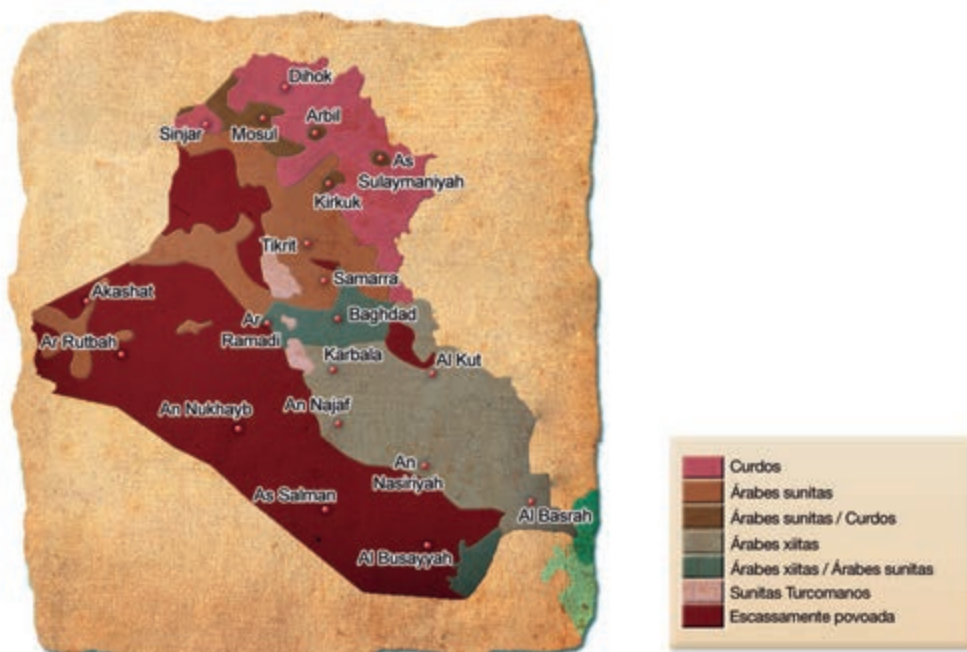
A questão internacional se afirma também na transnacionalidade dos campos de concentração e dos prisioneiros: Iraque, Afeganistão, Cuba... Países periféricos dentro do desordenado sistema internacional são depósitos de “maus elementos”, terríveis arautos da destruição.

Mas é necessário refletir por um instante. A ação policial deliberada e preemptiva (ou seja, baseada na idéia de que a ameaça sequer ainda se constituiu, mas que a sua determinação pode se conformar em potencial violação da integridade do “defensor”) em terras estrangeiras, assim como técnicas defasadas para a obtenção de informação e com uma formulação da estratégia geral para um conflito tão inóspito, são elementos constitutivos de uma ação considerada eficaz, minimamente?





MAPA ÉTNICO DEMOGRÁFICO DO IRAQUE.

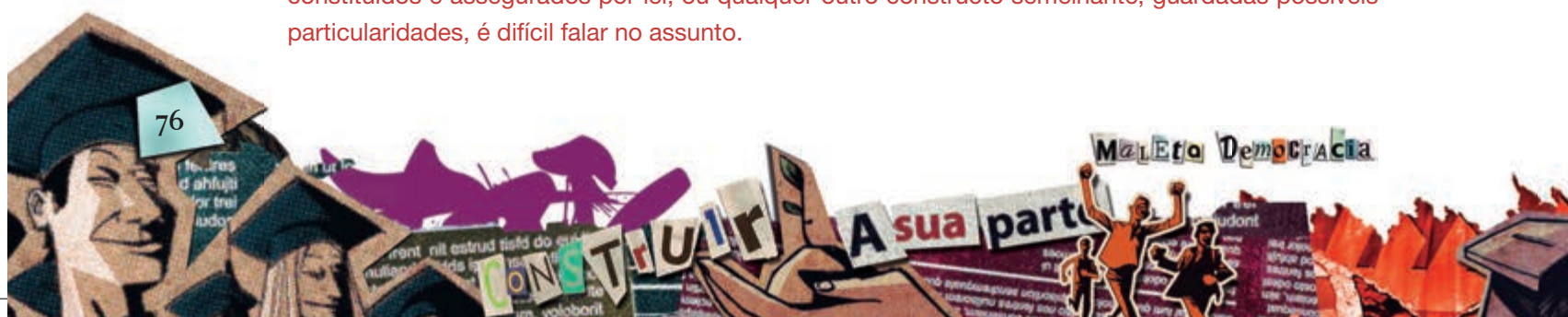


Fonte: www.gulfwarrior.org/iraq/iraq_wall_full_2003.jpeg

O início e o fim das coisas: quais são os limites da democracia plena em tempos incertos?

Em meio a tantas preocupações e ataques a mais poderosa nação do mundo, afinal, qual seria o atalho para se chegar ao eldorado da segurança e da liberdade? Qual é a verdadeira motivação destes atentados e atos cruéis de tortura? Quem são os culpados? Quem são os inocentes? Estas e muitas outras perguntas permeiam e dificilmente deixarão de estar no imaginário das sociedades e comunidades por todo o mundo, em uma era globalizada de incertezas e temores. Entretanto, algumas respostas podem ser rapidamente reverberadas.

A democracia ampliada (compreendida não meramente como o direito ao voto, mas sim como acesso a terra, emprego, respeito ao próximo, moradia, saúde, educação, e tantos outros alicerces fundamentais para a construção coletiva e individual cidadã) deve ser uma condição prioritária, *sine qua non*, para compreendermos que uma sociedade é democrática. Sem esses elementos plenamente constituídos e assegurados por lei, ou qualquer outro constructo semelhante, guardadas possíveis particularidades, é difícil falar no assunto.





As motivações para as agressões recíprocas estão diretamente relacionadas a estas questões. Seja em sociedades tidas como desenvolvidas (os EUA, por exemplo, a despeito da sua enorme massa desempregada e pobre), ou em Estados “falidos” ou até mesmo “vazios” como o Afeganistão, onde pactos políticos privados asseguram a hegemonia de grupos cujo comprometimento com o bem-estar da população e das comunidades é nulo, podemos dizer que a ausência dos elementos acima descritos afeta o pilar central da democracia republicana. Sem que estas funções estejam em pleno funcionamento, com a cooperação das lideranças comunitárias, do Estado e da população de modo geral, fica muito avariada a perspectiva de manutenção da coisa pública, em detrimento da privatização cada vez maior destas esferas, aumentando a possibilidade de órbita em torno de interesses no mínimo duvidosos.

Não menos importante, a idéia de culpabilidade e de inocência pode se combinar com as transições, incertezas e descontinuidades de nossa contemporaneidade, gerando terríveis conseqüências. Possivelmente as noções de responsabilidade social, política, cultural e econômica devem permear boa parte do convívio democrático, na necessidade de uma realidade menos absurda e de menos abusos. Investiguemos os responsáveis, condicionemos a mudança. Que sejam delegadas as tarefas para uma sociedade mais cooperativa, aberta e menos arbitrária.

Cronologia do Afeganistão

- 1997** O Talibã é reconhecido como legítimo pelo Paquistão e Arábia Saudita. O grupo controla aproximadamente 2/3 do país.
- 1999 a 2001** A ONU impõe um embargo e sanções para forçar o Afeganistão a entregar Osama Bin Laden para julgamento.
- 2001** O Talibã explode um monumento gigante de Buda e dá ordens para minorias religiosas usarem identificações como não-muçulmanos. Mulheres hindus devem usar a *burqa* como qualquer mulher afegã. Morre Ahmad Shah Masood, líder da guerrilha anti-Talibã. Estados Unidos e Reino Unido bombardeiam o Afeganistão.
- 2002** Primeiro contingente de missão de paz chega ao país. Vice-presidente Haji Abdul Qadir é assassinado em Kabul. A Anistia Internacional envia carta para o secretário Donald Rumsfeld, detalhando preocupações sobre o estado de detentos no Afeganistão. Os primeiros detentos chegam à baía de Guantánamo, em Cuba. O Departamento de Defesa se declara insatisfeito com os rendimentos da inteligência em Guantánamo. O Centro de Detenção de Bagram é colocado à disposição do 519º Batalhão de Inteligência Militar. O general Geoffrey Miller é empossado no comando da base de Guantánamo.

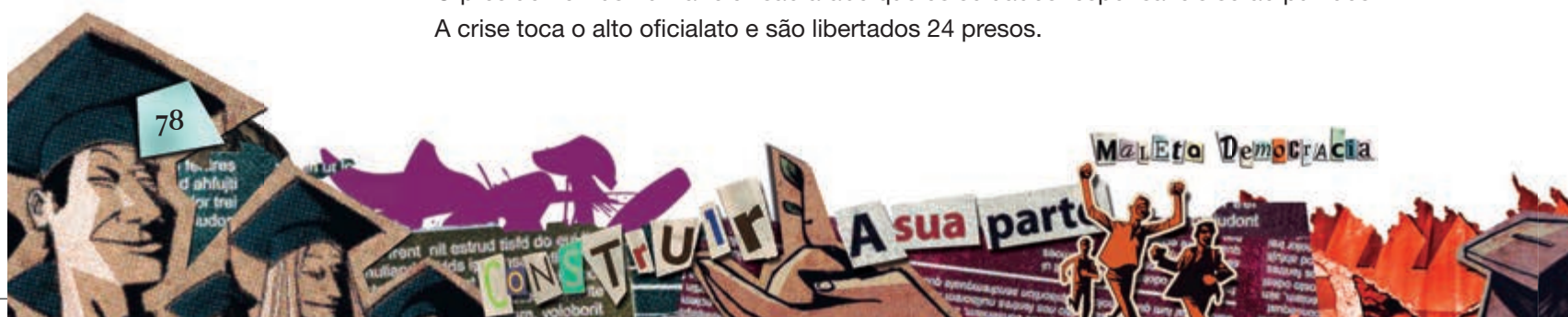




- 2003** A Otan assume o controle da segurança de Cabul. É a primeira operação fora da Europa. A Grande Assembléia (*Loya Jirga*) adota a nova constituição presidencialista.
- 2005** Emergem evidências sobre abuso nos centros de detenção dos EUA na região afegã. O senador John McCain lidera campanha pelo banimento da tortura no Senado e aprova a lei. Situação política estável, com grande incidência de atentados contra civis e militares americanos na região.

Cronologia do Iraque

- 2001** Atentado contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, EUA. Al-Qaeda assume a autoria dos mais de 4 mil mortos.
- 2002** O presidente George W. Bush afirma em Assembléia Geral da ONU que o Iraque representa um grave e iminente perigo. O Reino Unido apóia a iniciativa americana. Inspectores de armas da ONU retornam ao Iraque, com resistência por parte do governo iraquiano de Saddam Hussein. O Departamento de Justiça dos EUA enviam um memorando para o Pentágono, argumentando sobre a não-aplicação da Convenção de Genebra no Afeganistão e na luta contra a Al-Qaeda, flexibilizando os traumas psicológicos e físicos durante atividades de inteligência. O conselheiro Albert González envia memorando para o presidente George W. Bush aconselhando que ele mantenha o Talibã e a Al-Qaeda fora da aplicação da Convenção de Genebra. O jornal *Washington Post* adere publicamente à tendência.
- 2003** A ONU pede mais tempo para a inspeção no Iraque, após a assertiva de cooperação deste país. Em março, o embaixador do Reino Unido na ONU diz que o processo diplomático com o Iraque chegou ao fim. Começa a Segunda Guerra do Iraque. Bagdá é rapidamente tomada pelas tropas da coalizão. Também tem início a caçada aos principais membros do governo iraquiano de Saddam Hussein, que é capturado em Tikrit em dezembro. Os Estados Unidos dominam a prisão de Abu Ghraib, que é reaberta posteriormente sob o nome de Centro de Detenção Geral de Bagdá. Após o anúncio de novas técnicas ainda restritas no uso de interrogatórios, chegam prisioneiros do Iraque à Guantánamo.
- 2004** Intensificam-se as ações de insurgentes, com atentados à bomba, suicidas e outros tipos. Os EUA entregam a soberania para o governo interino de Iyad Allawi. Surgem os primeiros informes sobre abuso em Abu Ghraib. As coberturas do programa “60 minutos” e do periódico *New York Magazine* mostram fotos sobre os abusos, feitas em 2003. O presidente Bush diz à televisão árabe que os soldados responsáveis serão punidos. A crise toca o alto oficialato e são libertados 24 presos.





- 2005** São estimados 8 milhões de votantes para a Assembléia de Transição Nacional. A aliança xiita vence a maioria dos assentos. Os curdos vêm logo em seguida. Um estudo da ONG Iraq Body Count estima que aproximadamente 25 mil civis iraquianos morreram desde a invasão americana de 2003. Os números e a letalidade dos atentados crescem ainda mais. São soltos mais de mil presos em Abu Ghraib. Multiplicam-se as acusações contra os militares responsáveis.
- 2006** Morrem, em média, mais de cem civis por dia devido à violência no Iraque, diz a ONU. Iraque e Síria restauram relações diplomáticas. O Iraq Study Group faz um *report* ao governo Bush recomendando que a política para o Iraque deve ser repensada, por ser grave e estar em deterioração. Prevê-se uma catástrofe humanitária. Saddam Hussein é condenado à morte.
- 2007** O presidente Bush anuncia uma nova estratégia: milhares de tropas são novamente enviadas ao Iraque para garantir a segurança de Bagdá. Insurgentes explodem três caminhões com gás tóxico em Al-Falluja e Ramadi. Morre o líder da Al-Qaeda no Iraque, Abu Ayyub al-Masri. Controvérsia envolve segurança privada, após escândalo envolvendo a Blackwater (companhia norte-americana acusada pela morte de civis). Aumenta a frequência de atentados, o número de mortos e de ataques com foguetes.

Sugestão de temas para debate:

- Como a democracia está relacionada à saúde e aos direitos humanos?
- Democracia, segurança e liberdade: é possível conciliar o medo com direitos civis?
- A guerra contra o terrorismo, no Iraque e no Afeganistão, é uma guerra pela democracia. Se isto estiver correto, como justificar a tortura? A democracia é só o poder de voto e de cidadania básica, ou de participação e cidadania plena?



Para refletir

Um dos grandes alicerces da Democracia é a liberdade de expressão. A sociedade americana se caracteriza por grandes e duras autocríticas, com seu cinema, jornalismo, poesia, música etc. Com que frequência nos permitimos este exercício da autocrítica? Como poderíamos ouvir melhor a nós mesmos?





Sugestões de filmes, sites e textos

FILMES:

Battle for Haditha. Direção: Mike Broomfield. Grã-Bretanha, 2007. Documentário/Drama.

Soldado anônimo (Jarhead). Direção: Sam Mendes. Estados Unidos, 2005. Ação/Drama.

Over There (série de TV). Direção: Nelson McCormick, Chris Gerolmo, Mikael Salomon. Estados Unidos, 2005. Ação/Aventura/Drama.

Stop-Loss. Direção: Kimberly Peirce. Estados Unidos, 2008. Drama.

Redacted. Direção: Brian de Palma. EUA/Canadá, 2007. Drama.

O tigre e a neve (La tigre e la neve). Direção: Roberto Benigni. Itália/Iraque/Turquia, 2005. Comédia/Drama.

No Vale de Ellah (In the Valley of Ellah). Direção: Paul Haggis. Estados Unidos, 2007. Drama.

A volta dos bravos (Home of the Brave). Direção: Irwin Winkler. Estados Unidos/Marrocos, 2006. Drama.

SITES:

1. Para ver os atentados terroristas nos países desde 1991 (pós-Guerra Fria), acesse:
www.tempopresente.org/index.php?option=com_google_maps&Itemid=77&category=104
2. Página que faz contagem de morte de civis iraquinanos desde a invasão em 2003.
www.iraqbodycount.org
3. Página da Columbia Journalism Review que traz artigo sobre a guerra do Iraque.
www.cjr.org/issues/2004/6/voices-levenson.asp
4. Galeria de gravuras de Fernando Botero sobre Abu Ghraib:
www.modspil.dk/images/botero-4-new.jpg
http://img.slate.com/media/1/123125/123118/2135763/2153197/2153673/1_Botero.jpg
www.art-for-a-change.com/blog/images/jan07/botero1.jpg
http://warpost.blogsome.com/wp-admin/images/9_Botero.jpg





MAPAS COMPLEMENTARES:

Mapa político das zonas de ocupação na Guerra do Iraque.
http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Iraq_2003_occupation.png

Mapa da localização da base de Abu Ghraib.
Fonte: www.martinfrost.ws/htmlfiles/map_abughraib.jpg

Mapa da base americana de Guantánamo.
www.watchingamerica.com/images/guantanamo_pic.jpg

Mapa do território afegão, com um x em vermelho sobre a cidade de Bagram.
<http://hometown.aol.com/dorsettville/images/bagram%20map.gif>

Mapa da distribuição das forças de segurança no Afeganistão.
www.mediariight.ca/pics/ISAF%20Commands.jpg

CAMPANHA! O CANDIDATO DE KAWASAKI – DVD 6

A vida dos homens é, por si própria, feita de opções políticas. No caráter público e institucional, o local da prática política efetiva de uma população ocorre nas cidades.

Quando um indivíduo se lança como candidato a um cargo político em uma campanha eleitoral, ele possui diversos objetivos: melhorar a qualidade de vida de um determinado grupo, lutar por uma causa, mudar a ordem política vigente, subir na escalada do poder e até mesmo ganhar dinheiro.

Para que um candidato possa estabelecer um diálogo com a população, ele normalmente delinea um programa político para seu governo e arquiteta as formas de como esse plano poderá ser realizado. É por meio dele que a população saberá como a política vai transcorrer nos próximos anos, que áreas serão beneficiadas e quais delas receberão menos destaque; quais grupos da sociedade serão beneficiados ou não com o plano de governo; e quais os objetivos políticos que se desejam atingir. Ou seja, com esse projeto, os cidadãos poderão conhecer seus candidatos e fazer suas escolhas para votar de forma consciente.

O desenho de um plano de governo é de extrema importância para um bom desempenho nas eleições. Durante uma campanha, o candidato estabelece um diálogo com seu eleitor a fim de convencer a todos que ele é a melhor opção. Da mesma maneira, a população, a mídia e os próprios acontecimentos de um período pré-eleição contribuem para a melhoria das metas políticas.



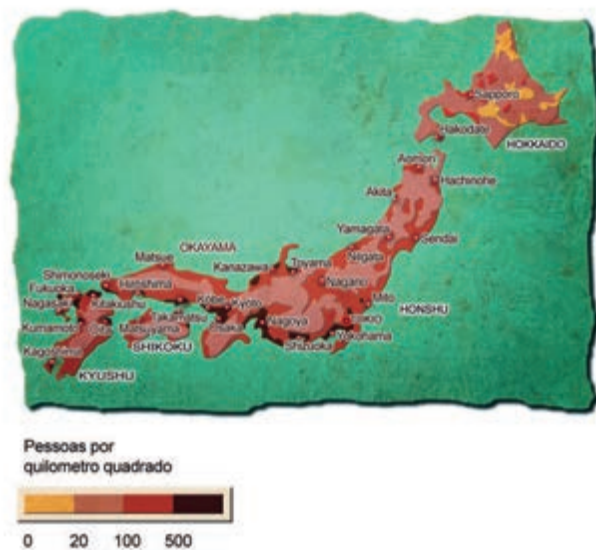


O estudo do local que se quer representar numa eleição é decisivo para traçar tal plano. Entender a infra-estrutura dos transportes, o acesso à educação, o funcionamento da saúde pública, entre outros mecanismos, contribui para focar o projeto em um determinado objetivo, bem como angariar a confiança dos eleitores.

Porém, nenhuma campanha se desenrola sem parcerias. Com elas, é possível captar novos recursos, novas tecnologias e novas metodologias para o desenvolvimento de um determinado setor. Para isso é necessário, sobretudo, que o governo mantenha um bom diálogo com suas instâncias superiores – o prefeito com o seu governador, e esse com o presidente – para que o apoio não cesse. Além disso, quando o investimento é oriundo do plano internacional, esse laço se faz extremamente necessário para que os investimentos não parem.

Alguns eleitores observam, ainda, as posturas de seus candidatos: sua educação, seus modos ao lidar com o público nas ruas, o jeito como fala, anda e se porta perante os demais políticos. Ou seja, diversos códigos que podem ajudar ou atrapalhar a popularidade de um candidato. No Japão, por exemplo, fica claro que um político deve, a todo momento, cumprimentar de maneira formal seus eleitores e agir de forma honrosa com eles, bem como escolher o vocabulário apropriado para lidar com o povo.

MAPA DENSIDADE DEMOGRÁFICA DO JAPÃO



A eleição

Depois de eleito é necessário que se analise seu desempenho durante seu mandato. Assim, os anos que seguem mostrarão o perfil de quem foi escolhido: o comprometimento para com seu plano de governo, partido e população, como também com o desenvolvimento e crescimento de sua cidade, província ou país.

Muitos políticos não andam além de suas promessas, mas há de se entender, entretanto, que vários objetivos não são alcançados por diversos fatores, como crise econômica, fragilidade de alianças por conta das ações plurais dos membros de um partido, guerras, conflitos internos e externos. Quando esses fatos surgem, há também uma mudança nas demandas sociais, visto que a política, principalmente a local, afeta diretamente nosso dia-a-dia.





Outra questão de suma importância é o comprometimento de um político com a transparência de sua candidatura. A prestação de contas dos gastos públicos, a realização de licitações para a utilização dos fundos, entre outros procedimentos, devem ser notificados à população.

Assim, quando esses funcionários públicos são suspeitos de atos ilícitos é necessário que os mesmos sejam denunciados e seus possíveis crimes investigados. A população deve, dessa forma, exigir que os mesmos sejam punidos pelos seus atos de desrespeito às normas públicas.

Um político deve ser fiel não somente a seu mandato, como também a seu partido. É nessa instância que parcerias maiores ocorrem, mesmo que sob o ponto de vista unicamente político. Da mesma maneira, é preciso que haja fidelidade ao partido. É com esse exemplo que muitos eleitores podem analisar a fidelidade de seu candidato não só com seus ideais, mas também com os demais políticos que lhes dão voto de confiança para o mandato. É aqui, por exemplo, que muitos eleitores também conseguem captar as intenções pessoais de cada candidato e, assim, avaliar se seus objetivos estão mais ligados aos interesses daqueles que representa ou de interesses meramente partidários e particulares.

A reeleição

Com o fim de um mandato e o início de uma nova corrida eleitoral, a população precisa pensar nos últimos anos: as mudanças pelas quais passou, as orientações políticas que seu município, província ou país seguiu, as diretrizes pelas quais seu candidato se guiou. Avaliar o que acredita que deva ter continuidade e aquilo que mereça ser encerrado.

Assim, não há como escapar da avaliação de um governo: a população precisa se sentir segura sobre o desempenho de um determinado candidato e garantir a ele seu voto de confiança. Dessa maneira, atinge-se um segundo mandato, sendo possível uma reeleição.

Apesar disso, é preciso lembrar que governos são movidos também por falhas: cabe a população mensurá-las – conforme os fatos pelos quais já passaram – e avaliar se os políticos dali em diante continuarão a merecer a sua confiança. Assim, será possível levar um candidato à sua permanência no poder sem se esquecer de adequar suas novas propostas políticas à nova realidade na qual se vive. A partir dessas exposições será possível, então, tratar a eleição – e, sobretudo, a campanha eleitoral – de maneira mais racional.

As campanhas eleitorais merecem tanta importância quanto a transparência das eleições e o mandato dos candidatos, pois é através delas que o povo se sente mais apto e confortável a criticar, opinar e sugerir mudanças.





A campanha eleitoral é, sem dúvida, a melhor forma de observar como os atores políticos poderão dialogar – entre si e com a população – caso cheguem ao poder. Por isso, a população deve estar atenta àquilo que permeará futuramente suas escolhas e sua vida, seja ela particular ou social.

Cronologia do Japão

- 1894** Japão entra em guerra contra a China e seu exército, apesar de mais bem equipado, consegue vitória somente por nove meses.
- 1895** China cede Taiwan ao Japão e lhe concede também o direito de fazer comércio em seu país.
- 1904** Japão entra em guerra contra a Rússia e obtém vitória em 1905.
- 1910** Japão anexa a Coreia e se torna uma das potências mundiais.
- 1914** Entrada na Primeira Guerra Mundial, ao lado da Inglaterra e seus aliados.
- 1923** Terremoto na região de Tóquio mata mais de cem mil pessoas.
- 1925** Sufrágio universal para os homens.
- Fim déc 20** Nacionalismo extremista ganha força no Japão. A ênfase era preservar os valores japoneses e rejeitar a influência “ocidental”.
- 1931** Invasão da Manchúria, com a mudança do nome da região e a criação de um governo fantoche.
- 1932** Primeiro-ministro Japonês é assassinado por terroristas ultranacionalistas; o militarismo ganha influência no país.
- 1936** Assinatura de acordo anticomunista com a Alemanha nazista.
- 1937** Assinatura de acordo anticomunista com a Itália. Japão inicia guerra contra a China. No fim do ano, Xangai, Pequim e Nanjing já haviam sido tomadas. As forças cometariam diversas atrocidades, como o episódio que ficou conhecido como o “Estupro de Nanjing”, em que 300 mil civis chineses foram mortos.
- 1939** Início da Segunda Guerra Mundial. Com a queda da França sob o regime nazista, o Japão ocupa a Indochina.





- 1941** Ataque à base naval americana em Pearl Harbor, Havaí. Vinte navios afundaram, nove sofreram estragos e aproximadamente 2.500 pessoas morreram. No dia seguinte ao ataque, os Estados Unidos e os aliados declaram guerra ao país.
- 1944** Forças americanas estão próximas o suficiente da ilha para iniciar ataques à bomba no país.
- 1945** Ataques nucleares em Hiroshima (6 de agosto) e Nagasaki (9 de agosto). Imperador Hirohito se rende e abandona seu caráter divino; o país fica sob o domínio do governo militar americano.
- 1947** Nova constituição entra em vigor, estabelecendo um sistema parlamentar em que todos os adultos teriam direito ao voto.
- 1951** O Japão assina tratado de paz com os Estados Unidos.
- 1952** Reconquista da independência.
- 1955** Formação do Partido Liberal Democrático (LDP).
- 1956** O Japão entra para a Organização das Nações Unidas (ONU).
- 1964** Jogos Olímpicos no Japão.
- 1972** Visita do primeiro-ministro japonês à China restabelece as relações diplomáticas entre os países. A embaixada japonesa em Taiwan é fechada.
- 1982** Abertura da primeira fábrica Honda nos Estados Unidos.
- 1989** Imperador Hirohito falece e é sucedido por Akihito.
- 1993** Eleições ocorrem com influência de escândalos de suborno e quedas na economia.
- 1994** A coalizão entra em colapso. Uma administração formada pelo LDP e pelos socialistas assume o poder.
- 1995** Três soldados americanos seqüestram uma estudante. Diversos protestos pedem a retirada das forças americanas da ilha.
- 1997** A economia entra em severa recessão.
- 1998** Keizo Obuchi, do LDP, se torna primeiro-ministro.





2000 Obuchi sofre um derrame cerebral e morre seis semanas depois de assumir o governo; é substituído por Yoshiro Mori.

2001 Março: Mori anuncia sua vontade de renunciar ao cargo de primeiro-ministro e líder do partido.

Abril: Junichiro Koizumi se torna o novo primeiro-ministro e líder do LDP. Disputas comerciais com a China após o Japão impor tarifas de importações aos produtos agrícolas chineses. Em retaliação, a China impõe taxas de importação para os veículos japoneses e outros bens manufaturados.

Outubro: Koizumi visita Seul e pede desculpas para o sofrimento sul-coreano sob as regras coloniais do Japão.

2003 Governo anuncia a decisão de instalar mísseis “puramente defensivos” fabricados nos Estados Unidos.

2004 Fevereiro: soldados não-combatentes chegam ao Iraque.

Setembro: Juntamente com Brasil, Índia e Alemanha, o Japão inicia um requerimento para uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU.

2005 Abril: Relações com Pequim se deterioram depois de textos de livros didáticos japoneses alegarem que a China propagava besteiras sobre os recordes japoneses na Segunda Guerra Mundial.

Setembro: O primeiro-ministro Koizumi consegue uma grande vitória nas primeiras eleições gerais convocadas depois que o Parlamento rejeitou os planos de privatização do serviço postal – a parte-chave da agenda de reformas de Koizumi.

Outubro: O Parlamento aprova a legislação.

2006 Julho: O último contingente japonês deixa o Iraque.

Setembro: Shinzo Abe sucede Junichiro Koizumi como primeiro-ministro.

2007 Abril: Pela primeira vez, um primeiro-ministro chinês, Wen Jibao, se dirige ao Parlamento japonês. Jibao afirma que os dois países mantêm boas relações.

Setembro: Wen Jibao renuncia e Yasuo Fukuda o substitui.





Sugestão de temas para debate:

- Como você avalia um candidato em uma eleição? Procura analisar suas propostas para sua cidade? Ou vota por pertencer a um determinado partido, ou ainda por conhecê-lo pessoalmente?
- O que um candidato deve priorizar em sua campanha?
- O que você pensa sobre a vitória nas urnas de candidatos que estiveram envolvidos em escândalos políticos no passado? Você já elegeu algum deles?



Para refletir

O horário obrigatório eleitoral é considerado uma forma democrática de informação, pois todos os partidos, com um mínimo de representatividade política, têm espaço gratuito (e proporcional) nas rádios e emissoras de televisão para apresentar suas plataformas e suas propostas. Como você escolhe seus candidatos? Você concorda com as atuais formas de propaganda política: horário eleitoral gratuito no rádio e televisão? Por quê?

Proposta de atividade

Simule, com seus colegas, uma eleição para representante do grupo. Siga todos os procedimentos: escolha dos candidatos, a partir da plataforma política de cada um deles; divulgação das idéias através de campanha; e votação.

Sugestões de filmes, sites e livros

FILMES:

Memórias de uma gueixa (Memoirs of a Geisha). Direção: Rob Marshall. Estados Unidos, 2005. 145 minutos. Drama/Romance.

Bandeiras do samurai (Furin Kazan). Direção: Hiroshi Inagaki. Japão, 1969. 165 minutos.

O Grande Império Japonês (Dai-Nippon Teikoku). Direção: Toshio Masuda. Japão, 1982. 180 minutos.

O túmulo dos pirilampos (Hotaru no Haka). Direção: Takahata Isao. Japão, 1988. 88 minutos. Animação.





SITES:

1. Site dedicado à cidade japonesa de Kawasaki.
<http://www.city.kawasaki.jp/58/58kikaku/home/etop.html>
2. Site da publicação Made In Japan, dedicado à comunidade nipo-brasileira.
<http://madeinjapan.uol.com.br/>
3. Site dedicado ao conteúdo em Português sobre a culinária japonesa.
www.cozinhajaponesa.com.br
4. Site dedicado à comunidade nipo-brasileira, visando a preservação e divulgação da cultura japonesa no Brasil e da brasileira no Japão.
www.bunkyo.org.br

LIVROS:

DAVIS, F. Hadland. **Mitos e lendas do Japão**. São Paulo: Landy, 2004.

FERGUSON, Will. **De carona com Buda: o Japão de cabo a cabo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PINGUET, Maurice. **A morte voluntária no Japão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

PIRES, Jacinto Lucas. **Livro usado (numa viagem ao Japão)**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

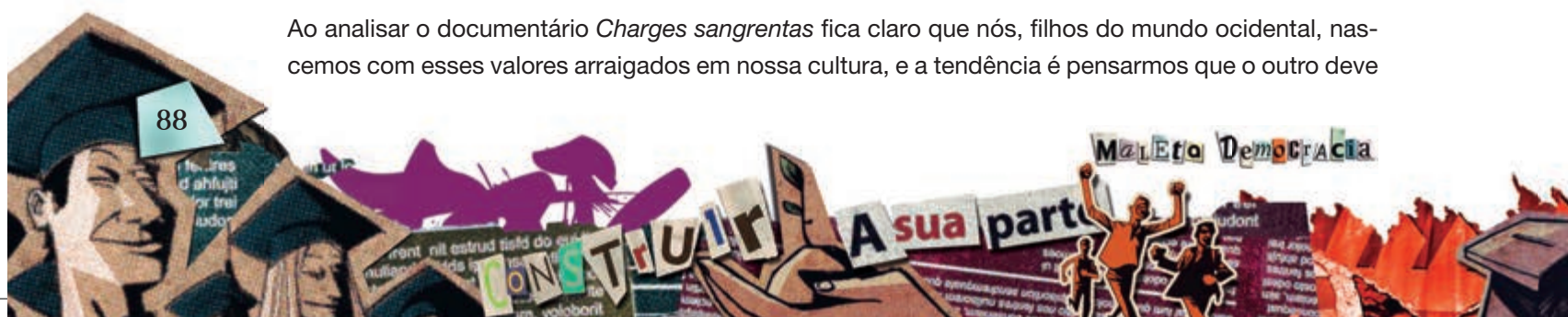
CHARGES SANGRENTAS – DVD 6

Quais são os limites de uma democracia? Ela é o melhor regime político que existe para se governar um povo?

A democracia, oriunda da Grécia clássica, é um modelo de regime político criado pela civilização ocidental, isto é, aquela cujas bases se assentam na antiga cultura greco-romana. Essa tradição, abandonada por diversos povos durante a Idade Média, foi resgatada por pensadores e filósofos modernos. Dessa forma, o regime dito “democrático” também foi aperfeiçoado e burocratizado.

A democracia não traz consigo somente valores políticos, de organização pública do poder. Ela incute na sociedade um modelo econômico, uma abertura ao mundo ocidental e aos seus valores, como por exemplo o consumo e a independência feminina, Estado laico, pluralidade religiosa, entre outros.

Ao analisar o documentário *Charges sangrentas* fica claro que nós, filhos do mundo ocidental, nascemos com esses valores arraigados em nossa cultura, e a tendência é pensarmos que o outro deve





seguir nosso modelo, uma vez que os fatos históricos provaram que a democracia é a melhor solução encontrada para representar o povo no poder.

A partir daí, vamos analisar os conflitos causados pela publicação, feita inicialmente pelo jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, de charges representando o profeta Muhammed (ou Maomé, em português).

Liberdade de expressão no mundo globalizado

30 de setembro de 2005. Doze charges publicadas pelo jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* acendem a fogueira de protestos que viriam acontecer meses mais tarde em diversos países muçulmanos. As consequências para o governo dinamarquês seriam os prejuízos dos incêndios de três embaixadas do país no Oriente Médio (Síria, Líbano e Irã), o boicote de nações muçulmanas aos seus produtos, além de ameaças de morte aos cartunistas.

Os crentes em Alah obedecem às regras ditadas por seu livro sagrado: o Alcorão (ou Corão). Reproduzir imagens do profeta é proibido e, nos países onde o islã é a religião oficial, o ato é considerado crime. Dessa forma, as comunidades muçulmanas classificaram as publicações como desrespeitosas à sua religião. No mundo ocidental, diversos outros jornais republicaram as charges e alegaram que tinham direito à liberdade de expressão.

Para compreender os protestos, precisamos lembrar também a globalização. Vista por muitos setores como um potencializador de contatos, ela facilita o intercâmbio e a homogeneização das culturas e permite, ainda, amplas possibilidades de diálogo, sobretudo por meio de redes eletrônicas de comunicação.

DISTRIBUIÇÃO MUÇULMANA NO MUNDO



Atualmente, os muçulmanos representam 20% da população mundial.





Charges sangrentas

Entretanto, na prática, ela se manifesta quando princípios morais, religiosos ou ideológicos ocidentais são impostos a outras culturas não-ocidentais, muitas vezes pela força. É o caso das idéias como democracia e liberdade de imprensa, ocidentais por natureza, que são pregadas com o mesmo fundamentalismo supostamente oriental – por exemplo, o islâmico. A reação violenta em grande parte do mundo islâmico contra a publicação das 12 charges levanta a hipótese de que nenhum conceito é universal, ainda que no discurso pretendam sê-lo.

Assim, esse mesmo intercâmbio cultural, por facilitar o contato entre pessoas e povos diferentes, potencializa as discussões e, em muitos casos, as polêmicas. Do mesmo modo, toda cultura tende a valorizar-se e, na contramão das teorias, isolar-se cada vez mais. O que era para se tornar uma “época de paz e democratização” pode provocar novas modalidades de conflitos. O caso das charges é um exemplo das contradições culturais entre o ideal de mundo globalizado e a realidade por ele engendrada.

O tabu

Dividir o mundo em duas partes – Oriente e Ocidente – ajudou na propagação de preconceitos sobre a outra metade do mundo. O modo como a democracia é pensada na Europa e na América, por vezes, não corresponde à realidade. As charges são ofensivas: confrontam o espírito iluminista em torno do qual se construiu nosso mundo contemporâneo. Passam ao largo da tolerância, da civilidade e da convivência que marcam as democracias.

O homem dito “ocidental” é etnocêntrico¹. Além de não respeitar os valores e a cultura das sociedades ditas “orientais”, propaga seus valores e sua cultura e tenta, ainda, impor-lhes aquilo que consideram o melhor. Assim, aqueles que não compartilham da democracia e da liberdade de expressão, por exemplo, devem ser combatidos.

O islã não é incompatível com a liberalização dos mercados, característica fundamental de um Estado segundo os herdeiros do Iluminismo²: é só observar o caso da Turquia e Indonésia, países muçulmanos e modernizadores. Mas uma visão difundida a partir de certos líderes ocidentais passou a ver todo o mundo islâmico como reduto de fundamentalistas. Os “ocidentais” são, portanto, *islamofóbicos*.

Como conceito contraditório em sua natureza, a liberdade de expressão sempre funcionou atenta para o distante e cega para o próprio. Por que não pensar o papel de um Bush potencialmente mais nocivo à humanidade do que o de um Ahmadinejad³? Os desenhos, feitos pelos defensores da democracia, cutucam os tabus islâmicos, mas em nenhum momento conseguiram olhar sequer para as suas próprias feridas.



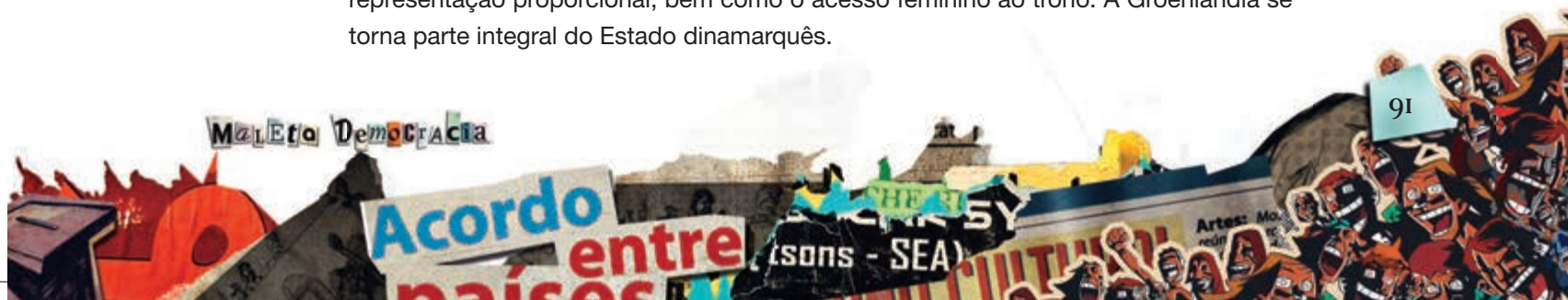


As charges, então, funcionam como um claro exemplo disso. São agressivas à cultura islâmica, uma vez que foram publicadas em nome de liberdade da imprensa enquanto protestos sangrentos em defesa de tradições culturais e religiosas ocorriam. Os mal-entendidos são fruto da incapacidade de encarar a diversidade, tomando certos preceitos isoladamente.

O discurso moderno construiu uma realidade ideal, que até hoje tem servido como meta. A liberdade precisa ser buscada sem cessar, ainda que nunca seja plenamente alcançada. Talvez os anglo-europeus devessem buscar o respeito; já essa realidade é totalmente possível.

Cronologia da Dinamarca

- 1849** Dinamarca se torna uma monarquia constitucional. São estabelecidas duas câmaras parlamentares.
- 1914 a 1918** O país se mantém neutro durante a Primeira Guerra Mundial.
- 1918** Sufrágio universal.
- Déc de 30** O estado de bem-estar social é estabelecido pelo governo dominado pelos sociais democratas.
- 1939** A Dinamarca assina um pacto de não-agressão válido por dez anos com a Alemanha.
- 1940** Invasão nazista não encontra resistência inicialmente. O governo aceita a ocupação em troca do controle de sua política doméstica.
- 1943** Uma campanha da Resistência Dinamarquesa determina o imediato controle alemão das relações dinamarquesas. Milhares de judeus dinamarqueses escapam rumo à Suécia.
- 1945** A Alemanha se rende e a ocupação se encerra. A Dinamarca reconhece a independência da Islândia, que havia sido declarada em 1944.
- 1948** As Ilhas Faroe garantem seu governo próprio no Estado dinamarquês.
- 1949** A Dinamarca se junta à Organização do Tratado do Atlântico-Norte (Otan).
- 1952** A Dinamarca se torna membro-fundador do Conselho Nórdico.
- 1953** Mudanças constitucionais determinam Câmara Parlamentar Única no país eleita por representação proporcional, bem como o acesso feminino ao trono. A Groenlândia se torna parte integral do Estado dinamarquês.





- 1959** A Dinamarca se junta ao Mercado Comum Europeu.
- 1952** O Rei Frederick IX morre e é sucedido por sua filha, Margrethe II.
- 1973** A Dinamarca se junta à Comunidade Econômica Européia.
- 1979** A Groenlândia garante ser governada por si própria, mas a Dinamarca ainda controla as relações internacionais e a defesa da ilha.
- 1982** Poul Schlueter, da ala conservadora, torna-se o primeiro ministro dinamarquês a ficar no poder por quase um século.
- 1985** Legislação proíbe a construção de centrais nucleares na Dinamarca.
- 1992** Dinamarqueses rejeitam, num referendo sobre a Integração Européia, o Tratado de Maastricht.
- 1993** Schlueter demite-se após ser acusado de mentir num escândalo envolvendo refugiados tâmil. O social-democrata Poul Nyrup Rasmussen se torna o primeiro-ministro dinamarquês. Dinamarqueses aprovam o Tratado de Maastricht após o governo garantir sua não-participação em determinados assuntos.
- 1994** Poul Nyrup Rasmussen retorna ao poder em eleições gerais.
- 1998** Poul Nyrup Rasmussen novamente no poder.
- 2000** Dinamarqueses rejeitam a adoção do Euro como sua moeda nacional com 53% dos votos totais. Uma nova ponte e um novo túnel ligam Copenhague a Malmö, no sul da Suécia. Viajar entre os dois países, de carro ou trem, demandaria apenas 15 minutos.
- 2001** As eleições de novembro colocam o conservador Anders Fogh Rasmussen no poder. Sua campanha prometia um aperto nas regras imigratórias e uma diminuição nos impostos. A eleição mostrou aos dinamarqueses a vitória da extrema-direita, que conquistou 22 assentos no Parlamento e se tornou o terceiro maior partido na instituição.
- 2002** O novo governo estabelece restrições aos imigrantes para reduzir os problemas que já possuía.
- 2004** Em agosto, o governo dinamarquês assina acordo com o governo americano para modernizar a base aérea da Groenlândia.





- 2005** Disputas diplomáticas com o Canadá pelas Ilhas Hans, no Ártico. O jornal *Jyllands-Posten* publica, em 30 de setembro, 12 charges com representações sobre o profeta Maomé (Muhammad) e o islã.
- 2006** Janeiro-fevereiro: as imagens das charges causam protestos de massa entre muçulmanos de diversas partes do mundo, bem como boicote às mercadorias dinamarquesas.
- 2007** Fevereiro: o governo dinamarquês anuncia a retirada de suas tropas do Iraque no fim de agosto. A Dinamarca foi um dos membros originais da coalizão para invadir terras iraquianas em 2003.
- Março: Polícia e manifestantes se chocam em Copenhague seguindo o despejo de ocupantes de um centro de jovens. Centenas de pessoas foram presas.
- Novembro: O governo do primeiro-ministro Fogh Rasmussen vence as eleições e começa seu terceiro mandato.
- 2008** Fevereiro: A polícia descobre um plano para matar um dos cartunistas que representou Maomé (Muhammad) em 2005. A republicação das charges por diversos jornais fez com que mais protestos ocorressem.

Sugestão de temas para debate:

- Qual a imagem que você possui daquilo que se costuma chamar de “Oriente”?
- Qual a sua opinião sobre o “Ocidente”?
- O que você pensa da democracia ocidental? Acredita que ela consegue atender aos interesses da população em geral? O que você faz para mudar a realidade em que vive?



Para refletir

O Brasil é um Estado laico, mas os símbolos religiosos cristãos estão presentes até nas cédulas de dinheiro. E boa parte dos feriados nacionais é de origem religiosa cristã. Qual sua opinião sobre isso?





Proposta de Atividade

Que tal produzir charges sobre os tabus de nossa própria sociedade? Tente pensar em fazer desenhos sobre problemas que enfrentamos em nosso dia-a-dia: a criminalidade urbana, a fome, o desemprego, a saúde precária, entre outros.

Sugestões de filmes, sites e livros

FILMES:

300. Direção: Zack Snyder. Estados Unidos, 2007. 117 minutos. Aventura.

A grande viagem (Le grand Voyage). Direção: Ismaël Ferroukhi. França/Marrocos, 2004. 108 minutos. Drama.

A história do islamismo: Maomé, o mensageiro de Alah (The Message). Direção: Moustapha Akkad. Kuwait/Marrocos/Líbia/Inglaterra/Líbano, 1976. 220 minutos. Drama.

Um filme falado (Un Film Parlé). Direção: Manoel de Oliveira. Portugal/França/Itália, 2003. 96 minutos. Drama.

SITES:

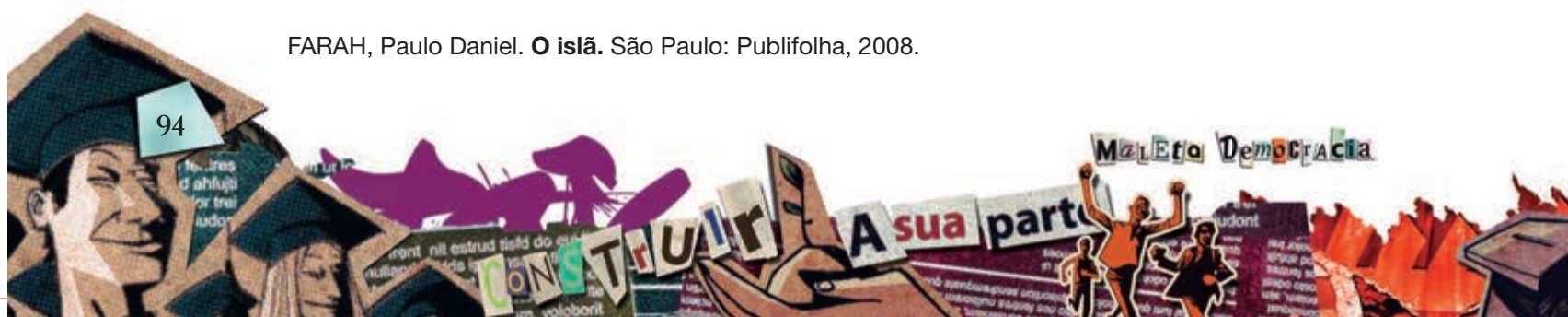
1. Página da organização dedicada a discutir as principais questões da juventude muçulmana na América do Norte.
www.ymonline.org
2. Site de serviços, informações e entretenimento dedicado aos libaneses no Brasil.
www.libanoshow.com
3. Site da Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil.
www.islamismo.org
4. Site do Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos no Paraná, entidade cultural religiosa, dedicada à cultura e o pensamento islâmico.
www.ibeipr.com.br

LIVROS:

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FARAH, Paulo Daniel. **O islã**. São Paulo: Publifolha, 2008.





HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

LO JACONO, Claudio. **Islamismo: história, preceitos, festividades e divisões.** São Paulo: Globo Livros, 2002.

NABHAN, Neuza Neif. **Islamismo, de Maomé a nossos dias.** São Paulo: Ática, 1996.

NAIPAUL, V. S. **Além da fé: Indonésia, Irã, Paquistão e Malásia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SAID, Edward. **Orientalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Notas

- ¹ Visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais.
- ² Movimento intelectual do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico.
- ³ Mahmoud Ahmadinejad, atual presidente do Irã; considerado pelo ocidente como radical e potencialmente perigoso.





DAMAS DE FERRO DA LIBÉRIA – DVD 7

Para que se entenda a história de diversos países africanos – principalmente aqueles que, durante anos, foram assolados por conflitos e guerras civis –, é preciso estar atento aos detalhes dos eventos históricos que se sucedem. Além do passado colonial, que abandonou muitos territórios à própria sorte, vários grupos rebeldes se chocam por divergências de interesses a todo instante. Além disso, as relações desses grupos com a sociedade civil e o governo em vigor fizeram e fazem a história da África ser escrita com sangue, corrupção, miséria e disputa pelo poder.

A história da Libéria não caminhou muito diferente. Ela foi escrita com inflação, desemprego, corrupção, disputas étnicas e territoriais e violação dos direitos humanos. Fundada por escravos livres oriundos dos Estados Unidos em 1817, esse país da costa oeste da África conquistou sua independência em 24 de julho de 1847 e proclamou a primeira república de todo o continente. Sua constituição é organizada sob as mesmas bases da constituição norte-americana. Apesar do caráter de “terra livre” (no latim, “Libéria” significa “terra dos livres”), a transição do século XIX para o XX representou a alternância de potências – França e Inglaterra – na dominação da Libéria.

Se a dominação feita politicamente não era branda, a dominação econômica estava por se intensificar. Em 1926, o governo liberiano outorga às empresas Firestone e à Rubber Company a exploração do plantio e beneficiamento da borracha. A produção de borracha se tornará a espinha dorsal da economia.

O principal partido político era True Whig Party (TWP), que em 1943 elegeu William Tubman presidente, que ficou no poder até sua morte, em 1974. William Tolbert, o novo presidente, governou até 1980. Desde a fundação de sua república, a Libéria seria governada pelo TWP, que com o passar das décadas representava cada vez menos a massa da população liberiana, uma vez que subjugou os demais 16 grupos étnicos indígenas majoritários no território liberiano (ver mapa). Em 1980, o TWP representava apenas a população que descendia diretamente dos fundadores do país, índice em torno de 5% do total da população.

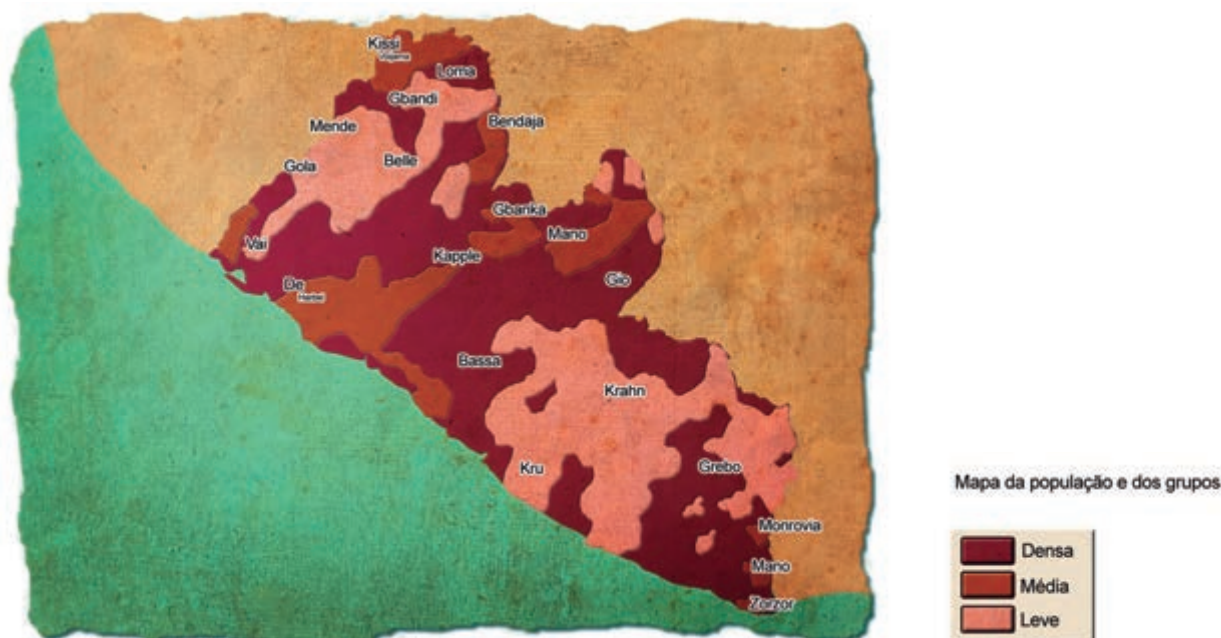
Em 1975, Tolbert assina o Tratado de Lagos para criação, com mais 15 países, da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS), instituição que desempenharia um papel central durante a Guerra Civil Liberiana.

Cinco anos mais tarde, Samuel Doe, sargento das Forças Armadas Liberianas, lidera tropas de baixo escalão e golpeia o governo, suspendendo a Constituição e tornando-se o novo presidente liberiano. Logo em sua primeira semana como chefe do governo do país, Doe mostrou a face sangrenta que tomaria conta de seu governo na próxima década: ele executa publicamente o presidente deposto William Tolbert e mais 13 homens da confiança deste.





DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA LIBÉRIA



Governando com mãos de ferro e de sangue, Doe permite, em 1984, a volta da atuação legal dos partidos liberianos existentes, com o objetivo de atender às pressões de vários credores, principalmente os americanos.

Além disso, as ameaças internas não cessam. Em 1985, Thomas Quiwonkpa, antigo comandante do exército de Doe, tenta um golpe de Estado e fracassa. Além de ser executado, Quiwonkpa tem seus seguidores perseguidos e sua vila natal, Nimba, invadida e ateadada fogo. O ódio invade as tribos indígenas de toda a Libéria. Ainda no mesmo ano, Doe é “eleito” presidente numa eleição fraudulenta.

Já em 1989, o presidente é ameaçado novamente, porém dessa vez não consegue resistir. Charles Taylor, líder de grupos militares insatisfeitos com o governo – a Frente Patriótica Nacional da Libéria (NPFL) –, invade Nimba com ajuda dos governos da Líbia e da Costa do Marfim. Em julho do ano seguinte, Taylor e os rebeldes da NPFL alcançam a capital Monróvia e são combatidos pelas Forças Armadas Liberianas (AFL). No entanto, a AFL passa a perseguir não só os rebeldes liderados por Taylor, mas também toda a população civil não pertencente às etnias Krahn e Mandingo.

Aqui surge um novo grupo rebelde. Prince Yormie Johnson, aliado até então de Charles Taylor, descontenta-se com a NPFL e cria a Frente Patriótica Nacional Independente da Libéria (INPFL), que passa a combater tanto a AFL quanto a NPFL. A guerra civil liberiana estava apenas começando. Ainda em 1990, a ECOWAS cria, em agosto, o ECOMOG (Grupo de Monitoramento de Cessar-Fogo da ECOWAS) para intervir militarmente na Libéria.





No mês seguinte, Samuel Doe é executado por Yormie Johnson. Seu brutal assassinato é gravado em uma fita de vídeo que foi espalhada por todo o país, e Johnson se declara o novo presidente da Libéria. Enquanto isso, a AFL rompe com o ECOMOG e o comandante da missão, general Quainoo, pede para que seus soldados sejam retirados da Libéria. Além de ser contrariado, ele é substituído pelo ex-presidente da Gâmbia, Dawda Jawara.

Em novembro, Taylor assina um acordo de cessar-fogo durante a primeira reunião extraordinária da ECOWAS em Bamako, Mali, com a criação de um governo provisório para o qual Amos Sawyer foi escolhido presidente do então Governo Interino da Unidade Nacional (IGNU).

Nos meses subseqüentes, houve intensa troca de governo com os partidos NPFL e INPFL se alternando no poder. Apesar da evidente cisão dentro da ECOWAS, a ação do ECOMOG é ampliada para todas as regiões da Libéria. Suas funções seriam defender o desarmamento de todas as facções internas liberianas sob sua supervisão, monitorar portos e aeroportos – a fim de evitar o contrabando de armas –, criar uma zona de contensão na fronteira com a Serra Leoa, institucionalizar um governo interino e garantir o acontecimento das eleições nos seis próximos meses.

Os objetivos, no entanto, ficaram longe de serem alcançados. Em agosto de 1992 Charles Taylor rompe com o cessar-fogo e retoma os combates contra a ULIMO. Os confrontos se acirram quando soldados da NPFL humilham combatentes do ECOMOG ao matarem seis nigerianos e liberar outros, porém sem armas e roupas. De outubro até dezembro, a NPFL empreende novos ataques à capital, mas é empurrada para além dos subúrbios da cidade pela união da AFL e ULIMO às tropas do ECOMOG. Em novembro, o Conselho de Segurança da ONU aprova a resolução 788, embargando a venda de armas à Libéria.

Tentativas de cessar-fogo

De 1993 a 2002, diversas tentativas de cessar-fogo foram assinadas. Contudo, poucas metas desses acordos foram cumpridas. Foram várias as discordâncias entre a ONU e a ECOWAS, além dos desentendimentos dentro desta quanto à intervenção na Libéria.

Em julho de 1993, a assinatura de um novo acordo para expansão do ECOMOG contou com a ONU e a Organização da Unidade Africana (OUA). Pela primeira vez, a ONU concordou em cooperar, com uma força de intervenção comandada por seus soldados, os chamados “capacetes azuis”. Para acompanhar o processo, a entidade estabelece, então, a Missão de Observação da ONU na Libéria (UNOMIL). Foram muitas idas e vindas no processo de paz na região, até a assinatura do 11º Acordo Abuja II, em 1996, quando um novo calendário para cessar-fogo, desarmamento e eleições é montado. Para que a guerra civil não se arrastasse ainda mais e para que novos acordos fossem descumpridos, Abuja II prevê uma série de sanções contra os grupos que o desrespeitassem, incluindo a





proibição de abertura de escritórios eleitorais e processos contra crimes de guerra. A ECOWAS adota um código de conduta para o Conselho de Estado. A ajuda da ONU é oficialmente requisitada para organizar e implantar as eleições. Um novo cessar-fogo é declarado e Ruth Perry, antiga senadora liberiana, é eleita presidente do Conselho de Estado e a primeira mulher africana a se tornar chefe de Estado. Finalmente os EUA resolveram auxiliar os esforços multilaterais de paz implementados pela ECOWAS, anunciando o apoio logo depois da União Européia ter disponibilizado apoio logístico ao ECOMOG, o que levou a um novo arranjo no cronograma do desarmamento.

A vontade de fazer o conflito se encerrar foi percebida em 1997. Em abril, instala-se a suprema corte e a comissão eleitoral; a data das eleições é transferida de 30 de maio para 19 de julho. Concorrendo com um total 13 partidos, Charles Taylor vence as eleições liberianas com 75,3% dos votos e um mandato que duraria seis anos. A ECOWAS, a UNOMIL e observadores internacionais declararam conjuntamente as eleições liberianas como livres, justas e dignas.

Entretanto, em janeiro de 1999, Taylor é acusado de financiar revolucionários da Frente Unida Revolucionária (RUF), de Serra Leoa, com os chamados “diamantes de sangue” (diamantes explorados ilegalmente e contrabandeados), enquanto Estados Unidos e Inglaterra ameaçam suspender a ajuda à Libéria. Dois anos depois, o Conselho de Segurança da ONU vota a favor de novo embargo de armas para punir Taylor pelo descumprimento da resolução 788.

No despertar de 2002, mais de 50 mil liberianos e leonenses cruzam as fronteiras de seus países para fugirem das guerras civis. Taylor declara, então, estado de emergência. Alegando o objetivo de reduzir as ameaças rebeldes, Taylor expande, em setembro, o estado de emergência por mais oito meses e proíbe qualquer reunião política.

A transição

O ano de 2003 foi marcado pelos confrontos contínuos entre os grupos rebeldes liberianos e pelo agravamento da situação de Charles Taylor. Em março, as facções avançam até 10 quilômetros de Monróvia. Três meses mais tarde, em 4 de junho, Taylor é acusado de crimes de guerra e julgado pelo Tribunal da ONU. Em julho, os combates entre governo e rebeldes se intensificam nos arredores de Monróvia, nos quais centenas de civis são mortos. A ECOWAS concorda em mandar soldados para o país. No mês seguinte, o governo interino, sob o comando de Moses Blah, assina um cessar-fogo com os rebeldes, e Taylor deixa o poder para se exilar na Nigéria.

Em outubro, o Governo Nacional de Transição da Libéria, composto por grupos do governo, da sociedade civil e rebeldes, passa a comandar o poder tendo como representante Gyude Bryant. Em fevereiro de 2004, donatários internacionais emprestam grandiosas quantias para a reconstrução do país, mas em outubro este plano encontra empecilhos: 16 pessoas são mortas em distúrbios violentos.





tos que, segundo a ONU, contou com o apoio de ex-combatentes. O Governo Nacional de Transição da Libéria chega ao fim em 2005.

Sirleaf eleita



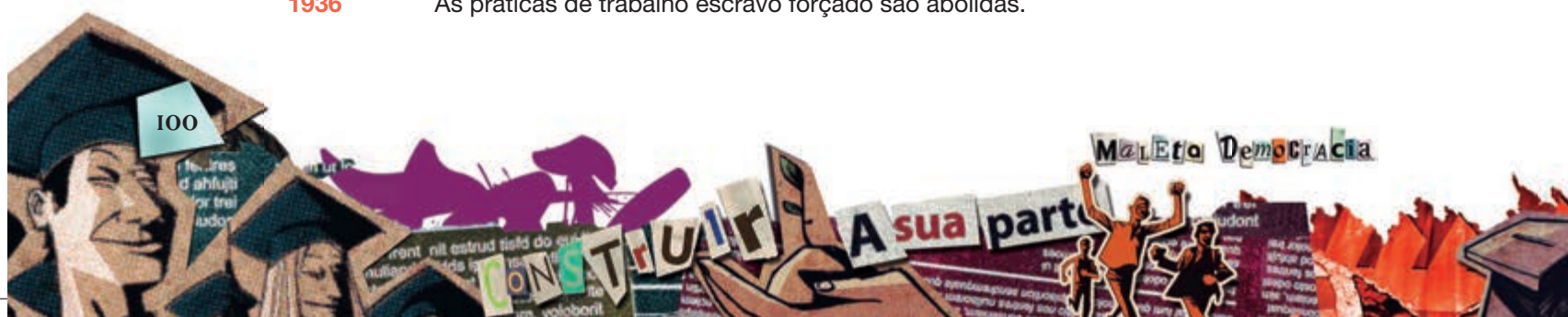
Em 23 de novembro de 2005, a economista formada em Harvard, Elle Johnson-Sirleaf é eleita presidente da Libéria. Com sua posse em janeiro de 2006, ela instala a Comissão de Verdade e Conciliação para investigar abusos aos direitos humanos de 1979 a 2003.

Em 2006, a ONU suspendeu a proibição de venda de armas à Libéria para que o país pudesse treinar e equipar suas forças de segurança embora, em dezembro de 2007, o Conselho de Segurança tenha embargado armas ao país por mais um ano, a fim de diminuir a violência armada na Libéria. Também em 2007, o mesmo conselho encerra suas proibições à exportação de diamantes liberianos.

A UNOMIL não foi encerrada pela ONU. Apesar de ter sido uma das missões de paz mais caras da história, a organização ainda mantém 15 mil soldados na Libéria. Os grandes desafios do atual governo não se restringem somente à reconstrução de toda a infra-estrutura do país (urbana, de saúde, policial, de transporte, educacional), mas também à reintegração de ex-combatentes – adultos e crianças – à sociedade civil. A guerra civil deixou, além de mais de 314 mil refugiados, um número de mortos ente 150 e 250 mil.

Cronologia da Libéria

- 1820** Chegada de americanos a Cristopholis (atual Monróvia, capital da Libéria).
- 1822** Estabelecimento de uma colônia na costa oeste africana.
- 1847** Conquista da independência em 24 de julho.
- 1867** Mais de 13 mil imigrantes são enviados à Libéria.
- 1917** A Libéria declara guerra à Alemanha e concede aos aliados uma base na África ocidental.
- 1926** Instalação da Firestone no país.
- 1936** As práticas de trabalho escravo forçado são abolidas.





- 1943** William Tubman é eleito presidente.
- 1944** A Libéria declara guerra ao Eixo.
- 1951** Mulheres e donos de propriedades indígenas votam pela primeira vez.
- 1958** A lei que criminaliza a segregação racial entra em vigor.
- 1971** Com a morte de Tubman, William Tolbert assume o poder, permanecendo até 1980.
- 1974** Rompimento de relações com os Estados Unidos. Primeira ajuda econômica oriunda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).
- 1975** Assinatura do Tratado de Lagos para criação da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS).
- 1978** Assinatura de acordos comerciais com a Comunidade Econômica Européia.
- 1979** Violentos distúrbios internos mataram mais de quarenta pessoas quando o governo ameaçou aumentar o preço do arroz, alimento básico liberiano.
- 1980** Samuel Doe depõe William Tolbert e o executa publicamente.
- 1984** Samuel Doe permite a volta dos demais partidos políticos liberianos à legalidade.
- 1985** Thomas Quiwonkpa tenta um golpe de Estado e fracassa.
- 1989** Charles Taylor lidera a Frente Patriótica Nacional da Libéria (NPFL) na invasão de Nimba.
- 1990** Julho: Taylor e a NPFL chegam à capital Monróvia. Prince Yormie Johnson funda a INPFL.
Agosto: A ECOWAS cria o Grupo de Monitoramento de Cessar-Fogo da ECOWAS (ECOMOG) para intervir militarmente na Libéria.
Setembro: Execução de Samuel Doe por Yormie Johnson. A AFL rompe com o ECOMOG. A NPFL bombardeia um navio de Gana. Nigéria e Gana enviam, então, mais 3 mil homens para Monróvia.
Novembro: Taylor assina acordo para um cessar-fogo durante a primeira reunião extraordinária da ECOWAS em Bamako, Mali.
- 1991** Fevereiro: Assinatura de um cessar-fogo em Lomé, Togo.
Maio: Políticos Krahn e Mandingo fundam o Movimento Unido de Liberação da Libéria para a Democracia (ULIMO). Ampliação da ação do ECOMOG na Libéria.





- 1992** Agosto: Taylor rompe com o cessar-fogo e reinicia os combates contra a ULIMO.
- Outubro-dezembro: A NPFL empreende ataques a Monróvia e é empurrada para além dos subúrbios da capital pela aliança de AFL, ULIMO e ECOMOG. Nigéria e Gana enviam mais soldados à Libéria.
- Novembro: O Conselho de Segurança da ONU aprova resolução 788, que impunha o embargo à venda de armas para a Libéria.
- 1993** Julho: Assinatura de um novo acordo que contou com a ONU, OUA (Organização da Unidade Africana). A Missão de Observação da ONU na Libéria (UNOMIL) é criada.
- 1994** Agosto: Desentendimento entre a ONU e a ECOWAS leva a primeira a diminuir o contingente de 368 para noventa homens.
- Dezembro: Assinatura do Acordo de Accra, Gana.
- 1995** Junho: Taylor e o então presidente da Nigéria, Sani Abacha, se reúnem para discutir o fim dos combates à Libéria.
- Agosto: Líderes faccionários assinam novo acordo de paz em Abuja, Nigéria (Acordo Abuja I).
- Dezembro: Johnson ataca soldados do ECOMOG e desafia o acordo de paz.
- 1996** Agosto: Assinatura do Acordo Abuja II, o 11º acordo de paz referente à Libéria. Os EUA auxiliam os esforços multilaterais de paz implementados pela ECOWAS; a Europa disponibiliza apoio logístico ao ECOMOG.
- 1997** Abril: Instalação da suprema corte e da comissão eleitora. Charles Taylor vence as eleições liberianas com 75,3% dos votos para mandato de seis anos. A ECOWAS, a UNOMIL e observadores internacionais declararam conjuntamente as eleições liberianas como livres, justas e dignas.
- 1999** Janeiro: Taylor é acusado de financiar revolucionários da Frente Unida Revolucionária (RUF), de Serra Leoa, com os chamados “diamantes de sangue” (diamantes explorados ilegalmente e contrabandeados). Estados Unidos e Inglaterra ameaçam suspender a ajuda à Libéria.
- 2001** Maio: Conselho de Segurança vota novo embargo de armas para punir Taylor.
- 2002** Janeiro-fevereiro: mais de 50 mil liberianos e leonenses ultrapassam a fronteira entre os dois países fugindo de suas respectivas guerras civis. Taylor declara estado de emergência.





Setembro: Taylor declara estado de emergência por mais oito meses e proíbe qualquer reunião política.

2003 Março: forças rebeldes avançam até 10 quilômetros de Monróvia.

4 de junho: Charles Taylor é acusado de Crimes de Guerra e julgado no Tribunal das Nações Unidas.

Julho: A ECOWAS concorda em mandar soldados para o país.

Agosto: O Governo interino assina um cessar-fogo com os rebeldes. Taylor deixa o poder e se exila na Nigéria.

Outubro: O Governo Nacional de Transição da Libéria assume o poder tendo como representante Gyude Bryant.

2004 Fevereiro: donatários internacionais emprestam grandiosas quantias para a reconstrução da Libéria.

Outubro: 16 pessoas são mortas em distúrbios violentos que, segundo a ONU, tiveram apoio de ex-combatentes.

2005 23 de novembro: Economista formada em Harvard, ex-Banco Mundial e Citibank África, Elle Johnson-Sirleaff é eleita presidente da Libéria.

2006 Janeiro: Posse de Sirleaff.

Fevereiro: Instalação da Comissão de Verdade e Conciliação.

Junho: O Conselho de Segurança da ONU suspende a proibição de venda de armas para a Libéria.

2007 Abril: O Conselho de Segurança da ONU encerra suas proibições à exportação de diamantes liberianos.

Dezembro: O mesmo conselho estende seu embargo a armas por mais um ano.

2008 A ONU mantém 15 mil soldados na Libéria e a UNOMIL foi uma das missões de paz mais caras até hoje.





Sugestão de temas para debate:

- A Libéria é o primeiro país Africano a eleger uma Chefe de Estado mulher. Discuta com seu grupo a crescente participação feminina na política.
- Qual o papel da sociedade civil no processo de reconstrução de um país?



Para refletir

O documentário *Damas de ferro da Libéria* mostra a luta da população civil na reconstrução deste país africano. O que você conhece sobre a África? Qual a imagem que você tem da África? Infelizmente pouco aprendemos sobre este enorme continente na escola, restringindo-se apenas a questão da escravidão. Quando muito falamos sobre sua tardia descolonização, no século XX. Mas o Brasil tem profunda ligação com este continente e conhecê-lo é fundamental. Pesquise!

Proposta de atividade

Que tal construir uma Carta de Princípios, uma espécie de Constituição? Cada integrante de seu grupo deve sugerir os **princípios que deveriam reger a vida em sociedade**. Depois, formam-se grupos para debater as propostas individuais e elaborar uma proposta coletiva sobre direitos e deveres universais que deveriam orientar as ações de todo cidadão, em qualquer lugar do mundo.

Depois que os grupos tiverem chegado a um acordo, e registrado por escrito aquilo que consideram essencial, faz-se a socialização das propostas e leva-se ao grande grupo a discussão sobre princípios que norteiam uma noção de direito universal. A partir desse trabalho, pode-se construir um “**código de convivência**”: relação de princípios básicos, construídos e aceitos coletivamente, que irão orientar as ações dos membros daquele grupo para uma convivência harmônica.

Dicas de filmes, sites e livros

FILMES:

Diamante de sangue (*Blood Diamond*). Direção: Edward Zwick. Estados Unidos, 2006. Aventura.

O senhor das armas (*Lord of War*). Direção: Andrew Niccol. Estados Unidos, 2005. Drama.





Liberia: an uncivil war (Liberia: an uncivil war). Direção: Johnatan Stack. Estados Unidos, 2004. Documentário.

Pray the devil back to hell (Pray the devil back to hell). Direção: Gini Reticker. 2008. Documentário.

SITES:

1. Site dedicado aos países subsaarianos.
www-sul.stanford.edu/africa/liberia.html
2. Site da missão da ONU na Libéria.
www.unmil.org
3. Site da Comunidade Econômica dos países ocidentais africanos, cuja missão é promover a integração econômica, social e cultural entre os 15 países representados.
www.ecowas.int

LIVROS:

BEAH, Ishmael. **Muito longe de casa – Memórias de um menino soldado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

BRAWLEY, Benjamin. **Uma história social do negro americano**. Publicação disponível em: <www.killflash.net/3132313031/ch1.html>.

RAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano – Minha vida na África**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

À PROCURA DE GANDHI – DVD 7

O estado se omite na resolução de seus conflitos internos, de seus problemas socioeconômicos e também culturais. Ainda assim, a Índia é considerada uma democracia de sucesso. O progresso que chega ao país, bem como a titulação de “potência mundial”, não é enxergado, visto e sentido por todos.

Em 27 de fevereiro de 2002, um suposto ataque muçulmano à estação de trem de Godhra, província de Gujarat, matou 58 pessoas que retornavam de Ayodhya. As vítimas foram todas queimadas até a morte num vagão do trem que transportava peregrinos hindus. Existem provas de que o incêndio foi acidental, causado por um fogareiro que um dos passageiros carregava. No entanto, a violência contra islâmicos estava sendo arquitetada por organizações extremistas hindus antes mesmo do incidente. Muçulmanos de todas as classes socioeconômicas e habitantes de Gujarat foram vítimas de uma prolongada violência como revanche ao incidente de Godhra. Casas foram destruídas, estabelecimentos comerciais pilhados, e mulheres foram estupradas e torturadas na frente de seus familiares.





MAPA DA ÍNDIA: REGIÃO DE GUJARAT



Foi nesta província indiana que nasceu Gandhi e onde ele promoveu a Marcha do Sal, iniciando a desobediência civil indiana frente à dominação inglesa.

Os eventos se arrastaram por meses enquanto o resto da Índia e do mundo assistiam à sucessão dos fatos. As vítimas, incluindo milhares de crianças, ainda estão, seis anos mais tarde, desabrigadas e traumatizadas com insalubridades e campos de auxílio superlotados. Essas pessoas não retornam aos seus lares com medo de novos ataques.

Para os observadores de dentro e de fora do país, há algo familiar nesse “espetáculo” tão antigo como o momento de Independência e Partição da Índia em 1947, quando diferentes grupos religiosos se atiraram em batalhas desumanas uns contra os outros.

Entretanto, o massacre de Gujarat apresentou algumas “novidades”, como a omissão estatal, tanto por parte do primeiro-ministro de Gujarat, Narendra Modi, do Partido Bharatiya Janata (BJP) – Partido Popular da Índia –, quanto pelo líder do BJP em Nova Délhi, Atal Bihari Vajpayee; a cumplicidade da classe média hindu de Gujarat tanto em participar da violência contra os muçulmanos de todas as classes socioeconômicas quanto em defender a omissão do Estado indiano no massacre, ou pela sua indisposição de intervir no conflito. Um detalhe: o massacre ocorreu no local onde nasceu Mahatma Gandhi e onde o líder experimentou as ideologias e práticas do hinduísmo.

Como pode, então, uma democracia funcionar de fato se ela apenas assiste à morte de seus cidadãos em um conflito que se arrasta há mais de meio século?





A omissão do Estado

O aspecto mais impressionante do massacre de Gujarat foi a inabilidade, declarada pelo próprio Estado indiano, de intervir na violência. O massacre representou não uma quebra real da lei e da ordem, mas uma “fuga” do Estado em sua responsabilidade de zelar pela segurança de seus cidadãos. Além disso, declarou não poder oferecer proteção aos indianos de religião muçulmana.

Os eventos de Gujarat podem influenciar no modo de pensar a Índia como uma nação democrática. Porém, o massacre sugere que as instituições foram subvertidas para servir uma agenda não-democrática de políticas fundamentalistas hindus, conhecida por Hindutva.

A fim de justificar sua imobilidade, a liderança de centro do Partido Bharatiya Janata invocou o federalismo indiano. Em termos práticos, isso significou a recusa do governo (cuja liderança é do PBJ) em implantar as regras do presidente indiano em Gujarat, ou enviar tropas sem adiamento. Também não atendeu as demandas da oposição e dos grupos da sociedade civil de Gujarat e de qualquer outra parte do país em demitir o governo de Narendra Modi.

A ineficácia dos procedimentos democráticos em Gujarat ficou totalmente perceptível quando os debates no Parlamento ocorriam e a situação não se modificava. Em seguida, foi observado o baixo desempenho do PBJ nas eleições de diversas províncias indianas, apesar de Narendra Modi ter sido reeleito e continuar no governo, agora com mais força. Não se deve esquecer que a maioria da população de Gujarat é hindu.

O ódio aos muçulmanos aumentou significativamente no pós-11 de Setembro de 2001, e a presença de seguidores de Maomé na Índia representa, para os habitantes deste país, “a insegurança em nossa própria terra”. A “insegurança hindu” é erroneamente justificada pelas invasões muçulmanas na Índia, seguidas pelos atos dos últimos quando da destruição de templos e séculos de política “tirana”.

A omissão da população

Até a década de 1980, o PBJ foi uma liderança política irrelevante dentro da Índia. Quando as castas superiores e a classe média indiana notaram que os representantes políticos não mais os defendiam – visto que reservavam vagas em cargos públicos para a população das castas inferiores –, voltaram-se para o PBJ. Nesse momento, as coalizões políticas da Índia já se encontravam baseadas nas divisões entre castas e regiões.

Almejando substituir o Congresso como elite governante da Índia, o PBJ concluiu que teria que criar outro tipo de autoridade moral e ideológica. Assim, alegando que o nacionalismo secular era um fracasso, o partido apresentou o nacionalismo hindu, argumentando que, assim como a Europa e a América, apesar de oficialmente seculares (laicos), estão enraizadas na cultura cristã, a Índia deveria





reviver seu tradicional *ethos* hindu que os invasores muçulmanos tinham supostamente manchado. Para garantir o voto das castas inferiores, bastava dizer que o nacionalismo hindu era uma ideologia igualitária.

A liberalização da economia, a partir da década de 1990, trouxe uma classe pró-negócio que sustenta o governo PBJ no poder: a crescente classe média em centros urbanos. A Índia exporta, assim, sua imagem democrata: edifícios comerciais modernos, cafés e academias, abarrotados de executivos de companhias financeiras e de informática.

Para uma população inserida no mundo global, existem outras preocupações. Com poucas mudanças na saúde pública e na educação, a população indiana pobre e de castas inferiores sobrevive como pode, à margem de uma sociedade onde a democracia não a representa e não a ouve; simplesmente a exclui. Para os muçulmanos, a situação é ainda pior. Constituem um dos grupos religiosos mais pobres de toda a Índia e não contam com oportunidades de trabalho por conta da discriminação que sofrem.

Um Estado que não estabelece em suas práticas a defesa de seus cidadãos, que não busca a integração de sua população em suas políticas públicas, bem como contribui para a sua marginalização, talvez deva repensar sua teoria democrática e procurar mudar suas ideologias excludentes. Seu próprio governo e sua própria sociedade foram os responsáveis pela última e talvez uma das maiores manchas na história da Índia.

Cronologia da Índia

- 1858** A Índia passa a ser controlada pela Coroa Britânica depois da queda da rebelião indiana.
- 1885** Fundação do Congresso Nacional Indiano como um fórum para o sentimento nacionalista emergente.
- 1920 a 1922** Mahatma Gandhi lidera a campanha de desobediência civil contra a Inglaterra.
- 1942 a 1943** Congresso abraça o movimento Quit Índia ("Deixem a Índia"), que exige o fim da dominação britânica.
- 1947** Fim do domínio britânico e divisão da Índia (de maioria hindu) da maioria muçulmana no Estado do Paquistão.
- 1947 a 1948** Centenas de milhares morrem após a divisão.





- 1948** Guerra contra o Paquistão pelo domínio da região da Caxemira. Gandhi é assassinado por um extremista hindu.
- 1951 a 1952** Partido do Congresso vence as primeiras eleições sob a liderança de Jawaharlal Nehru.
- 1962** A Índia perde uma pequena parte de território em guerra fronteiriça contra a China.
- 1964** Morte do primeiro-ministro Jawaharlal Nehru.
- 1965** Segunda guerra contra Paquistão pela Caxemira.
- 1966** A filha de Nehru, Indira Gandhi, se torna primeira-ministra.
- 1971** Terceira guerra contra o Paquistão, agora sobre a criação de Bangladesh, formalmente o Paquistão do Leste; assinatura de um tratado com a União Soviética, válido por vinte anos, de relações de amizade.
- 1974** A Índia explode seu primeiro dispositivo nuclear em testes subterrâneos.
- 1975** Indira Gandhi declara estado de emergência depois de ser declarada culpada de práticas eleitorais agravantes.
- 1975 a 1977** Aproximadamente mil opositores políticos foram presos.
- 1977** Partido Congressista de Indira Gandhi perde as eleições gerais.
- 1980** Indira Gandhi retorna ao poder liderando o grupo de oposição do Partido Congressista.
- 1984** Indira Gandhi é assassinada.
- 1987** Índia envia tropas para operações de paz no conflito étnico do Sri Lanka.
- 1989** Partido do Congresso perde as eleições gerais indianas.
- 1990** A Índia retira suas tropas do Sri Lanka. Grupos separatistas muçulmanos iniciam campanha de violência na Caxemira.
- 1991** Rajiv Gandhi, filho de Indira Gandhi, é assassinado por um simpatizante de origem tâmil. O programa de reforma econômica se inicia com o primeiro-ministro Narasimha Rao.
- 1992** Extremistas hindus demolem uma mesquita em Ayodhya iniciando a violência entre hindus e muçulmanos.





- 1996** O Partido do Congresso sofre sua maior perda eleitoral. BJP emerge sozinho como o maior partido.
- 1998** Realização de novos testes nucleares; BJP forma coalizão governamental no mandato do ministro Atal Behari Vajpayee.
- 1999** Fevereiro: Vajpayee faz viagem histórica de ônibus pelo Paquistão para encontrar o premier Nawaz Sharif para assinar a declaração bilateral de paz de Lahore.
Maio: Tensões na Caxemira levam a uma breve guerra contra o Paquistão.
- 2000** Maio: A Índia vê nascer seu bilionésimo cidadão. O presidente americano Bill Clinton visita o país para estreitar laços de cooperação.
- 2001** Janeiro: Terremotos de grandes proporções atingem a porção ocidental do estado de Gujarat, deixando pelo menos 30 mil mortos.
Julho: Vajpayee encontra o presidente paquistanês Pervez Musharraf para um primeiro acordo entre os dois países, após dois anos. O encontro termina sem acordo.
Outubro: Ataques indianos aos postos militares paquistaneses foram o pior na linha de divisão entre os dois países no período de um ano.
Dezembro: A Índia impõe sanções contra o Paquistão devido aos ataques ao seu parlamento, em Nova Délhi.
- 2002** Janeiro: Testes com mísseis balísticos com capacidade nuclear obtêm sucesso.
Fevereiro: Ataques a hindus na estação de Godhra, região de Gujarat, matam 58 pessoas e iniciam uma série de atentados à população muçulmana.
Maio: Paquistão realiza testes nucleares e a troca de palavras de guerras dos líderes dos dois países se intensifica.
- 2003** Agosto: Dois ataques à bomba matam no mínimo cinquenta pessoas em Bombaim.
- 2004** Maio: Vitória surpresa do Partido do Congresso nas eleições gerais. Manmohan Singh é eleito primeiro-ministro.
Setembro: Índia, junto de Brasil, Alemanha e Japão iniciam a campanha por uma cadeira permanente na ONU.
Novembro: Índia inicia a retirada de suas tropas da Caxemira.
Dezembro: Milhares de pessoas morrem e ficam desabrigadas devido a tsunami que ocorreu fora da costa índica.





- 2005**
- 8 de outubro: Um terremoto, com epicentro no território da Caxemira administrado pelo Paquistão, mata mais de mil pessoas na Caxemira indiana.
- 29 de outubro: Um pequeno grupo da Caxemira realiza ataques à bomba em Nova De-
lhi e mata 62 pessoas.
- 2006**
- Março: George W. Bush assina um acordo com a Índia garantindo o acesso desta à tecnologia nuclear civil, enquanto o país asiático se comprometesse a intensificar fis-
calização para seu programa nuclear.
- Novembro: Hu Jintao visita a Índia depois de uma década sem visitas oficiais chinesas
ao país.
- Dezembro: George W. Bush aprova uma lei controversa na qual autorizava a Índia a
comprar reatores e combustíveis nucleares pela primeira vez em trinta anos.
- 2007**
- Abril: O primeiro foguete espacial indiano é lançado, carregando um satélite italiano.
- Maio: O governo indiano anuncia seu maior crescimento econômico em vinte anos:
9,4% ao ano.
- Julho: O ministro da Saúde indiano anuncia o número de pessoas infectadas pelo vírus
HIV (vítimas de Aids): o país tem entre 2 milhões e 3,1 milhões de casos, sendo inferior,
portanto, às estimativas anteriores, que giravam em torno de 5 milhões de pessoas in-
fectadas. Pratibha Patil se torna a primeira mulher a ser eleita presidente da Índia.

Sugestão de temas para debate

- Como a população pode se integrar internamente quando ela é excluída por seu próprio governo?
- Você acha que os ideais de Gandhi foram abandonados? Por quê?



Para refletir

Mahatma Gandhi foi um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. Você acredita que é possível acontecer uma revolução de forma pacífica?

Em sua opinião o que precisa ser feito pela sociedade para que se busquem novamente os ide-
ais de Gandhi?





Proposta de atividade

Você conhece a história de seu país? Que tal fazer uma linha do tempo com os grandes líderes do Brasil? Marque uma data de início, que pode ser o Descobrimento, em 1500, ou, por exemplo, a Independência em 1822, e também uma data final; pesquise os grandes acontecimentos do ano e identifique quais foram os grandes líderes desses movimentos. Numa folha de papel faça uma linha e divida-a em partes iguais, que pode ser por anos ou até mesmo décadas. Em cada um desses espaços vá colando ou escrevendo os nomes das pessoas, junto aos eventos que eles protagonizaram. Cole uma folha na outra, seguindo sempre a mesma linha, até que você termine a História que você quer contar.

Sugestões de filmes, sites e livros

FILMES:

Gandhi. Direção: Richard Attenborough. Inglaterra/Índia, 1982. 188 minutos. Drama.

Parzania. Direção: Rahul Dholakia. Índia/Estados Unidos, 2007. 120 minutos. Drama.

Godhra Tak: The terror trail. Direção: Shubhradeep Chakravorty. Índia, 2003. 60 minutos. Documentário.

Solução final (Final Solution). Direção: Rakesh Sharma. Índia, 2004. 149 minutos. Documentário.

Are we alive? (Kya Hum Jinda Hai?). Direção: Rafique Pathan. Índia, 2007. 77 minutos. Drama.

SITES:

1. Site dedicado à cidade indiana de Gujarat.

www.gujaratonline.com

LIVROS:

FISHER, Carmem; ZIMMER, Heinrich. **Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia**. São Paulo: Palas Athena, 1989.

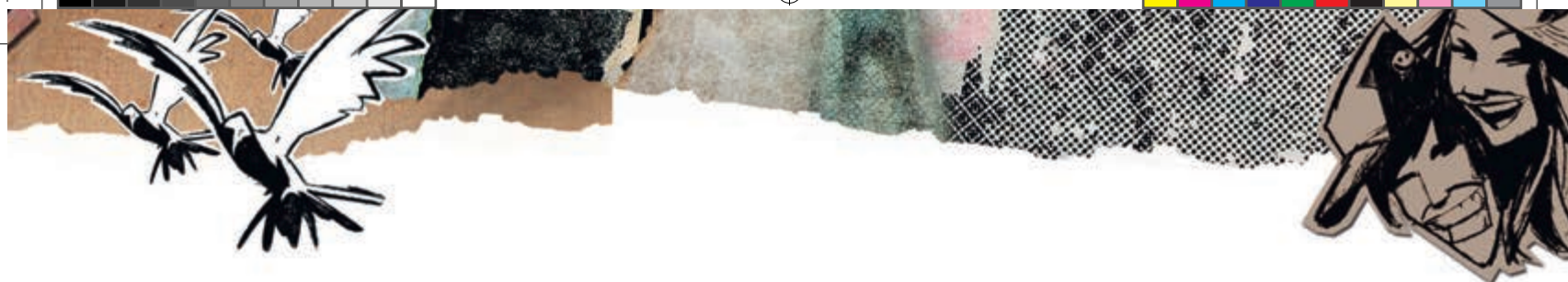
MELLO, Patrícia Campos. **Índia, da miséria à potência**. São Paulo: Planeta, 2008.

MISSE, Michel; LOUNDO, Dilip. (orgs.) **Diálogos tropicais – Brasil e Índia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

ORTIZ, Airton. **Expresso para a Índia**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHESHABALAYA, Ashutosh. **Made in India: a próxima superpotência econômica e tecnológica**. Portugal: Edições Centro-Atlântico, 2006.





EGITO: ESTAMOS VIGIANDO VOCÊS – DVD 8

Quando uma população se une em torno de um mesmo objetivo, ela consegue mudar a realidade em que vive?

Desde 1981 o Egito é governado por Husni Mubarak, membro do Partido Democrático Nacional. Com uma política de liberalização da economia, Mubarak conseguiu fazer com que seu país fosse o terceiro maior receptor de investimentos oriundos dos Estados Unidos, seguido de Iraque e Israel. Com ele no poder, as relações com o Ocidente sempre foram amistosas.

Já para os países árabes, o Egito não foi tão digno de confiança. Depois de um longo período isolado, o país reassume suas relações com as nações do Oriente Médio. No entanto, ao assinar acordos de paz com Israel é considerado um traidor pela a população árabe. Mesmo assim, o Egito desempenha um importante papel por sua postura de mediador nos conflitos entre palestinos e israelenses.

DISTRIBUIÇÃO MUÇULMANA NO MUNDO



Atualmente, os muçulmanos representam 20% da população mundial.

Em 2005, Mubarak anuncia à população egípcia que eleições multipartidárias iriam ocorrer. Os partidos (Irmandade Islâmica – que foi posteriormente banida pela sua identidade religiosa – e Partido Nacional Democrático) se organizam para uma eleição que seria dividida em três fases. Com apenas 23% de cidadãos votantes, a população egípcia se pergunta se votar é realmente importante; se é algo que real-





mente vai fazer a diferença. Ao mesmo tempo que não anseiam por um governo de base religiosa, não acreditam que o Partido Nacional Democrático, no poder há 25 anos, possa mudar suas realidades.

Pensando nisso, três mulheres decidem conscientizar a população de que, não importa qual seja a opção política de cada um, o importante é mudar a realidade em que se vive pelos meios que possuímos: eleições, mobilizações públicas e passeatas.

Breve lógica do contrato

Quando mulheres da associação “shayfeen.com” se juntaram, elas tentaram mostrar à população aquilo que a democracia realmente era: um contrato. De maneira breve, podemos dizer que a democracia, esse contrato social, se legitima pelo voto da população em um candidato, pessoa essa que estará encarregada, quando for eleita, de atender às necessidades daqueles que o elegeram. Cada político deve se esforçar também pelo pleno funcionamento da democracia e suas instituições.

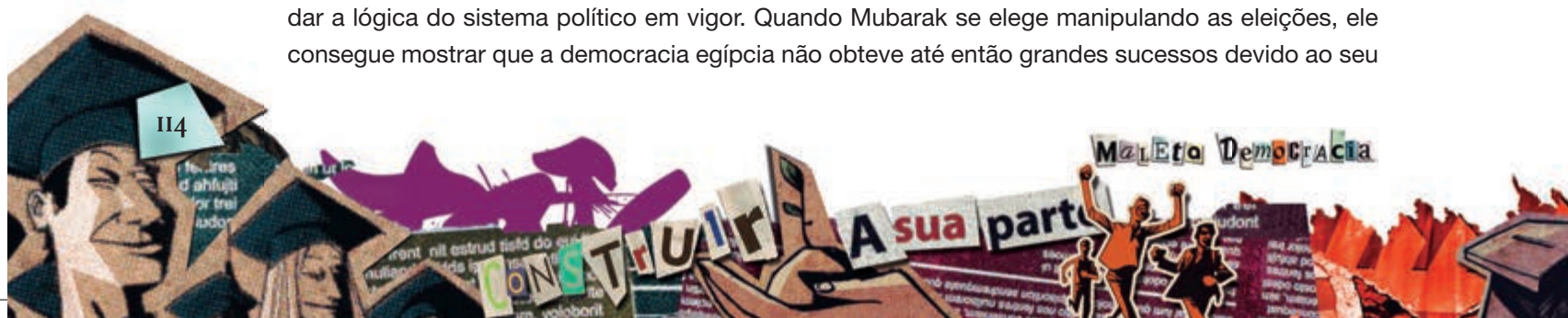
No entanto, uma das grandes dificuldades de uma democracia é o atendimento a essas demandas sociais. Quando uma população inteira vota em um candidato, ela deve estar ciente de que nem todas as necessidades serão atendidas devido à inviabilidade de realizá-las. Diante dessa realidade, a população precisa lutar para que suas necessidades sejam privilegiadas perante outras.

Além disso, as instituições devem ser interdependentes, isto é, cada uma deve agir conforme suas funções – deliberativas – mas nenhuma deve, hierarquicamente falando, se sobrepôr à outra porque nenhuma delas existe, democraticamente falando, sozinha ou sobre a outra. Isto é, o Judiciário (que se responsabiliza pelo cumprimento da jurisdição em vigor) não sobrevive sem o funcionamento do Legislativo (que busca promover melhorias sociais e institucionais ao revisar suas próprias leis) e também do Executivo (poder que fiscaliza e tenta garantir o cumprimento da jurisdição e da legislação pela sociedade).

O poder de cada um

Os protestos ocorridos no Egito mostram mais do que a vontade de se manifestar através do voto. A opção de votar na Irmandade Muçulmana não é a melhor, mas mesmo assim os egípcios comparecem às urnas. A população tampouco deseja a permanência do Partido Nacional Democrático no poder, julgando, assim, que seu governo não atendeu às reais necessidades da população. A massa está desempregada e submetida a uma péssima qualidade de vida, sem acesso à educação, à saúde pública e ao saneamento básico. Em suma, a população não se sente representada no poder público.

Sem opções que realmente a representem, a população egípcia mostra sua ousadia: ela tenta mudar a lógica do sistema político em vigor. Quando Mubarak se elege manipulando as eleições, ele consegue mostrar que a democracia egípcia não obteve até então grandes sucessos devido ao seu





controle sobre o poder Judiciário, fato esse muito bem demonstrado e explicitado pelo documentário *Egito: estamos vigiando você*.

A luta da população se dá não somente por melhorias de vida, mas sobretudo pela separação do poder Judiciário da esfera do Executivo. Assim, a curto prazo, as fraudes eleitorais, que seriam denunciadas, poderiam ser julgadas de forma legítima, punindo seus responsáveis.

O que se pretende é que a democracia funcione de fato. Não somente pelo direito ao voto, mas também de forma que suas instituições ajam interdependentemente umas com as outras, representem os valores democráticos e zelem por sua população.

É para alcançar esses objetivos que a população deve se mobilizar e perder o medo de mostrar sua voz e seu poder. Juntas, as individualidades conseguem melhorias que podem ser consideradas inatingíveis.

As mudanças políticas ocorrem a todo instante e nossa vida é diretamente afetada por elas. Se a esfera do poder também mostra sinais de que suas prioridades não estão mais com o foco voltado para a população, cabe a cada um escolher se deseja permanecer nesse contexto. Quando os indivíduos julgam que, mesmo com opções políticas tão diferentes, não conseguem mais ser representados, talvez seja o momento adequado para se repensar a lógica em que se vive e na qual se mantém a ordem social vigente.

Cronologia do Egito

- 1517** O Egito é absorvido pelo Império Turco Otomano.
- 1798** Napoleão Bonaparte força uma invasão, mas é repellido por britânicos e turcos em 1801. O Egito se torna, novamente, parte do Império Otomano.
- 1859 a 1869** Construção do canal de Suez.
- 1882** Tropas britânicas tomam o controle do Egito.
- 1914** O Egito se torna um protetorado britânico.
- 1922** Fu'ad I se torna rei e o Egito conquista sua independência.
- 1928** Fundação da Irmandade Muçulmana por Hasan Al-Banna.
- 1936** Faruq sucede seu pai no reino do Egito.
- 1948** O Egito, juntamente com Iraque, Jordânia e Síria atacam o novo Estado de Israel.





- 1949** Hasan Al-Banna é assassinado; forma-se o Comitê do Movimento dos Trabalhadores Livres.
- 1952** No Cairo, o rei Faruq renuncia ao trono em favor de seu filho, Fu'ad II; Gamal Abdel Nasser lidera o movimento conhecido como 23 de Julho. A liderança fará com que Muhammad Najib se torne presidente e primeiro-ministro do Egito.
- 1953** Najib declara criada a República Egípcia.
- 1954** Nasser se torna primeiro-ministro; o Tratado de Evacuação é assinado. As forças inglesas, que haviam começado uma retirada do território em 1936, finalmente deixam o Egito.
- 1956** Nasser se torna presidente e nacionaliza o canal de Suez a fim de levantar divisas para a alta represa Aswan; uma invasão tripartite composta por Israel, França e Inglaterra questionou a nacionalização de Suez. Um cessar-fogo é assinado em novembro.
- 1958** Egito e Síria juntam-se para formar a República Árabe Unida (UAR), como um primeiro passo para a unidade árabe.
- 1961** A Síria se retira da aliança com o Egito, mas este se mantém como a UAR.
- 1965** O rei Faruq falece em Roma.
- 1967** Maio: Egito e Jordânia assinam um pacto de defesa. Israel critica, alegando que o pacto aumentaria o perigo de guerra contra os Estados Árabes.

Junho: Egito, Jordânia e Síria vão para a guerra contra Israel e são derrotados. Israel toma o controle do Monte Sinai, das Colinas de Golã, da Faixa de Gaza, do Leste de Jerusalém e do West Bank. Esse conflito ficou conhecido como a Guerra dos Seis Dias.
- 1970** Nasser morre e é substituído por seu vice-presidente, Anwar Al-Sadat.
- 1971** A nova constituição é introduzida e o país é renomeado para República Árabe do Egito; a alta represa de Aswan está completa, mas causou enorme impacto na irrigação, na agricultura e na indústria egípcia.
- 1973** Egito e Síria vão para a guerra contra a Israel durante a celebração do Yom Kippur, para recuperar as terras que haviam perdido em 1967. O Egito inicia negociações pelo retorno do Sinai após a guerra.
- 1975** Reabertura do canal de Suez, que estava fechado desde 1967.
- 1976** Anwar Al-Sadat encerra o Tratado de Amizade com a União Soviética.





- 1978** Assinatura dos acordos de Camp David para a paz com Israel.
- 1979** O Egito assina acordo de paz com Israel, mas é condenado por demais países árabes e excluído da Liga Árabe.
- 1981** Anwar Al-Sadat é assassinado por membros da jihad; um referendo nacional aprova Husni Mubarak como novo presidente.
- 1987** Mubarak inicia seu segundo mandato.
- 1989** Egito se reintegra à Liga Árabe.
- 1993** Mubarak inicia seu terceiro mandato.
- 1995** Mubarak é alvo de um atentado em Addis Ababa, Etiópia, em sua chegada para a Organização da Unidade Africana.
- 1997** 58 turistas são assassinados por um atirador na frente do Templo de Hatshepsut, perto de Luxor. Acredita-se que o Grupo Islâmico Egípcio seja o responsável.
- 1999** Mubarak inicia seu quarto governo.
- 2000** Egito, Líbano e Síria acordam sobre um projeto bilionário: a construção de um oleoduto para transportar o gás egípcio até o porto libanês de Tripoli.
- 2004** O funeral de Yasser Arafat, líder palestino, ocorre no Cairo.
- 2005** Fevereiro a abril: Ativistas pró-reforma e pró-oposição montam seus protestos contra o governo.
- Maio: Referendo constitucional volta atrás com a emenda constitucional que permitiria que múltiplos candidatos disputassem o cargo de presidente.
- Setembro: Presidente Mubarak inicia seu quinto mandato consecutivo.
- Dezembro: Votações parlamentares encerram com choques entre polícia e opositores da Irmandade Muçulmana. O Partido Democrático Nacional e seus aliados continuam com a maioria parlamentar. A Irmandade Muçulmana, eleita como independente, consegue 20% dos assentos no Parlamento.
- 2006** O Egito é um de no mínimo seis países árabes que desenvolvem programas nucleares domésticos para diversificar suas fontes energéticas. O presidente Mubarak promete uma reforma constitucional e democrática.





2007

Março: Referendo sobre as emendas constitucionais. As autoridades afirmam que 76% dos eleitores aprovaram as mudanças enquanto a oposição afirma que as votações foram fraudadas.

Abril: A Anistia Internacional critica o recorde egípcio em tortura e detenções ilegais.

Junho: Eleições Parlamentares. O Partido Nacional Democrata obtém a maioria dos votos.

Outubro: Jornais independentes protestam contra a prisão de sete jornalistas e um editor.

Novembro: Partido Democrático Nacional vota para continuar com Mubarak na liderança.

Sugestão de temas para debate:

- Para você, votar é importante? Você acredita que a população pode mesmo mudar a realidade do país em que vive?
- Você consegue localizar alguma atitude política que influencie diretamente em sua vida? Qual? Como?
- Você se sente representado pelo atual governo?



Para refletir

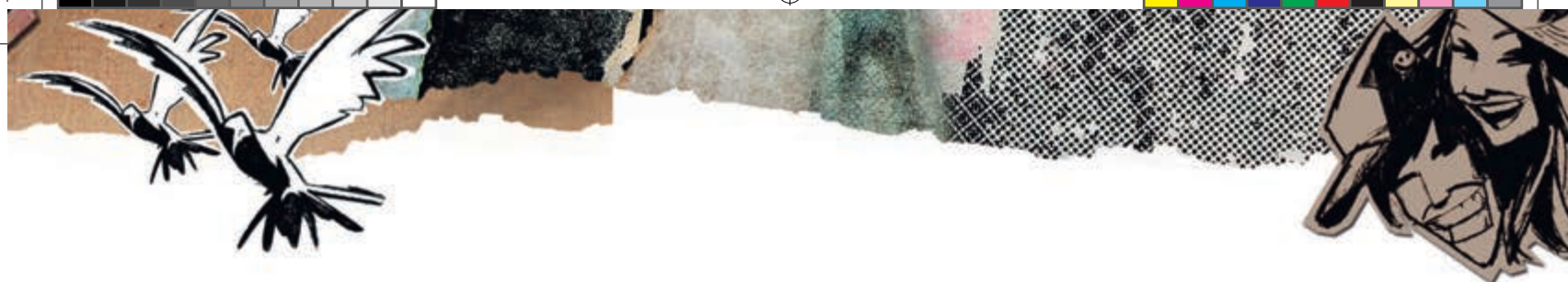
Quantas vezes não falamos ou ouvimos alguém falar que não gosta de política. Mas política não é algo tão distante de nossas vidas. Ao contrário, fazemos política o tempo todo: discutimos e negociamos pelos nossos pontos de vista; fazemos parte de grupos, como condomínios, associações, clubes, igrejas, sindicatos, entre outros. Isso é fazer política.

O que você faz para mudar a realidade política em que vive? Preocupa-se somente com a sua realidade ou procura abranger grupos diferentes do seu?

Proposta de Atividade

Junto de seu grupo tente lembrar o candidato a Deputado Federal que você votou nas últimas eleições e escreva num papel porque o escolheu. Procure seu nome no site da Câmara de Deputados (<http://www2.camara.gov.br/deputados>) e mande para ele uma mensagem com suas impressões sobre sua atuação. Você pode fazer isso através da página da Câmara!





Sugestão de filmes, sites e livros

FILME:

Edifício Yacoubian (Omaret Yakobean). Direção: Marwan Hamed. Egito, 2006. 161 minutos. Drama.

SITE:

1. Página do centro de pesquisa e de promoção de atividades culturais relacionadas ao continente africano.

www.casadasafricas.com.br

LIVROS:

HARRIS, J. R. **O legado do Egito.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

PATRIOTAS - QUEM MANDA NO MUNDO? – DVD 8

Após o fim da União Soviética, em 1991, a Rússia se debruçou sobre incertezas políticas e culturais, transições na ordem democrática e inserção no mundo capitalista, entre outros processos gradualmente estabelecidos. Boris Yeltsin, controverso presidente, foi um dos ícones da nova Rússia que se adaptava. Mas talvez possamos dizer que nem todos os russos querem uma Rússia tão nova assim, insistindo em práticas políticas nocivas.

Na medida em que a Perestroika – o plano econômico e político de abertura das repúblicas soviéticas – não vingou, o mundo inteiro se deparou com o fim do maior império terrestre já existente, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nesse sentido, o colapso do sistema comunista que rivalizou e polarizou o planeta com os Estados Unidos (EUA) por todo o século XX traria revelações dramáticas e algumas dúvidas: o mundo seria multipolar, com vários centros de poder internacional? Unipolar, com uma grande superpotência? Ou ainda apolar, sem nenhum centro estabelecido de forma suficientemente firme para fazer valer a lógica das concentrações de influência?

As dúvidas ainda persistem na cabeça de muitos intelectuais e em centros de pesquisa. Contudo, a ascensão do primeiro-ministro Vladimir Putin, na virada do século XXI, reorganizou a política interna russa e trouxe à tona grupos cuja autoridade em um regime caracterizado pela democracia pode se revelar um tanto danosa. Desde máfias até organizações da sociedade civil, todas associadas a políticos e a partidos corrompidos, estes grupos de alguma maneira coexistem e participam ativamente da vida democrática nacional, segundo o documentário.





Por uma Rússia bem compreendida

Não se pretende julgar aqui o governo Putin, tampouco condenar práticas políticas estereotipadas como russas (que na verdade estão espalhadas por todo o globo terrestre). A nossa iniciativa não deve agir em franca concordância com interesses políticos internacionais que desejariam frear a ascensão russa após a crise dos anos 90. Muito menos tentar criticar e compreender a política russa com parâmetros ocidentais de democracia.

A idéia é outra. Nesta análise, caracterizam-se rapidamente aspectos de uma cena política fragmentada e amplamente apoiada em corrupção, carisma e mandonismo. Ou seja, a permanência de um grupo ou elemento privilegiado, que pela posse de recursos ou pela articulação de pontos estratégicos das redes sociais faz valer a sua vontade de forma prepotente e suprema.

Além disso, é necessário considerar o inverno econômico pelo qual o país passou. A Rússia sofreu com altos índices de desemprego, uma novidade para seus habitantes na inserção junto ao sistema capitalista global. Evidentemente, o desemprego ampliou um abismo socioeconômico ainda pequeno, mas que hoje já resulta em transtornos e elementos estranhos à vida política regular.

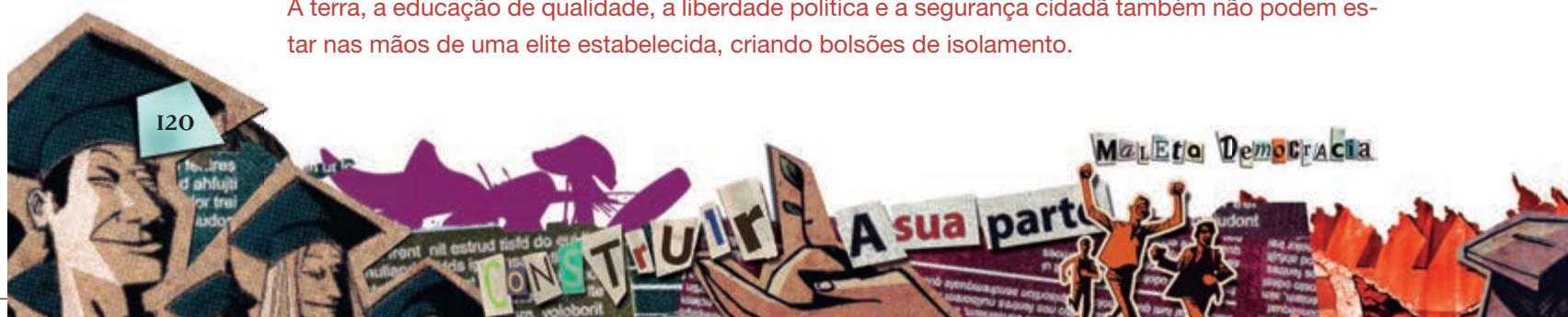
Entretanto, há que se respeitar a permanência e a participação política de grupos civis que não necessariamente correspondem à lógica dos partidos políticos. O movimento jovem “Nashi” (não confundir com Nazi, apesar do seu nacionalismo, que é diferente) é um desses exemplos. Essas organizações civis estão muito distantes de serem grupos de “bobos”.

Debate democrático e elites corruptas

Este é um tema fundamental, que deve estar sempre bem percebido em meio ao debate democrático. O patriotismo e o nacionalismo não podem ser reprimidos e enquadrados em uma concepção universal e monolítica, como se fossem todos sinônimos de regimes autoritários, mesmo que com uma tendência histórica já tão mencionada.

Apesar do representante desta tendência que o documentário mostra ser um opulento e farto cidadão poderoso, devem ser consideradas as motivações e as possíveis consequências deste tipo de opção política, se possível conciliando-a com uma práxis democrática regular e aberta, jamais privada. Ou seja, que nunca venha assegurar interesses de poucos. A oligarquia concorre em agressiva deslealdade com as propriedades fundamentais da vida democrática, agindo transversalmente ao voto, ao respeito às leis, à garantia de um mínimo intento de simetria socioeconômica entre os grupos da sociedade.

A terra, a educação de qualidade, a liberdade política e a segurança cidadã também não podem estar nas mãos de uma elite estabelecida, criando bolsões de isolamento.





O episódio *Patriotas*, da série **Por que democracia?**, retrata essa questão. Mostra-nos uma juventude vazia de esperança, sem emprego, sem ideais, sem perspectiva profissional, de saúde e de transformação social. O nosso bem-alimentado protagonista capitaliza essas vidas em torno de um objetivo supostamente religioso e nacional, mas que na verdade pouco compromisso tem com a coisa pública. A aposta do nosso “cacique russo” é a da segurança, a da falsa sensação de que a vida na comunidade pequena e isolada, teocrática pode definitivamente prover bem-estar e libertação individual das mazelas coletivas do dia-a-dia. Isso estaria assegurado pela total negação de uma sociedade horizontal (ou o quão próxima disso) para entregar nossas almas a uma divindade incerta, não nos seus dogmas ou símbolos fundantes, mas na impossibilidade do credo de todos em torno do mesmo totem.

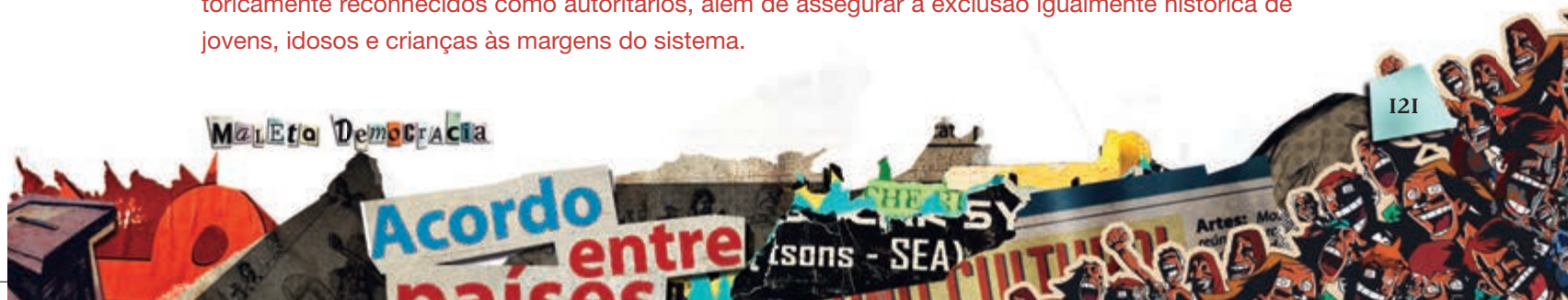
Um sentimento antiamericano é utilizado de forma irrestrita. Tanto as atitudes inconseqüentes dos últimos anos por parte dos EUA, como a histórica rivalidade entre a extinta URSS e os EUA, ou ainda a condição distante que os estadunidenses assumiram no mundo globalizado do século XXI podem ser escalados como fatores relevantes para explicar a rejeição de setores da sociedade russa para com o país mais poderoso do mundo. Há ainda forte xenofobia, na medida em que a Rússia, a Grande Rússia, é histórica e imperial. É dos russos, de ninguém mais.

MAPA RUSSO EM DESTAQUE NO MAPA-MÚNDI



Não deve ser esquecido, ainda, o desejo de oligarquias e elites históricas de fixar uma imagem dos EUA que sirva aos seus interesses. É definitivamente mais fácil (e quem sabe mais eficaz) distribuir pancadas e atribuir responsabilidades a um inimigo que não está dentro do seu próprio perímetro.

A contrariedade da liberdade de expressão, da possibilidade de livre escolha política e de ampliação dos modos de participação e representação política pode representar a manutenção de grupos historicamente reconhecidos como autoritários, além de assegurar a exclusão igualmente histórica de jovens, idosos e crianças às margens do sistema.



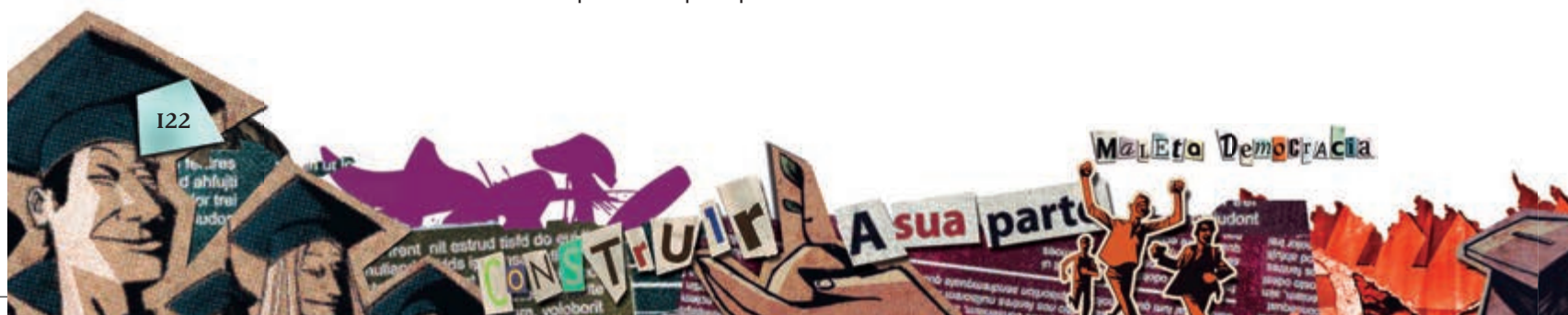


Mais do que um mero instrumento plebiscitário, a democracia deve ter a sua ampliação e desburocratização correspondidas pela compreensão franca de sustentabilidade social. Não garantir a participação aberta de todos pode acionar uma bomba-relógio social indesejável para um mundo onde as possibilidades de crise internacional agindo decisivamente sobre crises nacionais são cada dia maiores. Nada rende mais argumentos (ou fomento) para o opositor do que a repressão, esteja ele incluído na vida política regularizada (sindicatos, partidos, associações de bairro), ou na prática política irregular (terroristas, mandões, articuladores de redes ilícitas etc.).

Os vetores de corrosão da coisa pública estão na moda na primeira década do século XXI. A segurança (em seu sentido mais amplo o possível) é cada dia mais privada, as sociedades se isolam em comunidades fechadas e a distância entre ricos e pobres propicia a instrumentalização das instituições públicas por pequenos grupos oligárquicos. A sociedade e os seus sócios – os cidadãos – devem se manter atentos à possibilidade de ter a república encurralada por ligas, associações e pequenos proprietários. A coisa pública pode correr perigo.

Cronologia da Rússia

- 1922 a** A Rússia integra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS.
- 1991**
- 1991** O país se declara independente da URSS.
- 1992** A Rússia toma posse do assento da URSS no Conselho de Segurança da ONU.
- 1993** Russos aprovam nova Constituição nacional, após período de crise política intensa.
- 1995** Comunistas conseguem mais de 1/3 dos assentos do Congresso (Duma).
- 1996** Boris Yeltsin é reeleito.
- 1999** Após várias trocas no cargo de primeiro-ministro, surge Vladimir Putin, que assume a presidência com a renúncia de Boris Yeltsin.
- 2000** Vladimir Putin é eleito presidente. Desastre do submarino nuclear Kursk.
- 2001** É assinado um tratado de amizade com a China Popular.
- 2002** Surgem restrições à liberdade de imprensa no país. A Rússia acorda com os EUA a redução do arsenal atômico. Intensificam-se os conflitos na Chechênia, com atentados terroristas espalhados pelo país.





- 2003** Putin ganha influência no Parlamento com a eleição massiva de representantes da sua frente, a Rússia Unida.
- 2004** Putin se reelege. Morre assassinado o presidente checheno Akhmad Kadyrov, que tinha posições pró-Rússia. Chacina mata 330 crianças e adultos em escola infantil.
- 2005** Aslan Maskhadov, liderança chechena, pede cessar-fogo. Assinados acordos entre Teerã (Irã) e Moscou (Rússia) para cooperação em tecnologia petroquímica e nuclear.
- 2006** Crise do gás natural entre Rússia e Ucrânia. Cresce o controle legal do governo sobre ONGs. Putin visita Pequim, na China. Morte por envenenamento de Alexander Litvinenko, ex-espião crítico do governo.
- 2007** Morre o ex-presidente Boris Yeltsin. Cresce a questão histórica em torno dos monumentos soviéticos na Estônia. Um gigantesco atentado terrorista cibernético tira a Estônia do ar, com acusações sobre os russos.
- 2008** Dmitry Medvedev, candidato de Putin, ganha as eleições presidenciais.

Sugestão de temas para debate:

- Qual é a importância da liberdade de imprensa, de credo e de etnia em uma sociedade democrática?
- O nacionalismo patriótico é uma saída válida para a política, ou esta deve se basear em valores democráticos e universais?



Para refletir

O mundo todo tem enfrentado episódios de xenofobia. Especialmente nos países desenvolvidos os eventos têm sido cada vez mais freqüentes. Mas no Brasil isto também acontece, embora com menos violência. Na sua localidade há grupos de migrantes estrangeiros? Como eles são tratados?

Proposta de atividade

Divida os participantes em quatro grupos para um jogo de **mesa-redonda**. Traga para cada grupo matérias de jornal ou revista sobre símbolos do nacionalismo brasileiro.





Após ler o material, todos se sentam numa roda. Um a um, apresentam seu ponto-de-vista sobre o assunto abordado na reportagem anteriormente discutida com o grupo. Depois que todos tiverem se manifestado, abre-se espaço para perguntas e comentários dos participantes. É preciso nomear um mediador a cada rodada, que pode ser integrante de um dos grupos, apenas para equilibrar o tempo das falas dos membros da mesa-redonda e gerenciar a ordem das intervenções dos outros participantes.

Essa atividade exercita a negociação, um dos princípios da democracia.

Sugestões de filmes, sites e textos

FILMES:

O sol enganador (Utomlyonnye Solntsem). Direção: Nikita Mikhalkov. Rússia, 1994. Drama.

Moloch (Molokh). Direção: Alexander Sokurov. França/Itália/Japão/Alemanha/Rússia, 1999. Drama.

O ladrão (Vor). Direção: Pavel Chukhraj. França/Rússia, 1997. Drama.

Triple agent. Direção: Eric Rohmer. França/Itália/Espanha/Rússia, 2004. Drama/Thriller.

Solaris (Solyaris). Direção: Andrei Tarkovsky. URSS, 1972. Drama.

O encouraçado Potemkin (Bronenosets Potiomkin). Direção: Sergei Eisenstein. URSS, 1925. Drama.

SITES:

1. Página da organização não-governamental Human Right Watch, instituição voltada para às questões referentes aos direitos humanos no mundo.
<http://hrw.org/doc?t=europe&c=russia>
2. Página do Departamento de Estado do governo dos Estados Unidos
www.state.gov/g/drl/rls/hrrpt/
3. Página com informações sobre direitos humanos na Rússia e indicações de outros endereços ligados ao tema.
www.therussiasite.org/soc/hr/hr.html
4. Página da organização não-governamental russa Comitê contra a Tortura.
www.pytkam.net/
5. Página da organização Sova Center, entidade não-governamental dedicada aos estudos e pesquisas relacionadas ao nacionalismo, à xenofobia, às relações entre religiões e sociedades seculares, ao radicalismo político e aos direitos humanos.
<http://xeno.sova-center.ru/6BA2468/>





6. Página noticiosa sobre assuntos referentes a democracia e direitos humanos na Rússia.
www.theotherussia.org/
7. Página em português do portal noticioso russo Pravda.ru.
<http://port.pravda.ru/>
8. Página da embaixada da Federação da Rússia no Brasil
www.brazil.mid.ru/
9. Blog do jornalista José Milhazes com relatos e notícias sobre a Rússia
<http://darussia.blogspot.com/>

MAPAS COMPLEMENTARES:

Mapa político da Federação Russa

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/79/Federal_subjects_of_Russia_\(by_number\).png/570pxFederal_subjects_of_Russia_\(by_number\).png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/79/Federal_subjects_of_Russia_(by_number).png/570pxFederal_subjects_of_Russia_(by_number).png)

Mapa militar

http://www.tc.pbs.org/wgbh/nova/missileers/images/miss_map_russia.gif?Log=0.

Mapa étnico russo

http://www.greatgame.no.sapo.pt/mapas/RUSSIA_ETHNIC94.jpg

Mapa das divisões administrativas

www.geocities.com/vagrant_preacher01/mapa-russia.jpg

TEXTOS:

1. ALMEIDA, J. **Boris Yeltsin, o líder que abriu a Rússia ao capitalismo.** Disponível em: <<http://www.faplan.edu.br/files/artigo4.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2008.
2. BANCO MUNDIAL. **BRIC Countries in Comparative Perspective.** Disponível em: <http://site-resources.worldbank.org/INTRUSSIANFEDERATION/147270-1109938296415/21077781/BRIC_Eng.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2008.
3. CIÊNCIA HOJE. **Ainda é cedo para afirmar que o Ártico pertence à Rússia.** Portugal: 2007. Disponível em: <<http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=23056&op=all>> . Acesso em: 22 abr. 2008.
4. PINTO, B., VILELA, T. e LIMA, U. de. **Crise financeira russa.** Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=701641>. Acesso em: 20 abr. 2008.





JANTAR COM O PRESIDENTE – DVD 9

Países, pessoas e instituições ocupam posições estabelecidas em suas localidades e regiões. Contudo, seria complicado dizer que ocupam a mesma posição o tempo todo. O desenvolvimento histórico das idéias, das instituições, dos contextos e das preocupações dos povos não pode ser considerado estático, parado; se assim fosse, seria “ahistórico”, ou seja, sem sentido histórico, sem tempo desenrolado. O Paquistão, país discutido aqui, não escapa dessa regra.

Seriam os ditadores bons? Ou melhor, quem são os ditadores? O que é uma ditadura? Estas perguntas não escapam de nenhuma discussão sobre regimes baseados em golpes e na força. Evidentemente, a discussão sobre democracia versus ditadura envolve grupos de interesse voltados para seus objetivos políticos, econômicos, culturais e sociais. Portanto, não é redundante imaginar que existem em um mesmo país pessoas que vestem, comem, dançam e bebem de uma cultura – no caso a norte-americana – ao mesmo tempo que outros simplesmente a odeiam. Entre estes grupos, há um abismo aparentemente irreconciliável que na verdade nos demonstra a ausência de compromisso de todos para com um projeto nacional chamado “Paquistão”.

Diante da história política recente do país, baseada em intolerância, violência, golpes de Estado, religiões e machismo, poderíamos passar horas discutindo os problemas do país, bem como retratado pelo documentário no encontro dos liberais em crise ideológica. Quem deve ser apoiado? Ora, o século XX nos diria com muita clareza, segundo o lugar-comum da história contada: militares são repressores, conservadores, antidemocráticos; liberais são bons, abertos e defensores da vontade coletiva. Mas seria mesmo assim? O século XXI eclodiu da queda das barreiras e das cortinas do encilhamento ideológico. Não é mais possível – ou é menos possível – aceitar e aderir a dogmas e cartilhas sistêmicas para entender a sociedade. E nos confins de um país muçulmano da Ásia não é diferente.

A mais estranha das dúvidas no documentário *Jantar com o presidente* envolve o medo do que seria de nós sem o outro odiado, repudiado, detestado, oposto. Como um liberal democrata não se choca ao ver um general defendendo idéias que outrora eram suas, só suas? Como cooperar com o outro distante e aparentemente incompatível?

O debate do filme está fortemente centrado na dualidade entre dois personagens da vida paquistanesa: o general Pervez Musharraf e o povo. Por um lado, temos o representante da lógica que está vigente no poder público há mais de cinquenta anos. Por outro, a fragmentada, plural, diversa e conflitante gama de grupos da sociedade civil, o “homem comum”. Ao constatar essa divisão, surge rapidamente o questionamento sobre os porquês desta separação.





Nesse sentido, toda a diversa sociedade paquistanesa está fora do processo, sem uma ampliada forma de participação política que esteja ao nível das suas demandas urgentes. Ou seja, esta inversão de valores cria nichos excluídos do processo “regular” e “normatizado” da política seja por conta do desejo das elites instituídas seja pelo desejo de outros grupos teocráticos que tampouco estão alinhados a este objetivo comum nacional. É preciso notar que aqui estão claramente compreendidos atentados terroristas, marchas, bloqueios e resistência não-pacífica como formas não-regulares de política. Quando não há diálogo e debate político aberto, outros atos arrebatam a peneira de pressão cotidiana.

Para se manter viva, a democracia depende desse bom funcionamento, da convergência e coexistência entre todos sem violência ou coerção. Assim, este jogo de incompreensão e negação do “outro” cria uma forma sistêmica de exclusão e negação da convivência harmoniosa. Mais do que isso, geram-se sistemas e válvulas de escape para culpar, depauperar e marginalizar instituições naturais da própria vida republicana, como o Exército ou os parlamentos. A contradição é uma mola-mestra da negação, no fundo da verdade, da “coisa pública”, da vida republicana em si, é um suicídio político, dentro deste ponto de vista.

Um pouco da história recente do Paquistão em reflexão

Como mostrado no documentário, encontram-se no país povoados que ainda vivem sem saber o nome do seu próprio presidente, ou sem luz elétrica e saneamento básico, se vendo no espelho de uma miséria existencial supostamente predestinada. Quem predestina, o mulá ou o general, pouco importaria... Entretanto, não há inocentes nesse jogo de grupos poderosos. E muito menos é possível compreender que a democracia no Paquistão vai funcionar nas mesmas percepções basais que nos Estados Unidos, na França, no Congo ou no Brasil. Cada cantão, cada região, cada país, cada comunidade tem sua forma específica e particular de entender a democracia, determinada também por vetores econômicos (desemprego estrutural, miséria, estagnação, inflação etc.), por motivos culturais (extremismo religioso, segregacionismo étnico, misoginia, racismo etc.), por razões políticas já mencionadas, ou ainda por questões que estão acima da nossa compreensão e dos nomes que podemos dar. É preciso respeitar a diversidade, ter cuidado ao interagir e sutileza ao questionar, ainda que seja necessário entender que o homem não é meramente uma ninharia da história e da sociedade, mas por excelência um ator no teatro da vida real.

Esse enunciado fica bastante claro quando os protestos mais diversos de mulheres, desempregados, mulás, grupos étnicos, militares e outros tantos explodem nas capitais do Oriente Médio.

Quando o país se torna independente, essa discussão é feita em meio ao processo de descolonização que transformou as antigas relações de colônia-metrópole em relações com um grau de autonomia relativa. A noção de soberania e de nacionalidade nestas regiões ganha novos contornos, apesar de se manterem em grande medida os laços de dependência econômica, que por sua vez seria superada pelo processo de regionalização e globalização (processos complementares, aliás).





A idéia de que o país deveria ser soberano, independentemente do imperialismo e do cooperativo, influenciou enormemente a discussão da Conferência de Bandung, a qual o Paquistão foi um dos promotores mais atuantes. Contudo, a contradição entre uma democracia em convulsão, que se chocava entre as pilastras de um processo multifacetado e a década de 1950 em Bandung, trazia graves conseqüências para o país. A independência junto à Grã-Bretanha, o processo de constituição republicana, a oportunidade de participação dos grupos historicamente marginalizados entravam em colisão frontal com os golpes militares, as guerras contra a Índia e o projeto nuclear. Estava se pavimentando um passado que influenciaria enormemente um Paquistão crucial para o futuro do Oriente Médio no século XXI.

PAQUISTÃO: GRUPOS ÉTNICOS MAJORITÁRIOS



Fonte: <www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/pakistan_ethnic_80.jpg>.

O fim de uma história?

O que ocorre nas décadas seguintes aos anos 50, em especial a partir da década de 1980, seria um gradual processo de liberalização econômica associado a um forte conservadorismo político. Uma aparente contradição em termos, mas não seria bem assim para governos como o da primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher e do presidente norte-americano Ronald Reagan, os maiores expoentes globais do chamado neoliberalismo. Os Estados Unidos adotariam a política de cooperação para aquela região, visando enfrentar a influência socialista, após a invasão soviética ao Afeganistão. Tal política custaria caro à soberania nacional.





O fim do século XX e da Guerra Fria impactariam o país, trazendo suscetibilidades econômicas pela ausência de um projeto nacional (ou regional) de desenvolvimento. Além disso, as vinculações políticas que deixavam o Paquistão vulnerável às intempéries dos EUA atariam as mãos e os pés em face do problema da invasão do Afeganistão, em 2001. Como explicou o próprio general Pervez Musharraf em uma boa conclusão hipotética, a região sofreu os impactos tardios da resistência guerrilheira *jihadista* afegã contra os soviéticos. Seriam terríveis 26 anos de guerra.

Os mercenários agora eram parte da Al-Qaeda, cuja distribuição e/ou acesso privado a armas letais (como a AK-47) deixava de gerar resistência para gerar ameaça. Os fundamentalistas cooptados se interessaram por mais poder do que o de meramente resistir; e o apoio americano, que financiou inclusive a presença de Osama Bin Laden, agora era invasão. Os *mujjahedin*, novos guerreiros da era globalizada, atraíam comunidades sem esperança, agiam dentro de Estados falidos, “vazios”, e perverteriam o sentido da jihad (guerra santa) e da *Umma* (comunidade) em território paquistanês – deve-se notar bem a busca de cada grupo por legitimar sua própria interpretação do Corão como “adequada”.

Como podemos observar, discordando do historiador Francis Fukuyama¹, estávamos bem longe do fim da história. Tinha ainda muita água para rolar depois da Guerra Fria.

Aproveitando-se da baixíssima institucionalidade e controle das fronteiras da região, conclamava-se o povo árabe a se proteger e guerrear contra os cruzados e sionistas, ou seja, estadunidenses e israelitas. Como sabemos, os problemas domésticos, regionais e internacionais não mais podem ser compreendidos de forma separada.

Dessa forma, cada pequena comunidade e facção étnica integrada à *Umma* se torna uma ameaça potencial para a segurança nacional. Ciente disso, Musharraf procura a via mais suave, democrática, como arma leve de dissuasão destas unidades. Desarmando suas motivações, quem sabe poderia desarmar os “oponentes” invisíveis. Neste cenário, os meios irrestritos da guerra total e assimétrica trariam o desafio de conter ameaças explosivas outrora inimagináveis. Para um representante de uma instituição já não muito popular entre as tribos (a república), era especialmente problemático ver todo o tipo de população se tornar uma ameaça.

Ficou claro para Musharraf a lição de que combater seu próprio povo poderia ser inadequado, ainda que ele mesmo não levasse, ou não conseguisse levar, a sua própria lógica a sério. Porém, também estava em questão (e isso talvez Musharraf não quisesse nem pudesse enxergar) a veracidade da assertiva da democracia plebiscitária e parlamentar, do voto e das instituições ocidentais, como resposta modelar para as demandas de um Paquistão tribalizado e cravado no meio de uma Ásia miserável.

É evidente o enorme desafio de construir um país nascido em crises e embebido de tantos processos traumáticos. Mas talvez no ninho mais incerto da cooperação, de soluções criativas e formas participativas estejam as soluções dos problemas. Vale lembrar o debate jornalístico que conduz o documentá-





rio com os líderes tribais fundamentalistas. Quem sabe a democracia não tenha uma boa parte da sua força gerada no seio e nos frutos da própria discussão sobre a sua existência e necessidade?

Cronologia do Paquistão

- 1947** Início do período de domínio muçulmano sobre o Paquistão, agora independente e desligado da Índia. A Liga Muçulmana apóia os ingleses na Segunda Guerra Mundial, ao contrário dos hindus. Tal decisão colabora para a criação deste Estado islâmico separado da Índia na descolonização da região. Ali Jinnah é o primeiro governador-geral do Paquistão independente.
- 3 de junho: O governo inglês aceita a idéia da partição da Índia.
- 19 de julho: Nawabzada Liaquat Ali Khan, da Liga Muçulmana, torna-se o primeiro-ministro.
- 14 de agosto: Nascimento do Paquistão como Estado. Estatísticas estimam que aproximadamente 15 milhões de pessoas fogem da perseguição religiosa. Islâmicos fogem para o Paquistão do Leste (hoje Bangladesh) e Paquistão do Oeste (hoje Paquistão), enquanto hindus fogem para a Índia. Estimam-se 1 milhão de mortos por violência comunal, e outros milhões perderam seus lares.
- 1948** Morte de Ali Jinnah por tuberculose e câncer. Grande comoção popular. Começa a crise na Caxemira; eclosão da primeira Guerra da Caxemira, entre a Índia e o Paquistão.
- 1951** Começa a era militar no poder do Paquistão.
- 1955** Conferência de Bandung.
- 1956** A nova Constituição proclama o Paquistão uma república islâmica. Iskander Mirza se torna o primeiro presidente do país.
- 1958** O general Mohammad Ayub Khan é o oitavo primeiro-ministro da história do país, em um período marcado por crises políticas, suspensão da Constituição e uso da lei marcial para a contenção de rebeldes no Paquistão do Leste.
- 27 de outubro: Ayub Khan se torna o segundo presidente do país após o exílio do anterior, Iskander Mirza.
- 1965** Segunda Guerra pela Caxemira.
- 1970** Primeira eleição geral no Paquistão, com vitórias da separatista Liga Awami.





- 1971** Guerra civil pela separação do Paquistão do Leste, com a autoproclamação de independência do Bangladesh.
- 1972** O presidente Zulfikar Ali Bhutto e a primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, assinam o acordo de Simla, chegando a um consenso sobre cessar-fogo entre países.
- 1974** Ali Bhutto começa o programa nuclear paquistanês.
- 1977** Protestos populares movimentam o país. Golpe militar coloca no poder o general Zia ul-Haq.
- 1979** Os EUA oferecem ao país ajuda militar no mesmo período da invasão da URSS no Afeganistão. Enforcamento de Zulfikar Ali Bhutto.
- 1986** A filha de Zulfikar Ali Bhutto, Benazir Bhutto, retorna do exílio para liderar o Partido Popular Paquistanês nas eleições.
- 1988** Benazir Bhutto se torna a primeira mulher a assumir o cargo de primeira-ministra em um Estado muçulmano. É a 14ª primeira-ministra da história do Paquistão. Após cumprir seu mandato, ela retornaria em 1993, sendo retirada do cargo em 1996 por acusações de corrupção.
- Agosto: O general Zia morre em misterioso acidente aéreo.
- 1991** A Sharia é incorporada no código legal. O primeiro-ministro Nawaz Sharif inicia um processo de franca liberalização econômica.
- 1999** A Crise de Kargil tensiona as relações entre o poder Executivo e os militares.
- 12 de outubro: O general Karamat (Pervez Musharraf) executa um golpe de Estado em suposta defesa da democracia e no combate aos fundamentalistas islâmicos que desejariam assumir o poder instituído.
- 2001** Musharraf se autoneomeia presidente, ao mesmo tempo que é chefe do Exército. Tensões fortes com a Índia por conta do território da Caxemira. Alta incidência de ataques terroristas na região. Os Estados Unidos invadem o Afeganistão.
- 2002** Com suspeitas de irregularidade, inconstitucionalidade e corrupção, Musharraf se torna mais uma vez presidente do Paquistão.
- 2003** Cessar-fogo na Caxemira.





2005 Janeiro: grupos insurgentes atacam os maiores campos de gás no país sob a causa da independência do Baluchistão.

Outubro: um terremoto mata dezenas de milhares de pessoas, com o seu epicentro na Caxemira paquistanesa.

2007 Ações insurgentes de radicais islâmicos ganham força. Retorno da crise política.

Julho: Crise da Mesquita Vermelha. Encontros secretos entre Benazir Bhutto e Musharraf em Abu Dhabi.

Agosto: Retorno de Sharif do exílio.

Setembro: Sharif fica poucas horas no país, tendo que retornar ao exílio.

Outubro: Bhutto volta do exílio, com a ocorrência de um ataque terrorista contra a massa na sua recepção.

Novembro: Sharif tenta retornar do exílio pela segunda vez. Bhutto é colocada em prisão domiciliar. O chefe de Justiça nacional Iftikhar Chaudry é demovido do cargo.

Dezembro: Assassinato de Benazir Bhutto. Estado de emergência decretado.

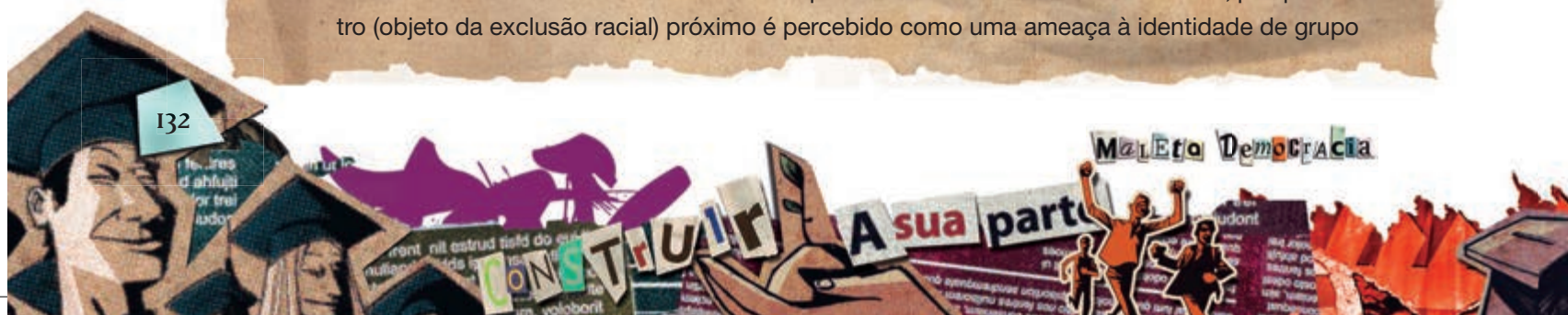
Sugestão de temas para debate:

- Personalidades e organizações políticas podem mudar radicalmente de perfil ao longo da história e do tempo? Podemos confundir decisões de instituições com decisões de pessoas?
- Como a sociedade civil pode, dentro de seus tantos grupos de interesse, coexistir e se desenvolver respeitando a diversidade?
- Como o cidadão comum organizado autonomamente pode cooperar entre si e com os representantes públicos para melhorar a vida cotidiana?
- O comunitarismo e as comunidades são uma alternativa positiva ou reativa à globalização?
- Como devemos lidar com ataques e invasões contra os nossos vizinhos? Isso pode nos afetar? Como?



Para refletir

O racismo é a expressão sintomática da tensão presente na aproximação entre uma identidade e uma diferença, usando para isso discursos sobre ciência, tecnologia e religião. A violência é constantemente utilizada como recurso freqüente no horizonte dessa consciência, porque o outro (objeto da exclusão racial) próximo é percebido como uma ameaça à identidade de grupo





Proposta de atividade

Pesquisa com membros da comunidade e produção de fanzine sobre a história local: Propõe a cada participante que entreviste uma ou mais pessoas sobre a história do lugar onde vive. Com base nesses depoimentos, ele deve construir um fanzine (que é uma espécie de jornal artesanal, distribuído de mão em mão). Dessa maneira, será possível obter ângulos diferentes da história local. Os autores podem usar imagens e/ou palavras. Para confeccionar o fanzine, são necessárias duas folhas de papel A4 dobradas ao meio. É muito importante incluir os créditos sobre os autores e seus entrevistados.

Sugestões de filmes, sites e textos

FILMES:

Mulheres em países islâmicos – Paquistão. Direção: Enes Hakan Tokyay. Alemanha/Turquia, 2006. 300 minutos. Documentário.

Freedom Sound. Direção: Nadir Hussain Shah e Sehban Zaidi. Paquistão, 2008. Thriller.

O preço da coragem (A Mighty Heart). Direção: Michael Winterbottom. Estados Unidos, 2007. 100 minutos. Drama.

Caminho para Guantánamo (Road to Guantanamo). Direção: Michael Winterbottom e Mat Whitecross. Estados Unidos, 2006. 95 minutos. Drama.

SITES:

1. Página do governo do Paquistão
www.pakistan.gov.pk/
2. Portal noticioso paquistanês
www.pakistanlink.com/
3. Página do Fundo Nacional para Herança Cultural
www.heritage.gov.pk/
4. Página do jornal Pakistan Times
www.pakistantimes.net/
5. Página da ong internacional Human Right Watch
www.hrw.org/press/1999/oct/pakpr.htm
6. Para ver os atentados terroristas no país desde 1991 (pós-Guerra Fria), acesse: <www.tempo-presente.org/index.php?option=com_google_maps&Itemid=77&category=104>.





MAPAS COMPLEMENTARES:

Mapa político com as principais cidades.

Fonte: <www.atlasescolar.com.ar/mapas/pakistan.gif>.

Mapa da divisão administrativa interna.

Fonte: <<http://herdeirodeaecio.blogspot.com/2007/07/h-notcias-interessantes-e-h-notcias.html>>.

Mapa do índice de pobreza do país.

Fonte: <<http://earthtrends.wri.org/povlinks/jpegs/poverty/pakistan.jpg>>.

Mapa do território paquistanês marcado em vermelho, em configuração anterior à Guerra de Bangladesh, em 1971. O conflito culminou na separação da região, hoje soberana.

Fonte: <www.dkimages.com/discover/previews/741/121699.JPG>.

TEXTOS:

ALVES, J. L. **O Paquistão: fracturas internas e possibilidades de um novo relacionamento com a Índia.**

Disponível em: <http://www.dpp.pt/pages/files/infor_inter_2006_VI2.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2008.

ASIAN HUMAN RIGHTS COMMISSION. **Pakistan: The Human Rights Situation in 2006.** Disponível em: <<http://material.ahrchk.net/hrreport/2006/Pakistan2006.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2008.

BAUMAN, Z. **Comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GANGULY, S. **Emperor Musharraf's New Clothes.** In: Foreign Affairs, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.org/20071205faupdate86678/sumit-ganguly/emperor-musharraf-s-new-clothes.html>>. Acesso em: 21 abr. 2008.

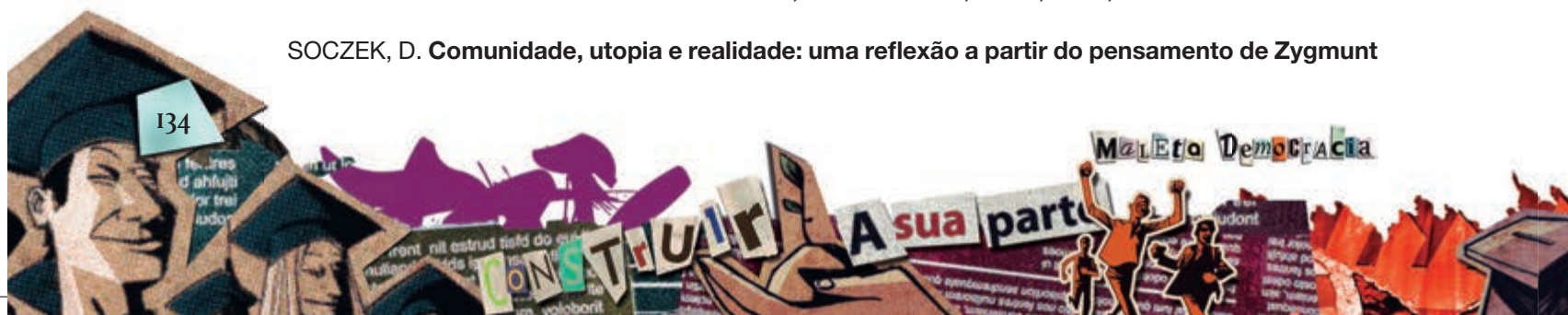
_____. **Pakistan's Slide Into Misery.** In: Foreign Affairs, nov.-dez. 2002. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.org/20021101faessay10074/sumit-ganguly/pakistan-s-slide-into-misery.html>>. Acesso em: 24 abr. 2008.

GELLNER, E. **Pós-modernismo, razão e religião.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAMAS, B. G. **Paz na Caxemira: será?** Minas Gerais: Conjuntura Internacional/PUC-Minas. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagdb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20050802164124.pdf?PHPSESSID=45843a62f5ab71654839c04e2732fb63>. Acesso em: 24 abr. 2008.

LIMA, B. **Um perigo chamado Paquistão:** Notas sobre o país no contexto da guerra global sobre o terrorismo. Revista Eletrônica Boletim TEMPO, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, 2007.

SOCZEK, D. **Comunidade, utopia e realidade: uma reflexão a partir do pensamento de Zygmunt**





Bauman. Revista de Sociologia e Política, 2004, n. 23. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782004000200017>. Acesso em: 26 abr. 2008.

PROCURANDO PELA REVOLUÇÃO - DVD 9

Miséria, cidadania restrita, corrupção, machismo, desemprego estrutural, discriminação racial, repressão, ancestralidade... Entre pontos e questões possíveis, na virada do milênio, a Bolívia se apresenta como um paiol de transformações sociais e políticas inovadoras. A eleição de Evo Morales – o primeiro presidente indígena da história do nosso continente – desvelaria uma história de quinhentos anos de pressões generalizadas, nos quais a democracia é um assunto muito duvidoso.

Nessa busca, documentário mostra a figura do médico e guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara, que viajou até a Bolívia para realizar na América do Sul o que já era tão falado no resto do continente: a revolução. Durante a Guerra Fria, a luta do socialismo marxista se lançava em incursões na selva das Américas através do exemplo vivo do Che. E a Bolívia, um dos países mais desiguais do mundo, estaria no centro da batalha contra o imperialismo. Mas é preciso dizer que, desde 1967, quando Che foi assassinado em Santa Cruz de la Sierra, já haviam sido descobertos na Bolívia recursos minerais e petrolíferos, mesmo com a maioria da sua população ainda abaixo da qualidade de vida minimamente sustentável.

Como nós, brasileiros, e outros tantos povos, bolivianos buscam o seu ideal de democracia. O que há de diferente aqui é o desejo por uma opção verdadeiramente nativa e original, e não a reprodução de modelos vigentes nos países desenvolvidos distantes. Adotar uma “democracia tipo exportação”, seja tida como boa ou ruim, caracterizaria sérios problemas ao ser incorporada na base da força e da violência, indo contra a vontade popular. Mas talvez no fim das contas a experiência histórica de conquista do poder político pelo voto e pela mobilização se demonstraria mais efetiva, ainda que conquistada com demora, dificuldade e mobilização.

Os problemas da democracia na Bolívia são tão antigos quanto o seu nascimento republicano. A quantidade de golpes de Estado é quase tão grande quanto a idade do país. Apesar de ter uma história política diferente da nossa, a partir da Segunda Guerra Mundial, com a mundialização – sendo a globalização um fenômeno mais recente –, nossos problemas nacionais tornavam-se muito parecidos. Podem-se apreender bons apontamentos democráticos ao observarmos a velocidade das transformações bolivianas, que sem dúvida eram impulsionadas e catalisadas pela irresponsabilidade das elites empresariais e políticas, que jamais conseguiram programar um projeto de desenvolvimento que abraçasse maioria da população.





PERDAS TERRITORIAIS DA BOLÍVIA NO SÉCULO XX



Fonte: <www.tempopresente.org/index.php?option=com_zoom&Itemid=79&page=view&catid=16&PageNo=1&key=6&hit=1>.

Do desenvolvimentismo à privatização

A cadeira do presidente da República trocava de dono diversas vezes de 1964 até 1971, quando o general Hugo Banzer assentaria as bases de uma “pacificação” – eufemismo para repressão – contra sindicatos e movimentos universitários para alavancar os interesses do então emergente agronegócio do Oriente, região que envolve os departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando. Era nessa região que estava Santa Cruz de la Sierra, terra natal do general Banzer, que num futuro próximo conseguiria grande progresso econômico.

Avançaria, então, este processo inicial de liberalização econômica e brutalidade política até o início da década de 1980, com a redemocratização e o retorno das eleições. Ao contrário da nossa transição, na Bolívia este processo se deu tortuoso e tenso. Isso até o ressurgimento de Paz Estenssoro, que já fora presidente duas décadas antes (de 1952 a 1956 e de 1960 a 1964).

Mas o panorama de uma inflação gigantesca e a tendência mundial de liberalização econômica associada ao conservadorismo político – o neoliberalismo – transformou o presidente outrora salvador em um impopular estadista.





Ao dismantelar a máquina de emprego, educação e inclusão cidadã criada nos anos 50, as privatizações causaram uma ruptura crítica na imagem destes representantes políticos. Os chamados “políticos profissionais” eram acusados de mentiras, corrupção e elitismo, bem como os partidos políticos deste país, que até então eram a correia de transmissão entre a massa da sociedade civil e o poder público. Começava um “xeque-mate” a essa lógica, pelo menos da forma que ela era conhecida, e a crise de identidade política assustava: como entender que o mesmo partido que tudo nos deu agora tudo nos tira?

A privatização se caracteriza pela venda de empresas estatais para o capital privado. Com o objetivo de “enxugar” os gastos e tornar a economia mais competitiva, o Estado cede parte destas empresas públicas (que geralmente cuidam da energia, do gás, do transporte etc.) para outros grupos não necessariamente compromissados com o interesse da população.

A experiência das privatizações durante governos democráticos na América do Sul começou na Bolívia e desde então descobrimos os perigos desta política econômica que fez sumir todo tipo de concepção retroalimentada do desenvolvimento socioeconômico. Agora, o país era, na melhor das hipóteses, um exportador de riquezas, sem lastro imediato para o crescimento. Como em todo o resto das Américas, o resultado foi desemprego, violência, extermínio e pobreza. Isso culminaria, é claro, em grave crise social.

A coca é cocaína? Impactos do desemprego e da exploração na democracia

Na Bolívia, cuja economia baseava-se fortemente na exportação primária de matéria-prima mineral (prata, zinco, estanho etc.), o impacto foi profundo. A privatização era calculada, mas os “problemas sociais” posteriores eram largados a própria sorte. Do processo de êxodo e expulsão das centenas de milhares de operários das minas, demitidos pela empresa privada sob o argumento que “custavam caro demais”, cresciam as favelas das grandes cidades e o plantio de coca no centro do país.

Junto com esses operários iriam também as suas heranças culturais, sociais, políticas. No caldeirão da miséria, do racismo e do desemprego, a memória de lutas operárias do passado se somava à tradição da coca como cultivo ancestral e gerava uma profunda transformação. Nascia o movimento sindical camponês cocaleiro de Evo Morales, que sacudiu o país em 2003 com protestos contra o neoliberalismo. Ali estava a base da nova Bolívia. Devemos evitar confusões sobre as guerrilhas das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e Autodefesas Unidas da Colômbia (AUCs) e outros narcotraficantes. A coca é uma planta de cultivo milenar original do período anterior à chegada de Colombo. Por isso é originalmente alheia ao processo de industrialização da cocaína, processo este que não está detido nas mãos dos camponeses, mas de um pequeno grupo de proprietários. E muito menos estes cocaleiros têm interesse em se sustentar com o tráfico.





A ascensão rápida da droga a partir da década de 1970 iniciou uma reestruturação do cultivo, cujo contingente de pequenos e médios produtores havia crescido consideravelmente na medida em que a mineração estava em franca decadência. O gradual colapso do sistema mineiro, que culminaria na privatização da estatal mineira Comibol e na demissão em massa alavancaria a mão-de-obra necessária para cumprir o potencial de exportação fabulosa, dada à demanda de matéria-prima para refinamento e compra nos países desenvolvidos.

Mas voltemos aos movimentos sociais. Os manifestos pacíficos eram as demonstrações de uma idéia maior de democracia, que não privilegiava apenas o voto, mas reivindicava maiores e mais amplas formas de participação política. O próprio partido nos quais eles se apoiavam – o *Movimento Al Socialismo* (MAS) – assumiria uma forma de organização descentralizada, ou seja, de redes autônomas de sindicatos e organizações de trabalhadores, dando voz a cada pequena comunidade, contando com uma forma de centralização política menos burocrática. Da descentralização e dos ínfimos recursos para uma mobilização autônoma se explica a importância das ONGs para sua sobrevivência em uma sociedade falida. **Pela primeira vez, o boliviano tinha alguém que compartilhava sua identidade social, política, cultural e étnica no topo do poder. Contudo, essa identidade não visava somente colocar alguém com a cara dos bolivianos no poder; existia uma discussão maior, uma discussão socialista, ainda que deva ser pontuado com clareza que este socialismo não representa mais o socialismo marxista da década de 1960, quando Che Guevara viveu na Bolívia. Hoje, a questão socialista na Bolívia se baseia em uma idéia contemporânea, nova, baseada na necessidade de afirmação cultural, de findar o racismo, de dignidade, de cidadania e de trazer as vontades populares para a agenda da grande política.**

Depois da tempestade, a bonança?

É difícil explicar por que um governo tão popular não consegue automaticamente fazer a tão esperada justiça social. Entretanto, se nos debruçarmos sobre as formas de organização da política clássica, incrustadas na Constituição do Estado boliviano, nossa compreensão pode ser um tanto facilitada.

No sistema da democracia liberal representativa – como a que vivemos –, nosso voto elege representantes, que por sua vez tomam decisões baseadas no desejo popular no Congresso e no Senado. Na Bolívia, para que as leis possam ser efetivadas, é preciso que a decisão do Congresso passe pelo Senado, que tem poder de veto sobre o primeiro. Além desta burocratização da política, deve ser levada em consideração a estrutura burocrática lenta e a debilidade econômica do país mais pobre da América do Sul.





Assim, além das questões individuais de representantes que se corrompem e que deixam de lutar por causas sociais, problema já endêmico da política, é preciso entender a força que tem o maquinário desta democracia, altamente centralizada, mas não menos importante, da sociedade civil, cuja participação poderia tornar mais ágil boa parte das decisões. Ou seja, tornaria a democracia mais viável, concreta e menos utópica por meio da institucionalização destes movimentos como participantes – e deliberadores – da vida política.

A democracia, assim como a família, o amor, o emprego, a revolução e tudo na vida, não depende de uma única aposta inicial “e pronto”. É preciso ter consciência de que a sua construção é diária, lenta, paciente, coletiva e gradual. Portanto, independente do mérito da questão sobre quem está certo na luta política da democracia nas ruas bolivianas. É preciso investir em autonomia nas decisões, coletividade participativa, criatividade e igualdade de condições de gênero, classe e etnia. Se considerarmos isto diariamente, coexistindo com o ato do voto de ano em ano, possivelmente compreenderemos melhor o que se passa nas ruas de La Paz, Cochabamba, Santa Cruz e até mesmo do Rio de Janeiro, de Salvador e Manaus.

Cronologia da Bolívia

- 6 ago 1825** Declaração de Independência da República da Bolívia.
- 1877** Assassinato de Andrés Bañez pelas forças nacionais, após declaração rebelde deste como governador de Santa Cruz de la Sierra.
- 1879-1884** Guerra do Pacífico, envolvendo Peru, Bolívia e Chile. Perda do litoral boliviano para o Chile.
- 1899** Guerra Civil (ou Revolução Federal), cuja vitória de La Paz a transforma na capital de facto do país, trasladando o poder executivo e legislativo à nova capital e deixando o judiciário em Sucre (Departamento de Chuquisaca).
- 1903 a 1904** Questão do Acre e Guerra da Borracha contra o Brasil, cuja derrota rendeu a região acreana ao Brasil.
- 1912** Finalização da ferrovia Madeira-Mamoré.
- 1920** Rebelião indígena nacional.





- 1932 a 1935** Guerra do Chaco, entre Paraguai e Bolívia. Uso franco e violento de soldados indígenas e de poder aéreo no conflito, cujos resultados foram a morte de milhares e a perda de 1/3 do território do atual departamento de Santa Cruz para o Paraguai, em um conflito por reservas de petróleo que jamais existiram.
- 1946** Congresso operário propunha as “Teses de Pulacayo”, cuja inovação era o abandono das meras reivindicações por melhoria das condições de trabalho e vida para almejar a conquista do poder público. Ascensão de movimentos marxistas no país.
- 1950** Fundação do Comitê Cívico Pró-Santa Cruz.
- 1952** Revolução Nacional Boliviana, conduzida pelo partido Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e pelo movimento sindical que daria origem à sindical Central Operária Boliviana (COB). Início da Era Paz Estenssoro.
- 1964** Fim da Era Paz Estenssoro I. Começa seqüência de golpes de Estado alternados entre nacionalistas de esquerda e direita.
- 1967** Morte de Ernesto Che Guevara, por meio da cooperação do Exército Boliviano com a Agência de Inteligência Central Estadunidense, a CIA.
- 1971** Ascensão do coronel Hugo Banzer Suárez, cujo governo duraria sete anos. O governo Banzer é parte da Operação Condor na Bolívia.
- 1982** Reabertura democrática, após vários golpes e contragolpes. É reorganizada a dinâmica política do país, trazendo novas questões democráticas e novas formas de organização. Surgem, portanto, os primeiros movimentos sociais autônomos no país, de diversas naturezas e com variados modos e objetivos de atuação.
- 1985** Início da Era Paz Estenssoro II. Ele e o seu ministro do Planejamento, Gonzalo Sánchez de Lozada (Goni), lançam o Decreto Supremo 21060, cujos resultados seriam a dolarização da economia, o início das privatizações e desmantelamento da estatal mineira Comibol para suprimir a alta inflação nacional. Início de um longo período de protestos sociais e diáspora dos ex-trabalhadores mineiros, acomodando-se nas plantações de coca e nas então pequenas periferias das capitais departamentais.
- 1993** Primeiro mandato de Gonzalo Sánchez de Lozada na Presidência da República.
- 1997** Segundo governo de Banzer, desta vez retornando pela via democrática do voto.





- 2000** Guerra da Água (movimentos sociais x Estado, Exército, Suez S.A. e Bechtel S.A.) em Cochabamba, cujo resultado foi a reversão de um processo de privatização das águas da cidade. Convulsão social camponesa por conta do programa de erradicação radical e coercitiva das plantações de coca.
- 2002** Hugo Banzer morre de câncer. Jorge Ramírez Quiroga assume o restante do mandato.
- 2003** Segundo governo de Gonzalo Sánchez de Lozada. Ocorre a Guerra do Gás (movimentos sociais andinos e polícia x Estado e Exército), cujo resultado reverteu o processo de venda de gás para os EUA através do Chile, então rival histórico. Queda do presidente Sánchez de Lozada. Ascensão de Carlos Mesa e referendun sobre exportação do gás.
- 2005** Renúncia de Carlos Mesa.
- 2006** Eleição de Juan Evo Morales Ayma, o primeiro presidente indígena da história do país. Primeira eleição direta para representantes máximos departamentais (prefeitos), abertura da Assembléia Constituinte e Referendun Autônômico de Santa Cruz de la Sierra, assinalando um período de voga da democracia direta.
- 2007** Impasse na Constituição, conflitos entre a “meia lua” (departamentos do Beni, Pando, Tarija e Santa Cruz) e o governo nacional e declaração de autonomia de Santa Cruz.

Sugestão de temas para debate:

- A democracia é a inclusão plena de cada indivíduo e comunidade, respeitando as suas diferenças, ou é uma formula geral aplicada sistematicamente de ano em ano? Qual é a importância do voto e de nossa participação diária?
- Como nossas comunidades poderiam participar mais das decisões públicas? Como poderíamos ter melhores respostas do governo?
- Por que temos mais a ver com vizinhos tão distantes, como os EUA e a Europa, e tão pouco conhecemos dos vizinhos mais próximos, como o Peru, o Equador, a Venezuela e a própria Bolívia?
- Qual é a importância de ser sul-americano e latino-americano? E como isso tem a ver com as nossas comunidades e bairros?
- Você acredita que, no Brasil de hoje, os diferentes grupos étnicos têm oportunidades profissionais equivalentes?





Para refletir

A democracia é uma construção diária, lenta, paciente, coletiva e gradual. Não se faz por imposição e nem de um dia para outro. Exige diálogo, tolerância e eterna vigilância. Cabe à população e às instituições civis vigiar pelo seu pleno funcionamento.

Proposta de atividade

1. Para trabalhar a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos: peça a todos que escreva em pedaços de papel, sem se identificar, a primeira palavra que vir à mente sobre o indígena. Depois peça que eles cole numa parede essas palavras. Escolha dois representantes que irão ler, aleatoriamente, as palavras escritas e tentar justificá-las. Esse exercício vai demonstrar o quanto de desconhecimento e preconceito nós temos sobre o indígena.
2. Que tal construir um mapa da América do Sul com recortes de revista e jornal e texturas que estejam relacionadas com o continente? Exemplo: animais, pessoas variadas, cores, areia, pedras, folhas e tudo que elas acharem que lembra os países latino-americanos. Cada imagem ou textura deverá ser colocada onde se acredita que há uma relação. O resultado será um mosaico.

Sugestões de filmes, sites e textos

FILMES:

Bolívia: História de uma Crise (Our Brand Is Crisis). Direção: Rachel Boynton. Estados Unidos, 2005. 87 minutos. Documentário.

Kolla Suyo - A Guerra do Gás (Série: Onde está a América Latina). Direção: Pedro Dantas. Bolívia/Brasil, 2006. 52 minutos. Documentário.

American Visa. Direção: Juan Carlos Valdivia. Bolívia, 2005. 100 minutos. Drama/Romance.

Las banderas del amanecer. Direção: Jorge Sanjinés e Beatriz Palacios. Equador, 1984. Documentário.

Cocaleiros (Cocaleros). Direção: Alejandro Landes. Argentina/Bolívia, 2007. 84 minutos. Documentário.

El día en que murió el silencio. Direção: Paolo Agazzi. Bolívia, 1997. 108 minutos. Drama/Comédia.





SITES:

1. Portal com dados históricos, geográficos e culturais da Bolívia
<http://mirabolivia.com>
2. Página do Centro Argentino de Estudos Internacionais
www.caei.com.ar
3. Página do Instituto Nacional de Estatística da Bolívia
www.ine.gov.bo
4. Portal da Agência Boliviana de Informação
www.abi.bo
6. Página do movimento organizado Nación Camba de Liberación
www.nacioncamba.net
7. Página relacionada aos movimentos dos povos tradicionais bolivianos
www.willka.net

Mapas complementares:

Mapa físico: clima, temperatura e estradas.

Fonte: <www.travelperubolivia.com/brochure/mapa_bolivia.gif>.

Mapa físico e político.

Fonte: <www.países-america.com/mapas/mapa/bolivia.jpg>.

Mapa de atividade econômica.

Fonte: <www.tempopresente.org/index.php?option=com_zoom&Itemid=79&page=view&catid=16&PageNo=1&key=0&hit=1>.

TEXTOS:

1. ANDRADE, E. **A revolução boliviana**. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.
2. DEBRAY, R. **A guerrilha do Che**. Trad. Ronaldo Antonelli. São Paulo: Edições Populares, 1987.
3. CAMARGO, A. **Bolívia – A criação de um novo país, a ascensão do poder político autóctone, das civilizações pré-colombianas a Evo Morales**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.
4. RAMONET, I. **Guerras do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2003.
5. SACHS, J. **O fim da pobreza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.





DEMOCRACIA E LIBERDADE: UMA LUTA NO TEMPO

DEMOCRACIA E LIBERDADE: uma luta no tempo.

Francisco Carlos Teixeira da Silva/Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ.

1908,

Primeira audição de uma emissora de rádio comercial, em San Diego, Califórnia, EUA. Os primeiros experimentos com transmissões radiofônicas, realizados por Lee De Forest, deram-se entre 1906 e 1908, incluindo uma feita do alto da Torre Eiffel. Iniciava-se uma explosão das comunicações em escala planetária. Tal revolução prosseguiria com o cinema, popular nos EUA, a partir de 1915, e a televisão, nos anos 30 (1936, na Inglaterra, e 1939, nos Estados Unidos). Para a democracia – e não só a democratização da informação – foi um passo grandioso que iria desembocar em movimentos como o Free Speech, também na Califórnia, nos anos 60, estopim da revolta dos jovens, e, por fim, na Internet, nos anos 90, abrindo a era da globalização.



Movimento Free Speech (The Free Speech Movement – FSM) – movimento de estudantes da Universidade de Berkeley, na Califórnia, entre 1964 e 1965. Eles protestavam contra a proibição de atividades acadêmicas no campus, exigiam liberdade acadêmica e o direito de se expressar livremente nas rádios. Herbert Marcuse, professor em Berkeley, foi o guru dessa revolta. O filme *A primeira noite de um homem*, de Mike Nichols, em 1967, que tem Berkeley como cenário, antecipa o clima de revolta nos *campi* americanos, que explodiria em 1968.



Henry Ford (1863-1947) lança, nos EUA, o **Modelo T**, carro popular que inaugura a produção em massa, conhecida como “fordismo”. A popularização do automóvel muda a estrutura urbana e o perfil das grandes cidades e possibilita a formação de bairros mais afastados dos centros. Nos anos 40 e 50, o carro se transformaria em sinônimo de liberdade, permitindo a uma geração de jovens usufruir ampla liberdade – incluindo a experimentação sexual – decorrente do surgimento do drive-in e de parques, propícios a piqueniques e outras diversões.

No Brasil, o Rio de Janeiro centraliza as comemorações dos **Cem Anos da Abertura dos Portos**, determinado pelo Regente Dom João, sob inspiração do Visconde de Cairu. A partir desta data, o país pôde fazer comércio com todas as nações do mundo. A Praia Vermelha cobriu-se de pavilhões e bangalôs para a exposição comemorativa.



1918,

Fim da Primeira Guerra Mundial. A **Conferência de Paz**, realizada em Paris, visa a reconstruir o mundo e a evitar futuras guerras. O sonho de uma nova ordem mundial baseia-se nos chamados Dez Pontos de Paz do presidente americano **Woodrow Wilson** (1856-1924), dentre os quais se destacam o fim da diplomacia secreta, a autodeterminação dos povos, o respeito pelos direitos civis e o desarmamento. Wilson propunha, ainda, a criação de uma Sociedade das Nações, que deveria arbitrar o conflito entre os diversos países, evitando guerras. A **Sociedade das Nações**, criada em 1919, foi a antecessora da ONU.

1928,

Assinatura do **Pacto Briand-Kellog**, proposto pelo ministro de Negócios Exteriores francês e o Secretário de Estado dos Estados Unidos, que deram nome ao documento pacifista, ratificado por quarenta nações. A chegada de **Adolf Hitler** (1889-1945) ao poder, em 1933, impediu sua implantação como regra do direito internacional.

Em Berlim, na Alemanha, **Bertolt Brecht** (1898-1956), poeta e teatrólogo, realiza a primeira montagem da **Ópera dos três tostões**. **Kurt Weill** (1900-1950) compôs a música-tema. No mesmo ano, **G. W. Pabst** (1885-1967) filmou a obra, uma crítica contundente à aversez materialista e mercantilista da vida moderna, e um forte elogio às classes operárias. Brecht influenciaria fortemente o teatro e a literatura do século XX, em especial os jovens intelectuais resistentes aos regimes militares na América Latina, entre eles, **Chico Buarque de Hollanda** (nascido em 1944).

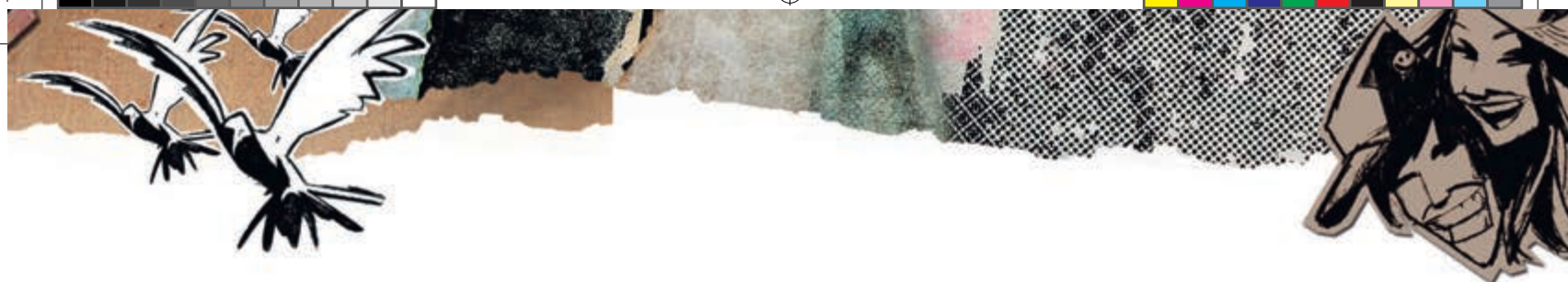
Em Paris, um grupo de jovens intelectuais surrealistas une-se em torno de **Luis Buñuel** (1900-1983) e **Salvador Dalí** (1904-1989) na filmagem de **Un chien andalou**. Trata-se de um marco na história do cinema e das artes em geral, que subverteu violentamente os cânones artísticos, e abriu uma época de liberdade e de experimentação.

No Brasil, é lançado o **Movimento Antropofágico**, num desdobramento do Manifesto Pau-Brasil. Para **Oswald de Andrade** (1890-1954), tratava-se de libertar a arte brasileira dos valores e procedimentos europeus e reelaborá-la com autonomia, por meio do que denominou “devoração” cultural.

1938,

Jean-Paul Sartre (1905-1980) publica, em Paris, **A náusea**, peça teatral e texto filosófico que critica duramente a acomodação da classe média ocidental. As bases do existencialismo, filosofia crítica baseada na radicalização da liberdade, estavam lançadas.





Junto com o comunismo e o cristianismo ele seria uma das grandes vertentes do pensamento ocidental no século XX. O texto sartreano servirá, ainda, de inspiração para os fundadores do **Teatro do Absurdo**, como Ionesco.

Na URSS, **Sergei Eisenstein** (1898-1948) dirige *Alexander Nevsky*, filme encomendado pelo ditador Joseph Stalin. Contudo, Eisenstein constrói uma narrativa crítica, centrada no indivíduo e em suas dúvidas. A fotografia de **Eduard Tissé** (1897-1961) e a música de **Sergei Prokofiev** (1891-1953) são outros destaques.

Na Alemanha, inicia-se a fase mais brutal da perseguição aos judeus com a chamada **Noite dos Cristais**. Residências, casas de negócios e sinagogas são destruídas por toda a Alemanha. Milhares de judeus são expulsos de suas casas. Era a face mais brutal do Terceiro Reich de **Adolf Hitler** (1889-1945).

No Brasil, **Graciliano Ramos** (1892-1953) publica **Vidas secas**, contundente relato das condições de vida nos sertões do Brasil. Um cão chamado “Baleia” torna-se o personagem não-humano mais complexo e citado da literatura brasileira. Graciliano Ramos foi perseguido e preso, por sua militância política contra o Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937. Vidas secas inspirou algumas das melhores criações de Candido Portinari.



1948,

A Assembléia Geral da ONU condena e criminaliza o genocídio. Simultaneamente, é aprovada a **Declaração Universal dos Direitos do Homem**.

Gandhi, o Mahatma, líder espiritual da nova Índia – independente do domínio britânico desde 1947 – é assassinado por um radical político. Suas idéias de resistência pacífica como a melhor forma de luta contra a injustiça social, a exploração e a opressão política tornar-se-ão, contudo, universais. Os ideais pacifistas de Gandhi terão forte influência sobre o pastor **Martin Luther King** (1929-1968), na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos; sobre o bispo **Desmond Tutu** (nascido em 1931), na resistência contra o regime do *apartheid*, na África do Sul, e sobre a líder da resistência budista em Mianmar, **Aung San Suu Kyi**, Prêmio Nobel da Paz de 1991, e em prisão domiciliar desde 2003, por ordem da ditadura birmanesa.

Na Itália, ainda sob os efeitos da II Guerra Mundial, **Luchino Visconti** (1906-1976) dirige o filme **A terra treme**, inaugurando um vigoroso ciclo de cinema, o neo-realismo italiano. No mesmo ano, Vittorio de Sica (1902 -1974) filma **Ladrões de bicicleta**, comovente drama, sentimental e realista, sobre as classes baixas da Itália, no pós-guerra. **De Sica, Visconti e Rossellini** (1906-1977) foram responsáveis por uma revolução estética no cinema, influenciando, inclusive, criadores brasileiros





Ainda sob o impacto das revelações da extensão e intensidade do holocausto dos judeus durante a II Guerra Mundial, a ONU aprova a criação do Estado de Israel.

Instituição do regime do *apartheid* na África do Sul, que só será abolido devido a um vigoroso movimento de massas pela igualdade racial, liderado pelo bispo **Desmond Tutu** (nascido em 1931) e o militante **Nelson Mandela** (nascido em 1918). As reformas que permitiram o seu fim foram feitas entre 1990 e 1994. O bispo Tutu foi o primeiro negro na África do Sul a ser reitor de uma universidade. Em 1978, tornou-se censitário geral do Conselho de Igrejas da África do Sul, de onde lidera a luta contra o *apartheid*. Agraciado com o prêmio Nobel da Paz em 1984, hoje é membro do *Comité da patrocínio da Coordenação* internacional para o Decênio da cultura da não-violência e da paz.

No Brasil, é fundada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), uma ampla associação de pesquisadores e cientistas que lutarão – em especial sob o regime militar, entre 1964 e 1985 – pela liberdade de expressão, de magistério e de opinião e pela anistia de professores e pesquisadores cassados, exilados e aposentados pelo arbítrio do regime.

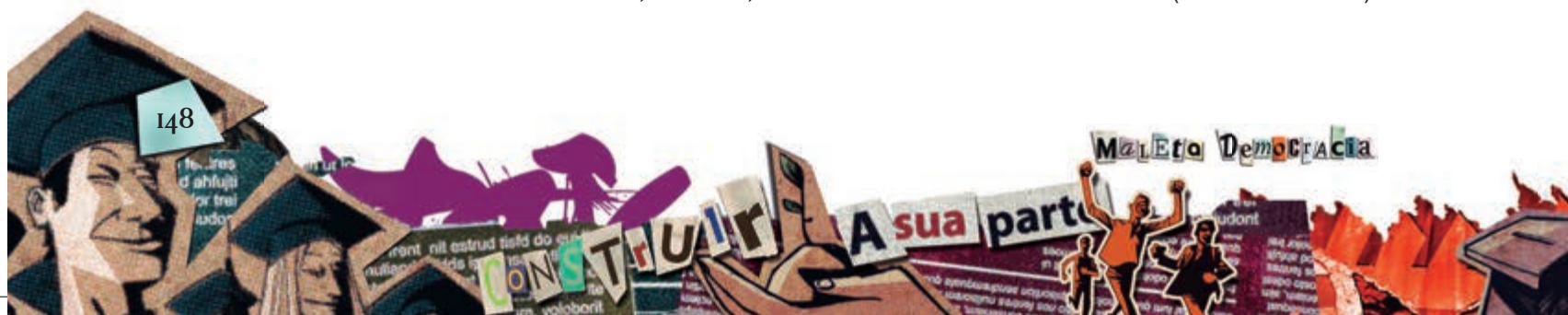
1958,

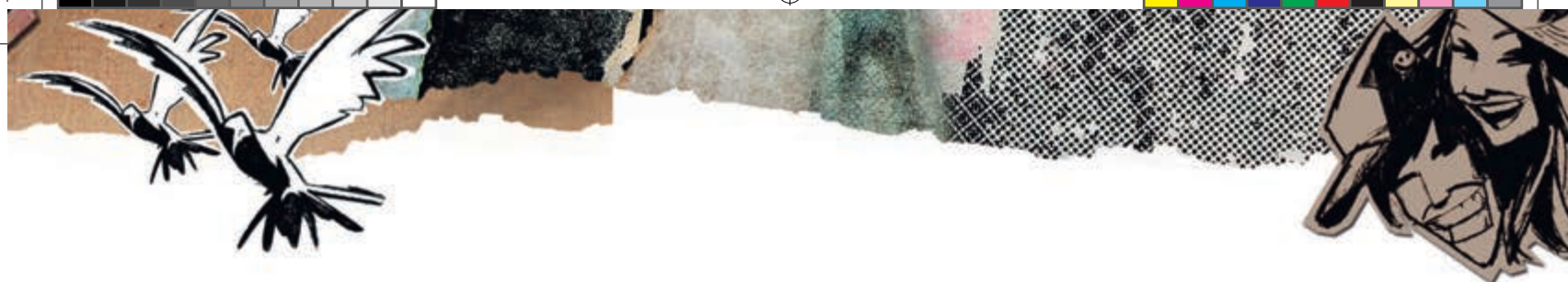
Surge um novo e revolucionário gênero musical no Brasil, a **bossa nova**, marcada por forte liberdade de linguagem musical e poética. O maestro **Antonio Carlos Jobim** (1927-1994) e o poeta **Vinicius de Moraes** (1913-1980) compõem *Chega de saudade*, canção considerada um divisor de águas na música brasileira. Contudo, é **João Gilberto** (nascido em 1931), quem inventa a batida que consagra a bossa nova.

O jurista e historiador brasileiro **Raymundo Faoro** (1925-2003) publica um livro seminal sobre a interpretação do Brasil, de sua sociedade e políticas: **Os donos do poder**. Alguns anos depois, a obra foi considerada ameaçadora pelo regime militar. Faoro, na presidência da **Ordem dos Advogados do Brasil** (OAB), entre 1977 e 1979, desempenhou um importante papel na redemocratização do país.

Na Polônia, sob regime comunista e ocupação soviética, o cineasta **Andrzej Wajda** (nascido em 1926) dirige *Cinzas e diamantes*, filme engajado que recusa o maniqueísmo do regime, expõe uma vigorosa desconfiança sobre o poder e a recusa em aceitar palavras de ordem automáticas. Iniciava-se uma longa resistência contra o regime, que irá até o surgimento do sindicato **Solidariedade**.

Liderado por **Lech Walesa** (nascido em 1943), o sindicato **Solidariedade** surgiu em 1980 e se transformou em núcleo de resistência contra a dominação comunista na Polônia. Sua ação influenciou fortemente sobre os países socialistas hegemonizados pela URSS, impulsionando as revoltas que levariam à derrubada do **Muro de Berlim**, em 1989, e às reformas de **Mikhail Gorbachev** (nascido em 1931).





José Celso Martinez Corrêa (nascido em 1937) cria, na faculdade de Direito da USP, um grupo de teatro que dará origem ao **Teatro Oficina**, um marco na história do teatro brasileiro. Um de seus maiores sucessos foi a montagem, em 1967, de **O rei da vela**, peça antropofágica escrita em 1937 por **Oswald de Andrade** (1890-1954).

1968,

Alexander Dubcek (1921-1992) e outros políticos checoslovacos desafiam o domínio soviético e iniciam a chamada **Primavera de Praga**, na expressão de seus próprios criadores, uma tentativa de criar um “socialismo com face humana”. Após breve período de democratização, o país é invadido pelas tropas do **Pacto de Varsóvia**, sob a liderança de Moscou.

Nos Estados Unidos, imensas manifestações reúnem jovens contra a **Guerra do Vietnã**. Pressionado pelos protestos, o presidente **Lyndon Johnson** (1908-1973) renuncia a uma indicação para um segundo mandato. No Vietnã, os vietcongs surpreendem as tropas americanas com a **Ofensiva do Tet** (ano novo lunar budista), infringindo pesadas perdas a suas tropas. Dois fortes oponentes da guerra, **Martin Luther King** (1929-1968), líder do movimento pelos direitos civis dos negros e Prêmio Nobel da Paz em 1964, e o senador **Robert Kennedy** (1925-1968), candidato à presidência, são assassinados.

Em 1963, **I have a dream**, o discurso mais famoso de Martin Luther King, pronunciado das escadarias do Lincoln Memorial, em Washington, tornou-se um marco na história da liberdade e da democracia.

Em Paris, após o fechamento da Faculdade de Filosofia de Nanterre-Paris, os jovens tomam as ruas. Iniciava-se a revolta do chamado **Poder Jovem**.



Stanley Kubric (1928-1999) filma **2001, Uma odisséia no espaço**, a partir da novela de **Arthur Clarke** (nascido em 1917), **A sentinela** (1948). Pela primeira vez, um filme aborda a revolução tecnológica e cibernética e o impacto da tecnologia sobre a liberdade do indivíduo. O supercomputador *Hall* surge como uma antevisão de uma ditadura tecnológica futurista. Em outro extremo, **Pier Paolo Pasolini** (1922-1975), anarquista radical, crítico da sociedade de consumo e da moral burguesa, filma **Teorema**, considerado um escândalo em vários países do mundo.

No Brasil, uma multidão marcha pelas ruas contra a ditadura militar, na passeata dos **Cem Mil**. Artistas, intelectuais, estudantes, padres mostram seu inconformismo com o regime.





A **MPB** participa intensamente da crítica política e social, exaltando a liberdade e a diferença. **Gilberto Gil** (nascido em 1942) e **Torquato Neto** (1944-1972) compõem **Geléia geral**, um amplo mosaico da cultura brasileira.

Poeta, escritor e jornalista dos mais destacados de sua geração, **Torquato Neto** participou ativamente de movimentos de vanguarda no Brasil, como o concretismo, o cinema marginal e a Tropicalia. Perseguido pela ditadura, marginalizado pela esquerda, ortodoxo, Torquato sente-se isolado e sem perspectivas de criação, suicidando-se aos 28 anos. Em um de seus textos, ele diz: *“Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela (...). Quem não se arrisca não pode berrar.”*

O mesmo Gil, desta feita com **Capinam** (nascido em 1941), traz ao público um canto de solidariedade aos povos do continente: **Soy loco por ti América**. Enquanto isso, estréia no **Teatro Princesa Isabel**, no Rio de Janeiro, a peça **Roda viva**, de **Chico Buarque de Hollanda** (nascido em 1944), sob a direção inovadora e libertária de **José Celso Martinez Corrêa** (nascido em 1937). Na montagem de São Paulo, um grupo de cerca de cem pessoas, do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), invadiu o **Teatro Galpão**, espancou os artistas e depredou o cenário.

No **III Festival Internacional da Canção**, promovido pela TV Globo, a composição de **Geraldo Vandré** (nascido em 1935), *Para dizer que não falei de flores*, explode como um hino de rebeldia anti-regime militar.

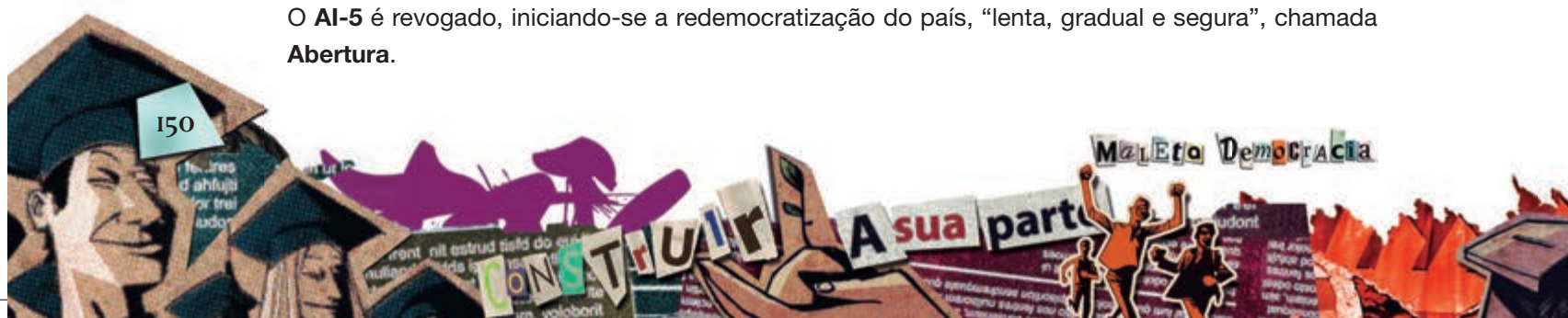
A junta militar edita o **AI-5**, que endureceu o regime, com a imposição da censura, a prisão dos dissidentes e a tortura.

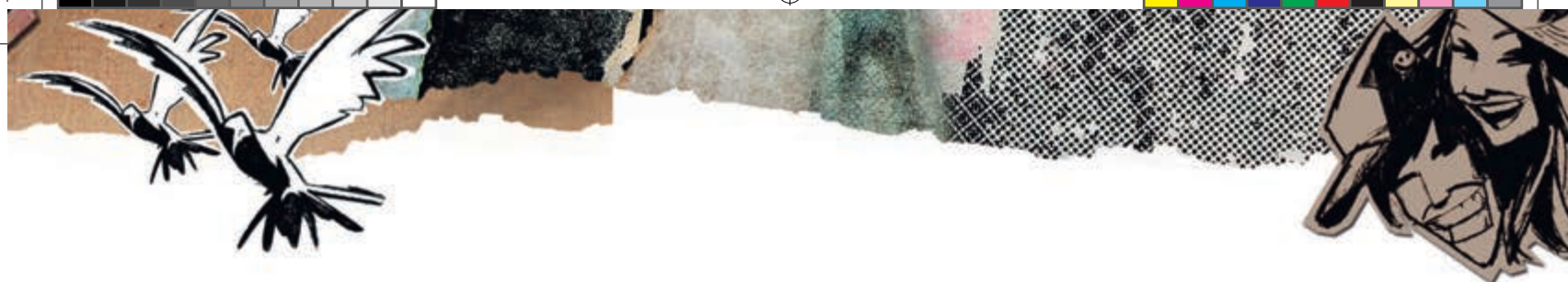
Morre, no Rio de Janeiro, uma das mais importantes vozes da crítica, do humor e da liberdade no país, o escritor **Sergio Porto** (1923-1968). Sergio, aliás, **Stanislaw Ponte Preta**, foi o inspirador do **Pasquim**, jornal libertário e que abriu caminho para a chamada **imprensa nanica** no Brasil, um dos focos de resistência à ditadura militar. O projeto surgiu em 1968, mas o jornal só foi editado a partir de 1969, sob o comando de **Tarso de Castro** (nascido em 1941), **Jaguar** (nascido em 1932) e **Sergio Cabral** (nascido em 1937), tornando-se rapidamente uma importante trincheira contra a ditadura e, simultaneamente, uma vitrine das idéias e costumes da Geração 68.

1978,

Após uma sucessão de greves no **ABC paulista**, inéditas no regime militar, emerge o novo sindicalismo brasileiro e, com ele, um novo líder sindical e político, **Luis Inácio Lula da Silva** (nascido em 1945).

O **AI-5** é revogado, iniciando-se a redemocratização do país, “lenta, gradual e segura”, chamada **Abertura**.





Na **Indochina**, cai o regime do **Khmer Vermelho**, brutal ditadura stalinista, e surgem relatos terríveis sobre os chamados “campos da morte”, onde milhões de cambojanos inocentes foram mortos.

A redemocratização do Brasil reúne jovens, intelectuais e artistas numa ampla frente contra o regime militar. A resistência cultural é extremamente ativa. **Chico Buarque de Hollanda** (nascido em 1944) e **Gilberto Gil** (nascido em 1942) compõem **Cálice**, uma denúncia contra a censura e a opressão política. A canção é proibida. O poeta **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987) enfrenta a censura e publica a letra em sua coluna de jornal, na íntegra. **Milton Nascimento** (nascido em 1942) e **Fernando Brant** (nascido em 1946) compõem **Maria, Maria**, expressando a emergência das lutas específicas, no caso, a condição feminina, no âmbito das lutas gerais pela democracia.



1988,

Mikhail Gorbachev (nascido em 1931) assume plenos poderes na URSS e inicia o desmonte do regime comunista no país. Uma das principais medidas adotadas pelo governante foi o abandono da chamada **Doutrina Breznev** que limitava a liberdade nos países da Europa Oriental. Em 1988, com a superação da dominação soviética, abriu-se o caminho para a derrubada do **Muro de Berlim**, em 1989.

Redemocratizado, o Brasil possui uma nova constituição, denominada **Constituição Cidadã**. **Ulysses Guimarães** (1916-1992), líder da resistência política contra o regime militar, e presidente da Assembleia Constituinte, é o inspirador do novo regime de direito no país.

Chico Mendes (1944-1988), morto em defesa da preservação ambiental, torna-se o grande símbolo da luta ecológica no país.



1998,

Relatório da **Comissão da Verdade e Justiça**, sob a direção do bispo **Desmond Tutu** (nascido em 1931), na África do Sul, torna-se o paradigma das ações de memória sobre os regimes ditatoriais vigentes durante a Guerra Fria.

O ditador **Augusto Pinochet** (1915-2006) é preso na Inglaterra por crimes contra a humanidade. Embora tenha sido posteriormente libertado, sua prisão criou um poderoso precedente, mostrando que ditadores não estão mais a salvo.







FILMES

Adeus Lênin (Alemanha, 2003)

Direção: WOLFGANGER BECKER

Em 1989, pouco antes da queda do muro de Berlim, a senhora Kerner (Katrin Sab) passa mal, entra em coma e assim permanece durante os dias que marcaram o triunfo do regime capitalista. Quando desperta, em meados de 1990, sua cidade, Berlim Oriental, está sensivelmente modificada. Seu filho Alexander (Daniel Brühl), temendo que a excitação causada pelas drásticas mudanças possa lhe prejudicar a saúde, decide esconder-lhe os acontecimentos. Enquanto sua mãe permanece acamada, Alex não tem muitos problemas, mas quando ela pede para assistir à televisão ele precisa recorrer à ajuda de um amigo, diretor de vídeos.

A fraternidade é vermelha (França, 1994)

Direção: KRYSZTOF KIESLOWSKI

Ao salvar um cachorro de um acidente de carro, a modelo Valentine Dussault (Irène Jacob) conhece, por acaso, um juiz aposentado (Jean-Louis Trintignant), o dono do bichinho. Amargurado, ele passa os dias escutando as conversas telefônicas de seu vizinho, às escondidas. Uma estranha cumplicidade se estabelece entre os dois. No fim do filme, uma reviravolta revela os destinos dos personagens de todas as três partes da trilogia.

A igualdade é branca (França, 1994)

Direção: KRYSZTOF KIESLOWSKI

Após se divorciar de sua mulher, que é francesa, Karol, um cabeleireiro polonês, fica sem dinheiro e passaporte. De volta a Varsóvia com a ajuda de um compatriota, ele decide vingar-se da ex-mulher. Sua meta é conseguir dinheiro suficiente para colocar o seu plano em ação. Mas Karol não contava com o amor, que se torna um obstáculo ao sucesso de seu projeto.

A liberdade é azul (França, 1993)

Direção: KRYSZTOF KIESLOWSKI

Primeiro filme de trilogia na qual o diretor usa como temas as cores e os lemas nacionais da França: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Depois de perder o marido e a filha em acidente de carro a modelo Julie (Juliette Binoche) decide deixar tudo para trás e recomeçar a vida incógnita, longe de sua antiga casa. Aos poucos, ela descobre que a música ainda faz parte de sua história e reaprende a viver.



A maçã (França/Irã, 1998)

Direção: SAMIRA MAKHMALBAF

Na parte sul de Teerã, diversas mulheres se unem para denunciar seus maridos ao Serviço Social por não permitirem que seus filhos saiam de casa. Encarregado da investigação, um assistente social descobre duas meninas gêmeas que vivem trancadas há 11 anos. O pai se justifica dizendo que a mulher é como uma flor e, portanto, deve ser mantida longe do sol. A mãe, que é cega, apóia a decisão do marido. A história é real. Com seu filme, a diretora, que tinha apenas 18 anos quando o fez, mostra a força das mulheres iranianas que lutam contra todas as formas de autoritarismo, seja político, cultural ou religioso.

A vida dos outros (Alemanha, 2006)

Direção: FLORIAN HENCKEL VON DONNERSMARCK

Em 1984, cinco anos antes da queda do Muro, o governo de Berlim Oriental mantém o poder com a ajuda da temida Stasi, a polícia secreta. O fiel agente Gerd Wiesler (Ulrich Mühe, em atuação memorável), até então um funcionário exemplar, recebe a incumbência de vigiar o dramaturgo Georg Dreyman (Sebastian Koch) e sua namorada, a atriz Christa-Maria Sieland (Martina Gedeck), ambos integrantes da elite intelectual do país. Ao observá-los, Wiesler descobre um novo mundo, em que a arte e o amor estão presentes, e passa a protegê-los. O filme conquistou o Oscar 2007 de filme estrangeiro.

A vocação do poder (Brasil, 2005)

Direção: EDUARDO ESCOREL E JOSÉ JOFFILY

Desde as convenções partidárias até a apuração dos votos, o filme apresenta um panorama das ações de seis candidatos a vereador pelo Rio de Janeiro, nas eleições de 2004.

Boa noite, e boa sorte (EUA, 2005)

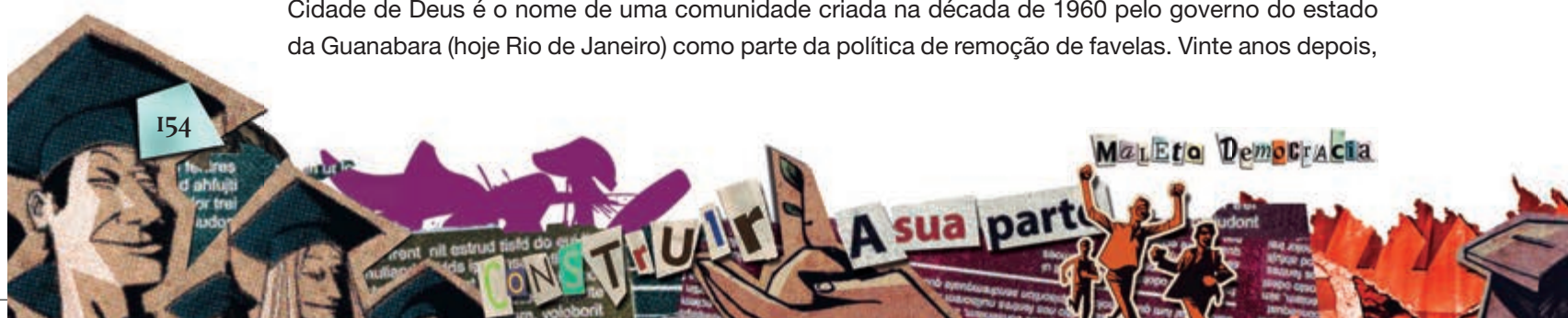
Direção: GEORGE CLOONEY

A ação se passa nos anos 1950, quando o senador Joseph McCarthy promoveu uma operação de “caça às bruxas”, conhecida como McCartismo. Sem qualquer prova, inúmeros cidadãos americanos, entre eles políticos, artistas e intelectuais foram acusados de comunistas e, por isso, perseguidos. O filme conta a história do jornalista Edward R. Murrow, âncora da rede CBS, que combate sem tréguas as idéias do senador, acabando por levar à sua queda.

Cidade de Deus (Brasil, 2002)

Direção: FERNANDO MEIRELLES

Cidade de Deus é o nome de uma comunidade criada na década de 1960 pelo governo do estado da Guanabara (hoje Rio de Janeiro) como parte da política de remoção de favelas. Vinte anos depois,





transformou-se num dos pontos mais perigosos da cidade. A história do lugar, e a guerra que se instala entre duas facções rivais do tráfico de drogas, é contada a partir do ponto de vista de Buscapé, menino negro e pobre que vive amedrontado com a idéia de se transformar em bandido. Por acaso, vira fotógrafo, o que será sua libertação.

Crianças invisíveis (Itália, 2005)

Direção: MEHDI CHAREF, KÁTIA LUND, JOHN WOO, EMIR KUSTURICA, SPIKE LEE, JORDAN SCOTT, RIDLEY SCOTT E STEFANO VENERUSO

A preocupante situação das crianças no mundo levou oito diretores, de diferentes nacionalidades, a investir nesse projeto coletivo. Os sete curtas mostram meninos e meninas coletando sucata nas ruas de São Paulo ou roubando para viver em Nápoles e no interior da Sérvia. Diante dessa dura realidade, crescer muito cedo acaba sendo a única saída.

Eleição (EUA, 1999)

Direção: ALEXANDER PAYNE

Uma sátira à ambição e à busca pelo poder dentro de uma escola americana. Com Matthew Broderick e Reese Whitherspoon no elenco. Recebeu uma indicação ao Oscar de Melhor Roteiro Original.

Entreatos (Brasil, 2004)

Direção: JOÃO MOREIRA SALLES

O filme registra os bastidores de um momento histórico: a campanha à presidência da República de Luís Inácio Lula da Silva, no período de 25 de setembro a 27 de outubro de 2002. Conversas privadas, reuniões estratégicas, telefonemas, traslados, gravações de pronunciamentos e programas eleitorais são exibidos com exclusividade.

Evita (EUA, 1996)

Direção: ALAN PARKER

Biografia musical de Evita Duarte, ou Eva Perón (vivida por Madonna), maior ícone do peronismo. O filme mostra a trajetória dessa atriz argentina que se torna esposa do presidente do país, o ditador Juan Perón, e acaba se transformando em uma das figuras mais controversas do país, igualmente amada e odiada.





Fahrenheit 11 de setembro (EUA, 2004)

Direção: MICHAEL MOORE

Michael Moore investiga as causas e conseqüências dos atentados de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos. O diretor, que escreveu e estrelou o documentário, procura, também, decifrar supostas ligações entre as famílias do presidente George W. Bush e de Osama Bin Laden. Um filme polêmico e provocativo, como todos os trabalhos de Moore.

Gabbeh (França/Irã, 1995)

Direção: MOHSEN MAKHMALBAF

Gabbeh é o nome de um tapete persa muito especial: não existem dois modelos iguais. Os motivos representados nas peças refletem o cotidiano dos artesãos, mas a tribo nômade do sudeste do Irã na qual ele é confeccionado está à beira da extinção. Enquanto lava um gabbeh à beira de um rio, uma velha narra como um dos últimos exemplares foi tecido por uma jovem chamada Gabbeh. Os motivos do tapete reproduzem sua história de amor.

Hotel Ruanda (África do Sul, 2004)

Direção: TERRY GEORGE

O filme faz um retrato devastador da guerra civil em Ruanda, em 1994, e se baseia na história real de um gerente de hotel de Kigali, capital do país, que abrigou e salvou mais de mil pessoas das etnias tutsi e hutu. Em apenas cem dias, morreram quase 1 milhão de pessoas no conflito.

JFK (EUA, 1991)

Direção: OLIVER STONE

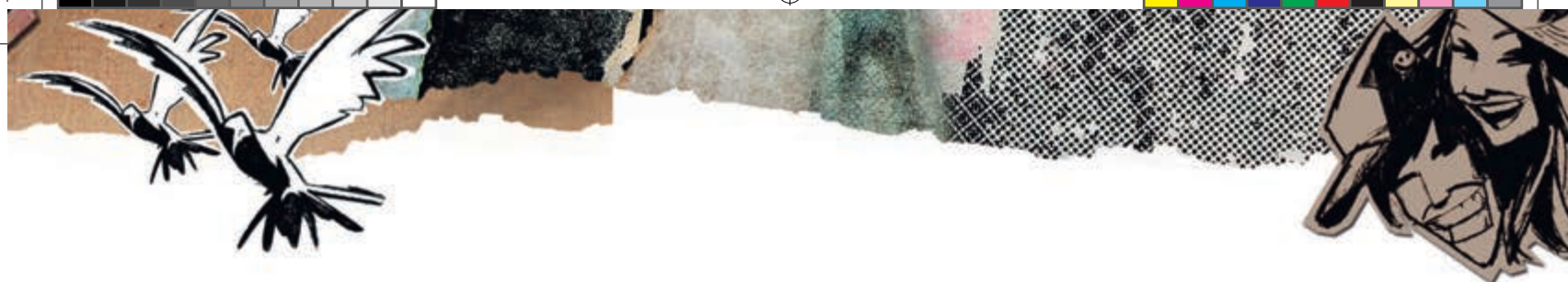
O promotor Jim Garrison (Kevin Costner) não se satisfaz com o resultado do inquérito policial que concluiu ser Lee Harvey Oswald o assassino do presidente John Kennedy. Para provar sua teoria de que houve um complô, do qual participaram revolucionários cubanos, a CIA e até a cúpula do governo americano, ele não mede esforços. No elenco, Gary Oldman, Sissy Spacek e Jack Lemmon, entre outros.

Kansas City (EUA, 1996)

Direção: ROBERT ALTMAN

Após dar um golpe num gangster, um ladrão é capturado. Para livrá-lo da cadeia, sua namorada apela a um senador influente que nega ajuda. Desesperada, ela planeja seqüestrar a esposa do político para libertar o namorado. No elenco, Jennifer Jason Leigh, Harry Belafonte, Steve Buscemi e Miranda Richardson.





Luar sobre Parador (EUA, 1988)

Direção: PAUL MAZURSKY

Na véspera das eleições na República de Parador o general-ditador morre. Seu chefe de gabinete convence um sócia (Richard Dreyfuss), que é ator, a assumir o lugar dele. A amante do ditador, Madonna (Sônia Braga), o encoraja a tirar partido da situação.

Machuca (Chile, 1973)

Direção: ANDRÉS WOOD

De família rica, Gonzalo Infante (Matías Quer) estuda no mais conceituado colégio de Santiago. Inspirado no governo de Salvador Allende, o diretor da instituição, padre McEnroe (Ernesto Malbran), decide permitir a entrada de alunos pobres na escola, como Pedro Machuca (Ariel Mateluna). Assim como outros estudantes de origem humilde, ele se sente deslocado em meio aos demais alunos. Durante uma briga, é imobilizado. Os estudantes pedem a Gonzalo que o agrida, mas ele se recusa e ainda o ajuda a fugir. A partir desse momento, os dois garotos se tornam amigos, apesar da grande diferença de classes sociais.

Mera coincidência (EUA, 1997)

Direção: BARRY LEVINSON

Candidato à reeleição, o presidente dos Estados Unidos se envolve num escândalo sexual duas semanas antes do pleito. Para distrair a atenção da imprensa, sua assessora, Winifred Ames (Anne Heche), contrata um dos melhores profissionais de marketing, Conrad Bream (Robert de Niro) para plantar notícias sobre uma suposta guerra contra a Albânia. Interessante discussão sobre o poder da mídia na atualidade, o filme tem Dustin Hoffman no elenco. O ator recebeu uma indicação ao Oscar pelo papel.

O gosto da cereja (França/Irã, 1997)

Direção: ABBAS KIAROSTAMI

Por muitos considerado o melhor filme do diretor, *O gosto da cereja* narra a história de um cinquentão, Badii, que perambula pelos arredores de Teerã em busca de alguém que aceite ajudá-lo numa missão delicada: enterrá-lo depois que ele se suicidar. Dirigindo pelas montanhas, ele encontra todo tipo de gente: afegãos, curdos, prisioneiros do deserto, um estudante e um funcionário de museu. Todos recusam a oferta, seja por medo ou por crença religiosa: o suicídio é considerado abominável na sociedade em que Badii vive. Depois de muito rodar, ele encontra um turco que tentou se suicidar no passado.





Olga (Brasil, 2004)

Direção: JAYME MONJARDIM

Judia alemã, Olga Benário (Camila Morgado) é militante comunista desde jovem. Perseguida pela polícia, ela foge para Moscou, onde faz treinamento militar e é encarregada de acompanhar Luís Carlos Prestes (Caco Ciocler) ao Brasil para liderar a Intentona Comunista de 1935. Durante a viagem, os dois se apaixonam. Com o fracasso da revolução, Olga é presa junto com Prestes. Mesmo grávida de sete meses, é deportada pelo governo Vargas para a Alemanha nazista. Sua filha Anita Leocádia nasce na prisão e Olga é enviada para o campo de concentração de Ravensbrück, onde é assassinada. Baseado no livro homônimo de Fernando Morais.

O que é isso, companheiro? (Brasil, 1997)

Direção: BRUNO BARRETO

Em 1968, quatro anos após o golpe militar, o presidente Costa e Silva promulga o Ato Institucional nº 5 que acaba de vez com a liberdade de imprensa e os direitos civis. Muitos estudantes aderem à luta armada e entram para a clandestinidade. Em 1969, militantes do MR-8 seqüestram o embaixador dos Estados Unidos (Alan Arkin) para trocá-lo por prisioneiros políticos. Baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira.

Os sonhadores (EUA/França/Itália, 2003)

Direção: BERNARDO BERTOLUCCI

Atraídos por uma paixão em comum, o cinema, dois irmãos franceses Isabelle (Eva Green) e Theo (Louis Garrel) convidam Matthew (Michael Pitt), estudante americano, para ficar em seu apartamento. Alheios à revolta estudantil que toma conta das ruas da cidade, em 1968, os três testam seus limites e se arriscam em jogos psicológicos.

O último imperador (Inglaterra/Itália/França, 1987)

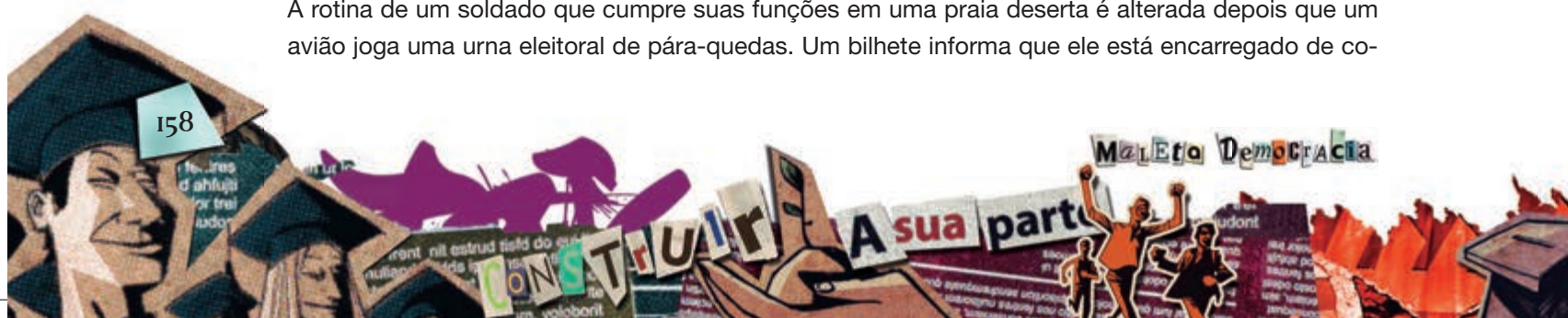
Direção: BERNARDO BERTOLUCCI

A dramática história de Pu Yi (John Lone), declarado imperador aos três anos de idade, e que viveu enclausurado na Cidade Proibida até ser deposto pelo governo revolucionário, aos 24 anos. Vencedor de vários prêmios Oscar, incluindo a categoria Melhor Filme.

O voto é secreto (Canadá/Irã/Itália/Suiça, 2001)

Direção: BABAK PAYAMI

A rotina de um soldado que cumpre suas funções em uma praia deserta é alterada depois que um avião joga uma urna eleitoral de pára-quadras. Um bilhete informa que ele está encarregado de co-





letar os votos dos cidadãos da ilha, junto com uma agente do governo. Ao cumprir a tarefa, eles se deparam com situações engraçadas, difíceis ou pitorescas.

Persépolis

Direção: MARJANE SATRAPI

Em 1979, quando a Revolução Islâmica tomou as ruas de Teerã, a autora tinha apenas dez anos. De família liberal e tradições comunistas, ela não conseguiu se adaptar às mudanças radicais que se sucederam, como o uso obrigatório do véu, a perseguição a amigos e parentes que discordavam do novo regime e, principalmente, a proibição de ouvir suas bandas preferidas como Bee Gees e Iron Maiden. Tudo isso é relatado em *Persépolis*, animação distinguida com um prêmio especial em Cannes. De forma crítica e bem-humorada, Marjane narra sua infância em Teerã, a ascensão do regime dos aiatolás e o início da guerra Irã-Iraque. Também conta sobre a vida em Viena, capital da Áustria, para onde seus pais a enviam para estudar e fugir à repressão em seu país.

Rainha Margot (França, 1994)

Direção: PATRIC CHÉREAU

Na França do século XVI, o casamento entre uma católica e um protestante tem o objetivo de acabar com as disputas religiosas locais, mas termina desencadeando um violento massacre. Com Isabelle Adjani, Daniel Auteuil e Virna Lisi.

RAN (Japão/França, 1985)

Direção: AKIRA KUROSAWA

No século XVI, no Japão, o chefe do clã dos Ichimonjis decide dividir seus bens entre seus filhos, dando início a uma disputa sangrenta entre os irmãos, até um desfecho trágico. Vencedor do Oscar de Melhor Figurino.

Segredos e mentiras (França/Inglaterra, 1996)

Direção: MIKE LEIGH

Quando sua mãe adotiva morre, Hortense (Marianne Jean-Baptiste), uma mulher negra de 27 anos, decide procurar sua mãe biológica. E fica muito surpresa ao descobrir que ela é branca e tem outra filha de 20 anos, Roxanne, com quem vive. Apesar de ter se passado tanto tempo, e de tudo o que as separa, um laço genuíno de confiança e amor cresce entre elas, pouco a pouco.





Sem fim (Polônia, 1985)

Direção: KRZYSZTOF KIESLOWSKI

O filme se passa em 1982, durante a crise política polonesa. De um lado, mostra a tristeza e a dor de uma mulher que perdeu seu marido, e sua luta pela superação. Ao mesmo tempo, conta a história de um preso político que luta pela sua liberdade.

Terra em transe (Brasil, 1967)

Direção: GLAUBER ROCHA

Um dos precursores do Cinema Novo, e considerado o mais importante trabalho do diretor, o filme se passa num país fictício, Eldorado, onde diversas forças políticas lutam pelo poder. As semelhanças com o momento político vivido por muitos países latino-americanos, inclusive o Brasil, à época, uma ditadura, fizeram com que enfrentasse problemas com a censura. No elenco, Jardel Filho, Paulo Autran, José Lewgoy, Glaucê Rocha, Paulo Gracindo e Hugo Carvana, entre outros.

Todos os homens do presidente (EUA, 1976)

Direção: ALAN J. PAKULA

Versão cinematográfica do livro dos jornalistas Bob Woodward (Robert Redford) e Carl Bernstein (Dustin Hoffman) que, ao investigar a invasão da sede do partido democrata americano, dão origem ao escândalo Watergate que levou à renúncia do presidente Richard Nixon.

Um poquito de tanta verdade (México, 2006)

Produção: CORRUGATED FILMS E MAL DE OJO TV

O filme retrata o levante popular ocorrido em Oaxaca, ao sul do México, que chegou a ser comparado à Comuna de Paris, por sua dimensão. No verão de 2006, dezenas de milhares de professores, donas-de-casa, integrantes de comunidades indígenas, trabalhadores da saúde, agricultores e estudantes tomaram 14 emissoras de rádio e uma de televisão para organizar e mobilizar a população na luta em prol de justiça social, cultural e econômica.

Z (França/Argélia, 1969)

Direção: COSTA-GAVRAS

Denuncia a violência da ditadura na Grécia, a partir do assassinato de um político liberal, vivido por Yves Montand. Com a ajuda de uma rede de corrupção que se estende da polícia ao exército, o governo tenta simular um acidente. O filme deu destaque internacional a seu diretor, Costa-Gravas.





Fontes de consulta: www.adorocinema.com.br
www.cineplayers.com.br
www.interfilmes.com.br
www.melhoresfilmes.com.br
www.cinema.uol.com.br

LIVROS

A democracia interrompida

Gláucio Ary Dillon Soares • EDITORA FGV

Clássico da análise política no Brasil, o livro traz um estudo sistemático sobre o sistema partidário nacional. O foco do trabalho é o período compreendido entre 1945 e 1964, durante o qual o país experimentou grande progresso econômico. O leitor tem a oportunidade de examinar a atuação dos partidos políticos, as eleições, coligações, divisões de classe e de raça e o golpe militar que decretou o fim do regime democrático.

A era dos direitos

Norberto Bobbio • EDITORA CAMPUS

Coletânea de artigos selecionados pelo autor, escritos ao longo de anos. Em onze ensaios, Norberto Bobbio defende a necessidade de se assegurar o reconhecimento e a proteção aos direitos do homem, indispensáveis à democracia e à paz.

A revolução dos bichos

George Orwell • CIA. DAS LETRAS

Numa leitura menos atenta, *A revolução dos bichos* pode parecer apenas uma genial sátira à ditadura stalinista. Mas o livro vai além. Mais de sessenta anos depois, essa alegoria sobre as fraquezas humanas, que põem a perder grandes projetos políticos revolucionários, mantém o mesmo vigor. Para compor sua fábula, Orwell recorre a personagens animais. Publicada em 1945, quando os soviéticos ainda eram aliados do Ocidente, causou grande repercussão. Não por acaso, foi recusada por várias editoras.

Casa-grande e senzala

Gilberto Freyre • EDITORA GLOBAL

Considerada uma obra fundamental para a compreensão da origem e da formação do brasileiro, *Casa-Grande e Senzala* foi o primeiro livro publicado pelo sociólogo Gilberto Freyre, em 1933. O cenário é a casa-grande, na qual convivem não só o patriarca e sua família, como também negros e índios, experiência narrada pelo autor e que marcaria para sempre os estudos sociológicos. Os cos-





tumes públicos e privados, a religiosidade e a vida doméstica retratados no livro revelam um painel rico e envolvente da formação brasileira no período colonial.

Cidadania no Brasil: o longo caminho

José Murilo de Carvalho • EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

O historiador traça um panorama da construção da cidadania no Brasil, desde a Independência, em 1922, até a atualidade. Mostra que se trata de um fenômeno complexo, e que a liberdade não leva, necessariamente, a uma diminuição dos problemas sociais.

Coleção Primeiros Passos

O que é democracia?

Denis L. Rosenfield • EDITORA BRASILIENSE

Em nosso século, pensar a democracia tornou-se uma questão vital para todos aqueles que se interessam pela construção de uma sociedade livre e justa. Nos países cujos dirigentes são eleitos pelo voto popular, a democracia é mais do que nunca uma pergunta – e uma resposta – que diz respeito ao nosso futuro de homens livres e responsáveis. No livro, o autor mostra como ela terminou por confundir-se com o próprio destino da humanidade.

O que são direitos humanos?

João Ricardo W. Dornelles • EDITORA BRASILIENSE

O livro apresenta um estudo sintético das principais lutas políticas que, nos últimos dois séculos, vêm garantindo (ou não) direitos às pessoas; as diferentes concepções do que seriam direitos fundamentais e o que se pode fazer para a defesa dos direitos de cada um.

O que são direitos humanos das mulheres

Maria Amélia de Almeida Teles • EDITORA BRASILIENSE

A proposta do livro é introduzir a disciplina dos direitos das mulheres no currículo do curso de Direito, sob a perspectiva de gênero, contribuindo para formar profissionais comprometidos com a transformação e a justiça social. A inclusão da disciplina visa a sistematizar o currículo e a reorganizá-lo de modo que o tema faça parte de todas as matérias, contribuindo para a formação de profissionais alinhados com uma cultura de respeito à diversidade, valorização dos direitos humanos universais, solidariedade e afirmação do direito à diferença e à equidade. A medida ajudaria a combater a dominação patriarcal, o racismo, a xenofobia, o sexismo e todas as formas de discriminação.





Como nossa sociedade realmente funciona

Tarcisio Cardieri (organizador) • EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX

O livro é uma primeira tentativa, ainda que tímida, de entender o mecanismo que faz a sociedade funcionar, incluindo os acordos subterrâneos e a corrupção. Parte da premissa de que é preciso levar em conta a realidade como ela é, para fazer as mudanças necessárias no sistema político-econômico-social, beneficiando a todos.

Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania

Cecilia Peruzzo • EDITORA VOZES

A obra resgata experiências pioneiras de televisão comunitária no Brasil e enfatiza a participação social na programação e na gestão desses canais. A autora mostra de que maneira as iniciativas comunitárias se estruturam, identificando-as como um novo formato de meio de comunicação público.

Democracia econômica – Alternativas de gestão social

Ladislau Dowbor • EDITORA VOZES

O domínio da economia sobre todas as outras esferas, inclusive a política, exige que os processos de decisão sejam repensados. O autor lembra que não basta ter um regime democrático se decisões essenciais sobre nossas vidas, nossos valores e nosso futuro são tomadas por gigantes corporativos, sobre os quais não se tem nenhum controle. As corporações manejam orçamentos maiores do que a maior parte dos governos do planeta. Ninguém elege os seus líderes. Nas principais cadeias produtivas, um grupo restrito de empresas domina o mercado, impõe os preços e constrói, por meio da publicidade e do controle da mídia, uma imagem positiva de sua organização. A democratização da economia desponta como tema central.

Democracia econômica – Um passeio pelas teorias

As diversas teorias que surgem sobre as alternativas econômicas na literatura internacional são o tema deste ensaio que dialoga com a obra de Celso Furtado e mostra que há uma nova visão em construção. O texto aponta a existência de um problema central de governança, da forma como nos organizamos para fazer a sociedade funcionar. No plano político, a democracia representou um avanço considerável mas, no mundo econômico, continuamos a aplicar regras que não podem ser chamadas de democráticas.

Disponível em: <http://www.dowbor.org/livros.asp>





Democracia participativa e redistribuição: análises de experiências de orçamento participativo

Roberto Pires, Adalmir Marquetti Geraldo Adriano de Campos • EDITORA XAMÃ

O livro analisa o orçamento participativo no Brasil, apresenta seis casos de democracia participativa e compara essas experiências com métodos homogêneos, mostrando a importância dos efeitos redistributivos gerados por inovações institucionais democráticas e participativas.

Democratizar a democracia

Boaventura de Sousa Santos • EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Coletânea de ensaios que trata da democracia participativa, uma alternativa viável à democracia representativa ou neoliberal. São apresentadas experiências bem-sucedidas no Brasil, Colômbia, Portugal, África do Sul, Moçambique e Índia.

Donos do poder: formação do patronato político brasileiro

Raymundo Faoro • EDITORA GLOBO

De autoria do jurista Raymundo Faoro, um dos maiores pensadores que o Brasil já teve, o livro é um clássico da sociologia. Fundamental para a compreensão da formação social e política brasileira, a obra abrange desde a Revolução Portuguesa do século XIV até a Revolução de 1930 no Brasil. O autor demonstra como o país foi, desde o início, governado por uma “comunidade burocrática” que acabou por frustrar o desenvolvimento de uma nação independente.

Elite da tropa

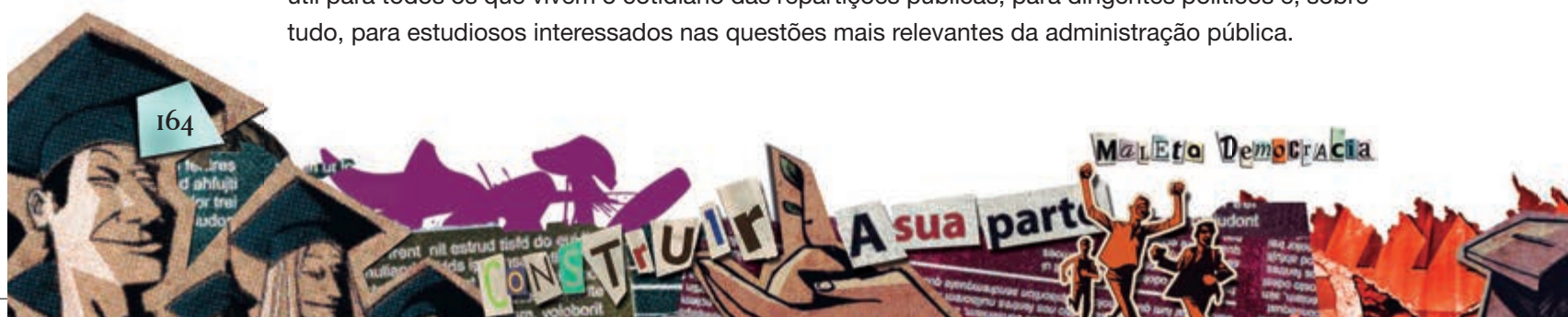
André Batista, Rodrigo Pimentel, Luis Eduardo Soares • EDITORA OBJETIVA

Pela primeira vez, um livro revela o cotidiano dos policiais que enfrentam o crime em favelas e redutos de traficantes no Rio de Janeiro, seus hábitos, medos e desafios. Com base em experiências reais, os autores criaram uma ficção de ritmo arrebatador que mostra a realidade dessa “guerra” diária, na qual a única lei é a da sobrevivência. A obra é assinada por uma das maiores autoridades brasileiras em segurança pública, o antropólogo Luiz Eduardo Soares, e por dois policiais, André Batista e Rodrigo Pimentel.

Estado, democracia e administração pública no Brasil

Marcelo Douglas de Figueiredo Torres • EDITORA FGV

Instituições políticas, descentralização, controle social, *accountability*, reformas, transparência, tecnologia da informação, sociedade civil e governabilidade são alguns dos temas analisados, resultando em uma visão integrada e, ao mesmo tempo, multifacetada da burocracia estatal brasileira. Leitura útil para todos os que vivem o cotidiano das repartições públicas, para dirigentes políticos e, sobretudo, para estudiosos interessados nas questões mais relevantes da administração pública.





Globalização, democracia e terrorismo

Eric Hobsbawm • CIA. DAS LETRAS

Autor do clássico *Era dos extremos*, e considerado um dos maiores historiadores vivos, Eric Hobsbawm apresenta uma coletânea de dez palestras e conferências, nas quais faz um balanço dos principais temas da política internacional contemporânea. Embora abrangendo um amplo conjunto de assuntos – imperialismo, nacionalismo e hegemonia, ordem pública, poder da mídia, mercado e democracia, entre outros – a obra foca na análise da situação mundial no início do novo milênio. O autor considera remotas as perspectivas de uma paz mundial sólida no século XXI. Hobsbawm ressalta o forte crescimento das desigualdades econômicas e sociais e dos desequilíbrios ambientais e políticos trazidos pela globalização baseada no conceito do mercado livre. Também critica a atuação do governo americano, tanto do ponto de vista econômico-financeiro quanto do político-militar.

Governabilidade e democracia natural

Wanderley Guilherme dos Santos • EDITORA FGV

O livro aborda o mundo da competição eleitoral e procura responder a diversas perguntas sobre o tema. Qual a finalidade da existência de tantos partidos? Como os países democráticos mantêm a governabilidade, mesmo convivendo com tantas legendas? O autor mostra o que há por trás das questões do dia-a-dia da política, dando ao leitor a oportunidade de formar a sua opinião.

Mídia: teoria e política

Venício Artur de Lima • EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

O livro dialoga com as teorias da comunicação e lança um olhar crítico sobre o processo de privatização das comunicações no país. O autor também analisa o papel da televisão na política brasileira e apresenta conceitos para a compreensão da centralidade da mídia no mundo contemporâneo.

Multidão: guerra e democracia na era do império

Antonio Negri e Michael Hardt • EDITORA RECORD

Na era do imperialismo americano, como anda o imperialismo? A guerra unilateral contra o terrorismo, promovida pelos Estados Unidos, seria uma prova de que ele continua vivo e atuante? Essa é a questão que os autores debatem em seu novo livro. Para eles, os fracassos do projeto americano confirmam que a única maneira de ricos e poderosos preservarem seus interesses e assegurarem a ordem global é estabelecer uma ampla colaboração entre as potências dominantes, numa nova forma de Império.





O banqueiro dos pobres

Muhammad Yunus e Alan Jolis • EDITORA ÁTICA

O livro relata a experiência bem-sucedida do indiano Muhammad Yunus, que fundou o Banco Grameen, em Bangladesh, para emprestar dinheiro à população carente de seu país. A iniciativa, que demonstrou ser viável do ponto de vista financeiro, além de forte aliada no combate à pobreza, foi copiada no mundo inteiro. Em vez de se deixar levar pela frieza das regras do universo financeiro, Yunus preferiu valorizar as pessoas e sua cultura, numa tentativa de lhes oferecer uma oportunidade de ganhar o próprio sustento.

Onde está a democracia?

José Eisenberg e Thamy Pogrebinski • EDITORA UFMG

Apresenta a leitores jovens o funcionamento da democracia brasileira e de suas instituições, explicando, em linguagem simples e acessível, alguns dos conceitos básicos da ciência política. Com bom humor, as ilustrações dos cartunistas Adão Iturusgarai e Laerte enriquecem o texto e ajudam os autores a discorrer sobre o processo político-democrático brasileiro.

O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil

Darcy Ribeiro • CIA. DAS LETRAS

Em 1964, ao chegar ao exílio no Uruguai, Darcy Ribeiro começou um extenso trabalho de pesquisa, concluído em 1995, e que tinha como objetivo responder à pergunta: por que o Brasil ainda não deu certo? Para compor o livro painel sobre a formação do povo brasileiro, sua obra mais ambiciosa, ele pesquisou desde as diversas etnias que deram origem aos núcleos populacionais originais, até os regionalismos, o sistema de propriedade fundiária e o regime de trabalho.

O que é democracia?

Simone Goyard-fabre • EDITORA MARTINS FONTES

A democracia nasceu na Grécia antiga. Mais do que um regime político, ela passou a designar um modelo de sociedade que contém, em sua essência, o signo da ambivalência. Rica em esperanças, a democracia representa, para o homem, uma promoção política. Lentamente, demarcou a conquista da liberdade dos povos e tornou possível o reconhecimento dos direitos humanos. Mas, nos dias atuais, uma crise endêmica particularmente grave paira sobre ela.





Os mais perversos da história

Miranda Twiss • EDITORA PLANETA

A obra é um estudo sobre as manifestações do mal, desde o nascimento de Calígula, no Império Romano, em 12 d.C., ao genocídio do povo cambojano, nos anos 1980. Foram destacados dezesseis personagens, entre homens e mulheres, que ganharam notoriedade por seu poder e violência, como Hitler, Stálin, os ditadores Pol Pot e Idi Amin, entre outros. A escritora observa que, apesar de seus terríveis atos, a maioria deles não enfrentou a Justiça.

Qual democracia?

Francisco Weffort • CIA. DAS LETRAS

O autor examina a possibilidade de consolidação da democracia no Brasil e em outros países da América Latina que se defrontam com enormes disparidades socioeconômicas e sinais de fragmentação do tecido social. Segundo ele, as “novas democracias”, surgidas após a falência dos regimes autoritários, não saem ilesas dessa crise generalizada, mostrando-se “condenadas a uma instabilidade crônica que as obriga a viver na fronteira da regressão autoritária”. O livro procura identificar as perspectivas capazes de assegurar as conquistas alcançadas e resgatar o sentido de viabilidade nacional.

Raízes do Brasil

Sergio Buarque de Holanda • CIA. DAS LETRAS

Entre outros temas, o livro aborda a incapacidade do brasileiro de separar vida pública e vida privada. O autor apresenta uma interpretação original para a decomposição da sociedade tradicional brasileira e o aparecimento de novas estruturas políticas e econômicas. Numa visão inovadora, introduz os conceitos de patrimonialismo e burocracia para explicar os novos tempos.

Sobre ética e economia

Amartya Sen • EDITORA CIA. DAS LETRAS

Primeiro livro publicado no Brasil do economista e filósofo indiano Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia em 1998, a obra sintetiza as principais idéias desenvolvidas pelo autor, sobretudo no que se refere à chamada “economia do bem-estar”. Em seus estudos, Sen mostra que as verdadeiras causas da pobreza (e da fome) não são eliminadas pelos *booms* econômicos e conseqüentes aumentos da renda média. Para ele, o “desenvolvimento humano” envolve muitos outros fatores. O escritor defende que a teoria econômica e a ética podem e devem caminhar juntos.

Fontes de consulta: sites das editoras





QUADRINHOS

Maus: a história de um sobrevivente

Art Spiegelman • CIA. DAS LETRAS

A luta de seu pai, um judeu polonês, para sobreviver ao holocausto, e os efeitos da guerra sobre as várias gerações de sua família são os principais temas abordados por Spiegelman. Numa referência às imagens de propaganda nazista, que mostravam os poloneses como porcos e os judeus como ratos (que, em alemão, significa “maus”), Spiegelman utiliza animais para retratar estes e outros grupos étnicos: os alemães são gatos, os franceses, sapos, os americanos cachorros, etc. O uso de antropomorfismo é uma técnica tradicional em desenhos animados e tiras de quadrinhos. Por causa desse recurso, a publicação da obra na Polônia foi adiada.

Pyongyang

Guy Delisle • EDITORA ZARABATANA

Pyongyang apresenta a visão de um canadense que passa dois meses na capital da Coreia do Norte, única dinastia comunista do mundo. Mesmo acompanhado de um guia e tradutor, que escolhe cuidadosamente aquilo que lhe será permitido ver, Delisle faz um relato interessante e muito pessoal de sua experiência em Pyongyang e arredores. As diferenças culturais e a dificuldade para se aproximar dos habitantes, receosos de estarem sendo vigiados pelo Estado, são alguns aspectos destacados pelo artista.

V de vingança

Alan Moore • EDITORA GLOBO

V de Vingança, versão em português para *V for Vendetta*, é uma série de histórias em quadrinhos escrita pelo britânico Alan Moore. A maior parte dos desenhos é de David Lloyd. Sucesso de crítica e público, a obra não agradou ao autor que retirou seu nome dos créditos. A história se passa no Reino Unido, em 1997, quando um misterioso anarquista, “V”, tenta destruir o Estado.

PERIÓDICOS

Revista Democracia Viva – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) –
Impressa e distribuída gratuitamente.

www.ibase.org.br





SITES

Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA)

www.cfemea.org.br

Organização não-governamental, sem fins lucrativos, o CFEMEA trabalha pela cidadania das mulheres e pela igualdade de gênero. De forma autônoma e suprapartidária, luta por uma sociedade e um Estado justos e democráticos.

A instituição participa, ativamente, do movimento nacional de mulheres, integra articulações e redes feministas internacionais, especialmente da América Latina, além de tomar parte em diferentes iniciativas de combate ao racismo.

Compromissos

- Defesa e ampliação da democracia.
- Superação das desigualdades e discriminações de gênero e raça/etnia.
- Afirmação da liberdade, autonomia, solidariedade e diversidade.

Fórum Nacional de Participação Popular

www.participacaopopular.org.br

Com o objetivo de renovar as instituições governamentais, enfrentar as práticas clientelistas que ainda vigoram e renovar as políticas muitas vezes autoritárias e conservadoras das organizações da sociedade civil, o FNPP propõe:

- Criação de uma plataforma de ações comuns que expresse nossa diversidade.
- Fortalecimento dos conselhos representativos da sociedade civil.
- Fortalecimento da organização autônoma da sociedade civil em fóruns, redes e articulações.
- Criação de mecanismos de participação e controle social sobre as decisões da política econômica.
- Mobilização dos diferentes sujeitos que lutam por uma sociedade democrática, baseada em um novo modelo de desenvolvimento, que não separe o plano econômico do social.
- Democratização e controle social sobre os meios de comunicação.
- Aperfeiçoamento dos mecanismos de democracia participativa em todas as esferas de governo, como orçamentos participativos, conferências e conselhos.





- Qualificação dos instrumentos de consulta e participação direta dos cidadãos e cidadãs como plebiscitos, referendos, projetos de lei de iniciativa popular e audiências públicas.
- Enfrentamento dos velhos problemas criticados na democracia representativa, que se repetem na democracia participativa.
- Reformulação dos mecanismos da democracia representativa, tanto em relação ao Legislativo como ao Executivo.
- Estabelecimento de uma relação mais orgânica com a sociedade brasileira, que não está organizada em estruturas associativas, criando uma alternativa para os não-incluídos.
- Utilizar novas metodologias, por meio de diversas linguagens, nas práticas de educação para a cidadania.

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase)

www.ibase.org.br

Monitora e apóia a formulação de políticas públicas. Seus campos de atuação prioritários são: o processo Fórum Social Mundial, alternativas democráticas à globalização, monitoramento de políticas públicas, democratização da cidade, segurança alimentar, economia solidária e responsabilidade social e ética nas organizações.

A missão do Ibase é a construção da democracia por meio do combate às desigualdades e do estímulo à participação cidadã. Para a instituição, democracia é cidadania ativa, de sujeitos sociais em luta nos locais em que vivem, agindo e construindo – com igualdade na diversidade – a sociedade civil, a economia e o poder.

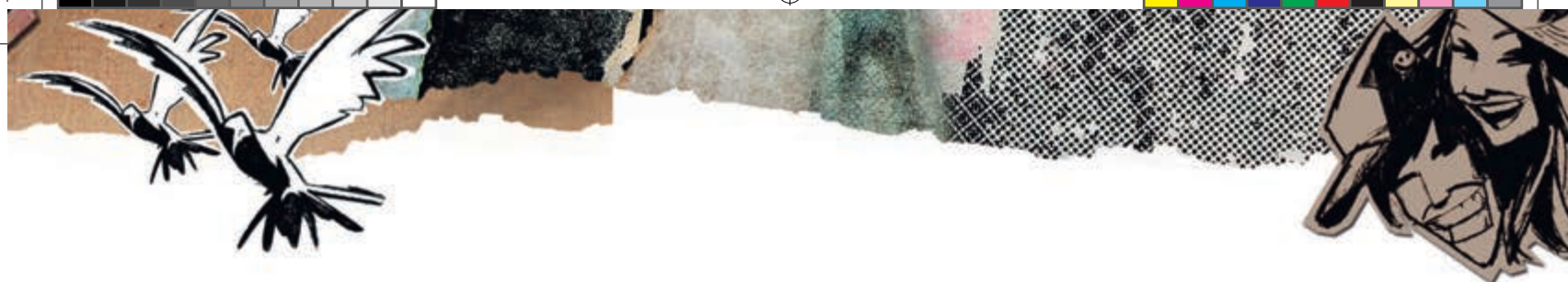
Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc)

<http://www.inesc.org.br/>

O Inesc é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, apartidária e com finalidade pública. Sua proposta é estimular o debate, contribuindo para a construção de um novo conceito de cidadania que agregue a ampliação da participação pública, da responsabilidade e da solidariedade social.

Entre os desafios da ação política da instituição podem-se citar a superação da pobreza e das desigualdades sociais; a reafirmação do conceito de direitos humanos (políticos e civis), econômicos, sociais, ambientais e culturais como parâmetro da construção da moderna cidadania; e o combate à exclusão social de amplas parcelas da sociedade brasileira.





Instituto Pólis

<http://www.polis.org.br/>

Fundado em 1987, o Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais – é uma organização não-governamental de atuação nacional, constituída como associação civil sem fins lucrativos, apartidária e pluralista. É reconhecida como entidade de utilidade pública nos âmbitos municipal, estadual e federal. Destaca-se por sua atuação no campo das políticas públicas e do desenvolvimento local. A cidadania, como conquista democrática, é o eixo articulador de sua intervenção dirigida à construção de cidades justas, sustentáveis e democráticas.

Pesquisa: Juventude brasileira e democracia – participação, esferas e políticas públicas, coordenada pelo Pólis e pelo Ibase, revela os anseios e demandas de jovens de sete regiões metropolitanas do Brasil e do Distrito Federal. Foram ouvidos 8 mil jovens de 15 a 24 anos, entre outubro de 2004 e maio de 2005. O objetivo do levantamento, financiado pelo International Development Research Centre (Canadá), foi conhecer o potencial de participação dos jovens na vida pública. Saiba mais em: <http://www.polis.org.br/publicacoes.asp>

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud)

<http://www.pnud.org.br/>

Rede global de desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU), presente em 166 países, seu objetivo central é o combate à pobreza. Trabalhando ao lado de governos, iniciativa privada e sociedade civil, o Pnud conecta países a conhecimentos, experiências e recursos, ajudando as pessoas a construir uma vida digna. O Programa implementa as soluções traçadas pelos países membros, num trabalho conjunto para fortalecer capacidades locais, proporcionar acesso a seus recursos humanos, técnicos e financeiros, à cooperação externa e à sua ampla rede de parceiros.

Pesquisa: A democracia na América Latina – Rumo a uma democracia de cidadãos e cidadãs – Pnud
<http://www.pnud.org.br/publicacoes/democracia/index.php>

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj)

<http://www.iuperj.br/biblioteca.php>

A biblioteca do Iuperj, especializada em ciências sociais, é uma das mais completas e atualizadas nessa área, no Rio de Janeiro. Fundada em 1965, seu acervo cobre, sobretudo, os campos da sociologia e da ciência política. Inclui, ainda, obras de filosofia política clássica e moderna, metodologia das ciências humanas e sociais, história social e teoria literária.





São aproximadamente 23.000 volumes e 400 títulos de periódicos nacionais e estrangeiros, também disponibilizados no Catálogo Coletivo Nacional (CCN) do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (Ibict), para comutação bibliográfica. A biblioteca adquiriu o *software* ARIEL que facilita a transmissão e recepção de documentos para usuários da internet.

JOGOS ELETRÔNICOS

Civilization

Criado por Sid Meier, é um dos mais inovadores jogos de computador. O objetivo do jogador é construir um império, atravessando as diversas fases da história da humanidade, desde a descoberta da roda, da matemática e da eletricidade, por exemplo, até a era espacial. Ao longo do tempo, para expandir seus domínios, ele precisa vencer muitas dificuldades. Nas primeiras versões, o único modo de alcançar a vitória era conquistando as outras civilizações. Nas mais recentes, a diplomacia, o desenvolvimento de uma cultura forte e uma boa administração também podem levar à vitória, numa alternativa às soluções bélicas normalmente encontradas em jogos de estratégia.

www.civilization.com

Freeciv

Desenvolvido para um ou mais jogadores, *Freeciv* simula um combate entre as grandes civilizações, em busca de poder e de novos territórios. O jogador pode escolher que civilização deseja comandar, entre as dezenas de opções de povos ou culturas de todos os continentes, em todas as épocas da história. No papel de comandante, pode enfrentar a insatisfação de seu povo ou mesmo revoltas, deve erguer cidades e estradas, distribuir fundos, orientar a pesquisa científica e escolher o regime político, conforme o momento histórico.

<http://freeciv.wikia.com/wiki/Pt:Freeciv>

